

MARIA LÚCIA VIEIRA

O NICOLAU, UM JORNAL CULTURAL

VOLUME III

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Édison José da Costa

CURITIBA

1999

CAPÍTULO IX

REPORTAGEM

Quem se coloca à margem da via principal de acesso a qualquer parte ou arte precisa encontrar trilhas, frinchas, fissuras por onde ir adiante.

(Dimas Floriani - Nicolau I, n° 11, p. 22).

Malu Maranhão

predios em constru-
em sótãos e quartos.
a, no Artur, no bar
do Ney, no Pome-
nelhor chope curiti-
us velhos e céticos.
io na Boca Maldita.
o está doente", quer
eso. A pontualidade
r coisa; 10 minutos
cal, com alternativa
ois. Telefone era só
o tinha importância.
não era confiável e
iva sempre olhar pa-
ndo se se estava sen-
etas Veraneio bran-
la cidade. "Era um
), eles invadiam até
admite o jornalista
ssessor da Secretaria
veu intensamente es-
as pessoas não fala-
com a possibilidade
de haver um agente
acia de Ordem Poli-
encalco
entos que substitui-
dos da era JK volta-
desvendados, com
ivos da Dops deter-
minador Roberto Re-
mo. Embora desfalte-
rior depuração —
rsidade Estadual de
rsidade Federal do
"ganmpagem" feita
segurança —, os ar-
ontam uma história
ante, de delações e
apalhadas dos agen-

nos arquivos deto-
muito maior do que
lor Requião, e o fato
a confirmação das
omente 'desapareci-
o jornalista Luiz Ge-
necedor profundo e
um dos poucos que
um distanciamento
i.
odo mundo era sus-
io se admitindo pro-
Do governador Ro-
lo secretário da Co-
Luiz Fábio Campa-
fichas, do ex-reitor
ersidade Federal do
muni, as inocentes
im Movimento Con-
Cambé, todos eram
tendências esquer-

mas tolerante

e, naturalmente, a
n duas fases distintas
neira de 1964 a 1968.
ecretado o Ato Insti-
ndo toda e qualquer
nto a primeira fase
espaço de manobra.
1-5, foi muito dura.

Os arquivos da repressão, um dos mais turvos episódios da história paranaense, tiveram suas pastas escancaradas pelo governo do Estado. Em clima de (sombrio) 'revival', a jornalista Malu Maranhão foi aos porões e trouxe à tona fatos e depoimentos exclusivos que retratam o obscurantismo entre nós.

os anos cinzentos



arquivos comprovam mortes

A abertura dos arquivos da Dops, determinada pelo atual governo do Paraná, permitiu a várias famílias descobrir o que aconteceu com pais, filhos e irmãos que até então constavam como desaparecidos. Graças ao trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras Maria Amélia Telles e Susana Keriger Lisboa, enviadas pela prefeitura de São Paulo, Luiza Erundina, que durante uma semana vasculharam os arquivos para encontrar informações que pudessem ajudar a identificar as ossadas do cemitério clandestino de Perus, a morte dos estudantes Antônio dos Três Reis de Oliveira e José Idéssio Brianzi, ambos de Apucarana, foi confirmada.

"Em 1973, eu trabalhava no jornal Diário do Paraná", quando recebi um telex da UPI — United Press Internacional, onde a Anistia Internacional e a Igreja Católica denunciavam a morte de nove pessoas no Brasil. Uma delas era meu irmão", diz Maria do Socorro de Oliveira, irmã de Antônio, jornalista e assessora do Porto de Paranaguá. Desde que foi preso, em 1968, no congresso da UNE em Ibitina, ele não manteve mais contato com a família. As fichas da Dops permitiram saber como ocorreu a morte de Antônio de Oliveira.

Ele era militante da ALN — Aliança Libertadora Nacional — e estava escondido em São Paulo em companhia de outra militante, Alceci Maria Gomes da Silva, quando no dia 10 de maio de 1970 a casa foi cercada, não se sabe ao certo se pela polícia, Exército ou outra organização paramilitar. Eles se esconderam no forro, mas os agentes perceberam e metralharam os dois.

O estudante José Idéssio Brianzi foi morto a tiros em 14 de abril de 1970, quando lia um jornal numa pensão perto do aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Foi feita à família uma comunicação verbal da morte. O seu pai, Paulino Brianzi, recebeu os restos mortais em um saco de plástico, mas que não correspondiam à altura, arcada dentária e cor do cabelo de José Idéssio.

Para João Paulo e Leila Wright, o arquivo da Dops possibilitou a primeira prova oficial de que seu pai, o deputado pelo PSP — Partido Social Progressista de Santa Catarina, Paulo Wright, estava morto. Em sua base de operações do III Exército, ao lado do nome de Paulo Wright estava escrita a mão a palavra "falecido". Ele militava na Ação Popular e tinha entrado na clandestinidade em 1964. Costumava visitar a família na chácara onde ela vivia, nos arredores de Curitiba. João Paulo e Leila eram crianças, mas recordam com carinho as visitas do pai. "Ele se arriscava muito para nos ver", diz João Paulo.

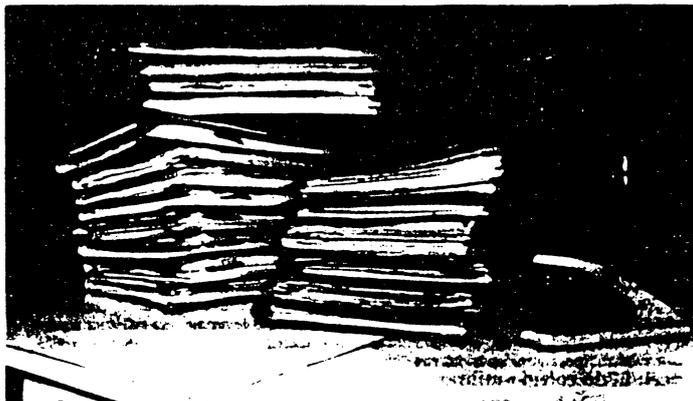
Desde 1973, Paulo Wright desaparecera e a única informação foi a de uma enfermeira, que o tinha visto na prisão, todo ensanguentado, depois de uma sessão de tortura. Para descobrir o paradeiro do deputado, a família fez o que pôde. Seu irmão, o pastor Jaime Wright — que foi o coordenador, juntamente com o cardinal Paulo Evaristo Arns, das pesquisas que resultaram no livro *Tortura Nunca Mais* —, recorreu à ajuda da Anistia Internacional, em vão. "Intimamente já sabíamos que o nosso pai estava morto. Agora, porém, temos a prova e a possibilidade de entrar na justiça contra o III Exército para saber como morreu e onde foi enterrado", define João Paulo.



je possa parecer, em am-
a Curitiba da classe mé-
dora, cartorial, se com-
oi tolerante. "As pessoas
pendurar os comunistas
quina e a cidade foi me-
na postura conservadora
horizonte, por exemplo.
o foi violentíssima contra
estudantil e como reação
o que entrou na luta ar-
a", define o procurador-
lo, Carlos Frederico Ma-
dantil no final dos anos

sta Luiz Geraldo Mazza
: a uma geração anterior
rimento estudantil — re-
anos imediatamente an-
pe de 64 a cidade, como
na numa espécie de anes-
ido. De outro, uma espe-
ominava as pessoas que
r as estruturas do país.
posição ingênua de acre-
intelectuais, poderíamos
lo avesso. Os trabalha-
a CGT — Central Geral
lores, os estudantes na
o Nacional dos Estuda-
entro Popular de Cultura
za que mudariam o mun-
uma organização estra-
e denominava União Es-
ário-Camponesa, como
el reunir setores tão dis-
jade", analisa Mazza.
tudo, afirma o jornalis-
ntido de zombaria muito
ação à força da direita.
zamos aquelas marchas
stólicas com Deus e pela
chamávamos de marcha-
ia. Por isso, Mazza se re-
sar do movimento de re-
formou em 1961 após
: Jânio Quadros, para
dade. Movimento defla-
ção governador do Rio
, Leonel Brizola.
de, era até um clima pa-
que se formou na União
, a tal resistência. O Ibe-
mais tarde prefeito de
em organizou a resistên-
cia pegar em armas. Ele
simpático, mas a coisa
sua, parecia reunião de
o de Tradição Gaúcha,
a coisa não pegou, tanto
s o Iberê se candidatou
eve uma votação muito

s importante acontecido
segundo Mazza, foi a
alistas. Os bancários ti-
o um pouco antes uma
um vacilo do presidente
nistão Fernandes, dissol-
tes, fracassou. No mes-
3, os jornalistas fizeram
n apoio dos gráficos e,
dias sem jornal, ela aca-
"O interessante é que
consta dos arquivos da
anto, todos nós respon-
vênto militar", lembra.
sio o golpe e ele foi bem



trocando mais de país do que de sapatos

"Trocando mais de país do que de sapatos." Esta frase de um poema de Bertolt Brecht define muito bem a experiência vivida por aqueles que por força da repressão foram obrigados a fugir e durante anos passar de um país para outro. "A gente virou uma espécie de cigano, sem patria, andando de um lado para outro", constata o advogado Carlos Frederico Mares, procurador-geral do Estado, que passou nove anos exilado e acabou como assessor jurídico do governo de São Tomé e Príncipe, país que foi antiga colônia portuguesa situado no golfo da Guiné, na África.

O exílio de Mares começou em 1970 e devido a um fato que ainda hoje ele considera absurdo. Na época, era presidente do DCE — Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Paraná — e o Exército prendeu cinco estudantes. "A coisa foi tão absurda que eu escrevi um manifesto com o apoio de toda a população, dizendo que o Exército tinha abdicado da função de ser o guardião da nação, para fazer o papel de polícia. Afinal, que a Dops prendesse estudantes nos já estávamos acostumados, mas não o Exército", recorda.

Por conta do manifesto, Mares foi acusado de insultar a população contra as Forças Armadas e recebeu uma pena de um ano de prisão. Antes disso, ele fugiu e foi para o Uruguai, onde ficou um ano trabalhando numa editora com o grande poeta e escritor Mario Benedetti. As coisas, porém, não estavam fáceis no Uruguai. "Eu era detido a todo instante pela polícia para interrogatório", diz Mares. Assim, ele arrumou as malas novamente e foi para o Chile, na época o país mais democrático da América Latina, com o governo da Unidad Popular de Salvador Allende.

No Chile, trabalhou numa gráfica "e até hoje sei como compor e rodar um jornal". Em 1973, aconteceu o golpe no país e Mares acabou refugiado na embaixada da Venezuela, onde ficou por três meses. A Venezuela não aceitava refugiados que não fossem chilenos, mas o governo conseguiu para ele, através da ONU — Organização das Nações Unidas, um passaporte para a Dinamarca.

"E lá fui eu outra vez, agora para um país cuja língua eu não conhecia", conta. O dinamarquês que fala até hoje foi razoavelmente fácil aprender. Difícil era conseguir emprego na área jurídica. Por isso, Mares considerou uma bênção quando os países da África, antigas colônias portuguesas, alcançaram a independência em 1975. "Os exilados brasileiros, com raras exceções, tinham curso universitário e, o mais importante, falavam português. Por isso, fomos logo requisitados por esses governos", explica.

Ele foi para Moçambique e estava lá quando veio a oferta de São Tomé e Príncipe. "Eu era um dos raros exilados que tinha experiência jurídica e o presidente de São Tomé, Manuel Pinto da Costa — que, aliás, é presidente até hoje — me convidou para ser assessor jurídico de seu governo. Fiquei dois anos." Mares descreve o país, formado por duas ilhas, como um paraíso tropical no golfo da Guiné. Até um paraíso, porém, tem seus inconvenientes. Jornais trazendo notícias do "mundo exterior" levavam 15 dias para chegar a São Tomé. Uma carta do Brasil, quase um mês.

Por isso, em junho de 1979, Carlos Mares decidiu voltar a Portugal. "Eu sabia que a anistia estava para sair e se continuasse em São Tomé teria a notícia com atraso de pelo menos 15 dias. Estava tão alito que o presidente Costa, uma pessoa sensível, entendeu meu problema e, apesar de faltarem seis meses para terminar meu contrato, fui liberado", diz.

A volta depois de nove anos de exílio não foi difícil como ele esperava. "A sensação foi que depois de uma longa jornada eu estava em casa novamente e, como o filho prodigo, a cidade me recebeu muito bem", constata. Surpreso, ele recebeu vários convites para trabalhar, até de um deputado do PDS "que odiava comunistas".

Trajétoria semelhante, pulando de um país para outro, e bem mais traumática, viveu o atual presidente do ITCE — Instituto de Terras, Cartografia e Florestas, Vitório Sorotouk. Depois do congresso de Ibiúna ele ficou quase dois anos preso, impedido de continuar o curso de Direito, viu a maioria dos amigos presos, mortos ou desaparecidos. "Não podia viver na legalidade e também não queria a clandestinidade", resume.

Por isso foi para o Chile, onde ficou dois anos, até que o golpe que depôs o presidente Allende o apanhou em cheio. Foi preso no Estádio Nacional e passou 45 dias num campo de concentração. Através da ONU, conseguiu um passaporte e foi primeiro para a Suíça e depois para a França. Ficou em Paris até 1979, quando voltou com o primeiro grupo de brasileiros. "Foi doloroso, foi terrível, a repressão roubou anos de minha vida, mas tive sorte. Consegui dar a volta por cima e ter algumas boas recordações, principalmente da solidariedade que recebi", afirma.



REPORTAGEM: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ANDRADE, Fernanda. *Azar: Incêndio consome acervo do Simbolismo no Paraná*. I (n° 3): 21, set. 87.

ARRUDA, João. *O Porto seguro de Tomi Nakagawa*. I (n° 12): 12, 13, jun. 88.

Com o primeiro grupo de imigrantes vindo do Japão, no navio Kasato-Maru, em 1908, aportou Tomi, ainda menina, no colo dos pais. Hoje, com 81 anos, 7 filhos, 30 netos e 19 bisnetos, Tomi sente-se brasileira, e tem no Brasil seu porto seguro.

BAPTISTA, Christine Vianna. *Escola de bellas artes e indústrias do Paraná*. II (n° 16): 20-22, out. 88.

Arte e ofício de Mariano de Lima na Curitiba da virada do século.

BOND, Rosana. *Caderno de viagens*. I (n° 1), 20, jul. 87.

Descrição de Chiloé, um arquipélago formado por 23 ilhas, no sul do Chile, pré-Antártida. Chiloé é caminho para o canal de Beagle, onde argentinos e chilenos se estapearam, anos atrás, pela posse de Lenox, Picton e

Nueva, três ilhotas que dormem sobre um colchão de petróleo.

BRANCO, Renée Castelo. *Marrakesh, now*. VII (n° 52): 08, 09, mar., abr. 94.

Diário de viagem, que relata os novos costumes de Marrakesh.

BUCHMANN, Ernani. *Grêmio esportivo República do Sul*. VI (n° 45): 12, 13, set., out. 92.

O publicitário Ernani Buchmann relata "causos" e anedotas que marcaram a trajetória de alguns times de futebol da região sul.

CANESE, Jorge. *Paraguay: Erro geográfico. Desenho de Lívio Abramo*. I (n° 6): 17, dez. 87.

Paraguai, país pequeno-mediterrâneo encravado em/entre vários "grandes" da América Latina.

CERVI, Rejane de Medeiros. *A Universidade brasileira começou aqui: Curitiba 1912*. I (n° 6): 19, dez. 87.

Um dos mais altos vãos da vontade de Rocha Pombo, levado a cabo por Víctor do Amaral e Nilo Cairo: há 75 anos lançava-se a pedra fundamental da 1ª instituição de ensino superior no Brasil, a Universidade do Paraná.

COUTINHO, Edilberto. *As guerras perdidas do Brasil*. II (n° 14): 9, ago. 88.

Edilberto Coutinho, autor de *Maracanã, adeus*. (prêmio Casa de Las Américas, 1980), fala das perdas e, entre mortos e feridos, dos ganhos do futebol brasileiro.

CUNHA, Lúcia Helena. *Tempo. Tempo. Tempo. Tempo. (O ritmo cotidiano do pescador artesanal)*. III (n° 26): 18, ago. 89.

Relato sobre os pescadores artesanais de Barra da Lagoa, Ilha de Florianópolis, Santa Catarina.

DOMINGOS, Sérgio. *Índios*. III (n° 22): 4, 5, abr. 89.

O filósofo abandonou os clássicos e a vida urbana para morar com os craô do Tocantins. Relato que deixou numa de suas passagens por Curitiba.

FLORIANI, Dimas. *O que é movimento alternativo?* I (n° 11): 22, maio 88.

"Quem se coloca à margem da via principal de acesso a qualquer parte ou arte precisa encontrar trilhas, frinchas, fissuras por onde ir adiante."

HELLER, Milton Ivan. *A escravidão no Paraná*. III (n° 22): 10, 11, abr. 89.

História do trabalho escravo aqui no Paraná, que deixou de existir, simbolicamente, com a Lei Áurea. Reflexão: a que ponto chegamos?

———, *Os índios entre a cruz e a espada*. IV (n° 35): 10-12, out., nov. 90.

Revisita a história aborígene de nosso país.

LANGE, Ribas Roberto. *O homem e a Ilha do Mel*. I (n° 3): 10-12, set. 87.

O texto fala do relacionamento humano com a Ilha do Mel, sem ser mais necessário falar de sua beleza natural.

LEMINSKI, Paulo. *Em busca do templo perdido*. (A Gana de Durar). (n° 3): 24, set. 87.

Explica porque o Templo das Sete Musas, sede do Instituto Neopitagórico, criado por Dário Velloso, pegou fogo na noite de 24 de agosto de 1987.

LONGO, Luís Pedro. *Viagem aos quatro continentes*. I (n° 8): 9, fev. 88.

O paranaense Pedro Longo, há dois anos, presidente nacional da juventude do PMDB, narra o registro do simples e curioso turista, aos países socialistas.

(Polônia católica, a Coréia e a Romênia, a Hungria e outros...).

LOPES, Adélia Maria. *Os negros dos Campos Gerais: Sem zumbi nem Lei Áurea*. I (n° 5): 12, 13, nov. 87.

Cercadas por colonizações alemã, russa, holandesa e eslava, pequenas comunidades de descendentes africanos teimam em sobreviver nos Campos Gerais do Paraná.

———, *Um mundo bizarro longe deste insensato mundo*. I (n° 2): 22, 23, ago. 87.

Aluminosa, norte do Paraná, um pequeno espaço rural ausente dos mapas, próximo ao Rio Paranapanema.

———, *Reportagem. A louca do túnel de março de meu país*. I (n° 9): 10, 11, mar. 88.

Jubybia Jupyra Barreto de Faria é uma das muitas mães brasileiras que protagonizaram a luta por seus filhos presos no pós-64. Este depoimento integrará um dos textos do livro. *Resistência Democrática*, coordenado pelo jornalista Milton Ivan Heller, em que é documentada a memória da repressão e da resistência em território paranaense.

——, *Curitiba, um negócio da China*. I (n° 10): 16-18, abr. 88.

"Temos no Paraná, de maneira expressiva, todas as etnias, e sem contar ainda paulistas, nordestinos."

——, *A estética do mito e da esperança*. I (n° 11): 10, 11, maio 88.

Henrique Aragão, artista, autor de um Cristo em latão pesando 450 quilos, recolhido na Casa de Artes e Ofícios Paulo VI, em Ibiporã, estado do Paraná.

——, *As guerreiras do contestado*. IV (n° 29): 8-10, jan. 90.

Relato sobre as mulheres na Guerra do Contestado.

——, *Uma real "ciudad" espanhola no Paraná: aventura em busca do elo perdido*. III (n° 26): 19-21 ago. 89.

Na vila extinta de Nova Cantu, centro-oeste do Paraná, acreditam os pesquisadores, viveram 40 espanhóis e 3.000 índios, há mais de 400 anos. (Viagem ao passado)

LOPES, Garcia Rodrigo. *Argonautas em Superaguy*. III (n° 24): 4-6, jun. 89.

Ilha de Superaguy, situada na costa norte paranaense, num raio de 200 milhas da costa.

MACEDO, Rafael Greca de. *Um palácio de pinho do Paraná na região de Irati*. I (n° 8): 20, 21, fev. 88.

O objetivo da matéria é conquistar o interesse do povo para a evidente necessidade da memória. Trata-se da casa-sede da antiga serraria de Inácio de Paula França, major da guarda nacional, famoso no início do século.

MAGALHÃES, João Carlos. *Terceiro milênio*. III (n° 21): 12, 13, mar. 89.

"No meio de uma roleta russa, onde o menor erro pode ser o fim, o ano 2000 nos olha ameaçadoramente do escuro do futuro e propõe uma discussão: o que vai ser de toda essa confusão?"

MAGNANI, José Guilherme Cantor & Jurandir Rios Garçon: *Último olhar sobre a serra*. I (n° 1): 25, jul. 87.

O texto relata a proposta do tombamento da serra do mar, em novembro de 1985. Renovação da forma de pensar e agir com relação à cultura e ao patrimônio, no âmbito de um órgão do estado.

MANFREDINI, Luiz. *Gezuar Shqiperi! Um brinde à Albânia*. I (n° 3): 20, set. 87.

O texto saúda o pequeno e valente "País das Águias": Gezuar, Shqiperi.

MARANHÃO, Malu. *Reportagem: Nuvem negra sobre as araucárias*. (n° 8): 10-12, fev. 88.

Araucária é um município de 70 mil habitantes, situado a 25 quilômetros de Curitiba, e que, há 10 anos, desde a instalação de um pólo petroquímico, está convivendo com a poluição.

———, *Viagem ao país dos seringueiros*. II (n° 14): 13, ago. 88.

A jornalista relata sua viagem ao Acre e sua experiência com a ayahuasca - mistura alucinógena de cipó e ervas, usada nos rituais indígenas.

———, *Os anos cinzentos*. V (n° 40): 12-15, ago., set. 91.

Fatos e depoimentos exclusivos que retratam a repressão, um dos mais turvos episódios da história paranaense.

MARÉS, Carlos. *Os índios e a constituinte*. I (n° 5): 16, nov. 87.

Consultor jurídico da Comissão Pró-índio, ocupa-se com a questão quase abandonada da existência de grupos humanos que vivem absoluta ou parcialmente à margem das instituições jurídicas de nossa sociedade.

MENDONÇA, Nadir. *Categorias profissionais: preconceitos*. I (n° 11): 16, maio 88.

Preconceitos que vêm em prejuízo, clara ou veladamente, de relações mais justas entre os homens.

MONTEIRO, Nilson. *Nanicos, rebeldes, combatentes*. II (n° 14): 20-23, ago. 88.

Os poderosos "nanicos", criaram um espaço de resistência e respiração no rarefeito ar da imprensa brasileira.

———, *Como era gostoso o meu Paraná*. III (n° 27): 10-13, set., out., nov. 89.

Relato dos anos 60.

NEGRÃO, Télia. *As Áfricas que eu vi*. I (n° 5): 9, nov. 87.

Batalhas várias, a resistência de um povo guerreiro, revelado por uma brasileira que, em 85, fez uma viagem político-cultural ao continente que mantém, na adversidade, uma forte unidade cultural.

———, *A questão da mulher*. I (n° 9): 16, mar. 88.

Analisa a questão do movimento de mulheres e como se comporta este segmento diante do desafio de sua emancipação.

NETO, Miguel Sanches. *Hasta mañana Peru*. III (n° 20): 4, fev. 89.

Neste diário de bordo, Miguel Sanches viaja entre lhamas e pirados e traz sua aventura em plagas peruanas.

NICOLAU. *No outubro lavrador do sudoeste, O povo toma a estrela do xerife*. I (n° 4): 20, 21, out.87.

Nicolau, homenageia os 30 anos da Revolta com as fotos já clássicas do mestre Oswaldo Jansen. Ele estava lá no dia em que os jagunços da Clevelândia Industrial e Territorial precisavam mudar às pressas de endereço.

———, *Pergunta: O que a cultura pode fazer pelo Estado?* IV (n° 35): 18, 19, out., nov. 90.

Perguntas feitas a alguns secretários de cultura.

———, *Vozes da terra*. IV (n° 34): 10-12, ago., set. 90.

Às vésperas dos 120 anos da imigração polonesa no Paraná, *Nicolau* mergulha de cabeça na história polaca e ouve a voz dos seus antepassados.

OSTERNAK, Régis. *Encontro de museus*. III (n° 20): 16, fev. 89.

Os museus procuram travar diálogo com as novas gerações.

RODRIGO, Garcia Lopes. *Argonautas, em Superaguy*. III (n° 24): 4-6, jun. 89.

Ilha de Superaguy, situada na costa norte paranaense, no raio de 200 milhas da costa.

REPORTAGEM de Nicolau. *Turismo underground*. III (n° 23): 4, 5, maio 89.

Fotografias de Haraton Maravalhas e do espeleólogo Ítalo Sessegolo Júnior. Exploração e registro da gruta da Lancinha, na região de Rio Branco do Sul.

ROSA, Luiz Pinguelli. *Lições para não esquecer*. I (n° 7): 22, 23, jan. 88.

Nicolau lembra o acidente com o vazamento do Césio em Goiânia, em 23 de set. 87. Ao lado é publicado o poema manifesto de José Carlos Capinan.

SAMWAYS, Marilda. *Curityba. Belle époque. Aos pés do antigo*. VI (n° 43): 20-23, set., out. 92.

A pesquisadora rememora Curityba do início do século.

STADEN, Hans. *Memórias do país selvagem*. VI (n° 47): 24, 25, mar., abr. 93.

Crônica sangrenta de um ritual antropofágico entre os Tupinambás.

TEIXEIRA, Geraldo. *Ilha Michaud, vida, pesca e dor*. I (n° 1), 10-12, jul. 87.

Longe do porto Pedro II, começa em Paranaguá esta viagem em busca das emoções dos primeiros imigrantes europeus a se instalarem no litoral do Paraná depois dos portugueses. Um dos personagens desta história é o artista plástico Willian Michaud. O texto descreve a península onde morou, de dezembro até a sua morte, em 1902. O texto contém mostras de fotografias dos lugares mais pitorescos.

———, *A Caminho do Pôr-do-Sol*. I (n° 2): 8-10, ago. 87.

Reportagem sobre a estrada do colono (às margens do Iguaçu) fechada ao tráfego de veículos desde o dia 10 de setembro de 1986, por força de decisão judicial.

WACHOWICZ, Ruy. *Lapa. Passagem para o futuro*. III (n° 28): 20, 21, dez. 89.

Expõe a cidade da Lapa, importante local paranaense, a 67 km. de Curitiba.

———, *Maria Bueno, a Gabriela curitibana*. VI (n° 45): 22, 23, set., out. 92.

Maria Bueno, morta em 1893 é, até hoje, cultuada como santa. Ruy Wachowicz desmonta o mito.

———, *História das histórias da Rua XV*. VIII (n° 55): 08-11, set., out. 94.

O historiador relata pulsões, cenários da Rua XV.

VAZ, Toninho Martins. *Altos e baixos. (diário de Manhattan)*. IV (n° 36): 20, 21, dez. 90/jan. 91.

Diário de Viagem do viajero Toninho Martins Vaz.

REPORTAGEM: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 10-12, jul. 87. *Ilha Michaud, vida, pesca e dor.*

Geraldo Teixeira.

Relato de uma viagem em busca das emoções dos primeiros imigrantes europeus a se instalarem no litoral do Paraná, depois dos portugueses, como Willian Michaud, artista plástico.

NICOLAU I (nº 1): 20, jul. 87. *Caderno de viagens*

Rosana Bond.

Relato de uma viagem a Chiloé, um arquipélago formado por 23 ilhas, no sul do Chile, pré-Antártida. "Chiloé é caminho para o canal de Beagle, onde argentinos e chilenos se estapearam, anos atrás, pela posse de Lenox, Picton e Nueva, três ilhotas que dormem sobre um colchão de petróleo".

NICOLAU I, (nº2): 22, 23. ago. 87. *Um mundo bizarro longe deste insensato mundo.*

Adélia Maria Lopes.

Relato de uma viagem a Aluminosa, um pequeno espaço rural, ausente dos mapas, próximo ao Rio Paranapanema, no

norte paranaense, em busca de uma obra de um visionário, um lavrador de 64 anos, cego desde 1979, chamado José de Freitas Miranda, escultor.

NICOLAU I (n° 2): 8-10, jan. 87. *A Caminho do Pôr-do-Sol.*

Geraldo Teixeira.

Reportagem sobre a estrada do colono, às margens do Iguaçu, segmento de quase 20 quilômetros da Rodovia PR-163, que liga Medianeira a Capanema, fechada ao tráfego de veículos por decisão judicial, desde o dia 10 de setembro de 1986.

NICOLAU I (n° 3): 21, set. 87. *Azar: Incêndio consome acervo do Simbolismo no Paraná.*

Fernanda Andrade.

Relato de um incêndio ocorrido na madrugada do dia 25 de agosto de 1987, povoado por causas ainda desconhecias, destruindo 15 mil volumes do acervo do Instituto Neopitagórico fundado em 1909 pelo poeta e professor Dario Vellozo.

NICOLAU I (n° 3): 10-12, set. 87. *O homem e a Ilha do Mel.*

Ribas Roberto Lange.

O texto aborda questões não em relação às belezas da natureza primitiva da Ilha do Mel, mas do relacionamento

humano com a mesma. Analisando o turismo em particular, a especulação imobiliária, esperando enfim, que os órgãos competentes (recente Grupo de Trabalho integrado por onze Secretários de Estado) apresentem soluções para tais necessidades sociais.

NICOLAU I (nº 3): 24, set. 87. *Em busca do templo perdido. (A Gana de Durar).*

Paulo Leminski.

Tentativa de explicar por que o Templo das Sete Musas, sede do Instituto Neopitagórico pegou fogo na noite de 24 de agosto de 1987.

NICOLAU I (nº 3): 20, set. 87. *Gezuar Shqiperi! Um brinde à Albânia.*

Luiz Manfredini.

O texto saúda o pequeno e valente "País das Águias": Gezuar, Shqiperi.

NICOLAU I (nº 4): 20, 21, out. 87. *No outubro lavrador do sudoeste. O povo toma a estrela do xerife.*

Nicolau, homenageia os 30 anos da Revolta, acontecimento ocorrido no ano de 57 que culminou com a tomada de Francisco Beltrão por milhares de posseiros. Fotos de Oswaldo Jansen.

NICOLAU I (nº 5): 12, 13, nov. 87. *Os negros dos Campos Gerais: Sem Zumbi nem Lei Áurea.*

Adélia Maria Lopes.

Cercadas por colonizações alemã, russa, holandesa e eslava, o texto relata sobre pequenas comunidades de descendentes africanos que teimam em sobreviver nos Campos Gerais do Paraná, onde até mesmo se abrigou uma experiência italiana anarquista.

NICOLAU I (nº 5): 9, nov. 87. *As Áfricas que eu vi.*

Télia Negrão.

Relato de uma viagem ao Kênia rumo à Conferência da ONU para os direitos da mulher em 85, observando, entre outros aspectos, que a África é um continente que mantém, na adversidade, uma forte unidade cultural.

NICOLAU I (nº 6): 19, dez. 87. *A Universidade brasileira começou aqui: Curitiba 1912.*

Rejane de Medeiros Cervi.

Um dos mais altos vôos da vontade de Rocha Pombo, levado a cabo por Víctor do Amaral e Nilo Cairo: há 75 anos lançava-se a pedra fundamental da 1ª instituição de ensino superior no Brasil, a Universidade do Paraná.

NICOLAU I (n° 6): 17, dez. 87. *Paraguai, país pequeno-mediterrâneo encravado em entre vários "grandes" da América Latina.*

NICOLAU I (n° 7): 22, 23, jan. 88. *Lições para não esquecer.*

Luiz Pinguelli Rosa.

Nicolau relata o acidente com o vazamento do Césio em Goiânia, em 23 de set. 87. Na página seguinte publica o poema manifesto de José Carlos Capinan.

NICOLAU I (n° 8): 20, 21, fev. 88. *Um palácio de pinho do Paraná na região de Irati.*

Rafael Greca de Macedo.

Descrição de um casarão, sede da antiga serraria feito em tábuas de pinho, junto a um povoado de casas operárias no meio da Floresta Nacional de Irati, que necessita de preservação e reciclagem de uso.

NICOLAU (n° 8): 10-12, fev. 88. *Reportagem: Nuvem negra sobre as araucárias.*

Malu Maranhão.

Matéria sobre Araucária, município de 70 mil habitantes, situado a 25 quilômetros de Curitiba, e que há 10 anos, desde a instalação de um pólo petroquímico, está convivendo com a poluição.

NICOLAU I (n° 8): 9, fev. 88. Viagem aos quatro continentes.

Pedro Luís Longo.

Narração de uma viagem para representar o Brasil na reunião do Comitê Executivo da Federação Mundial da Juventude Democrática em Pyongyang, capital da Coreia do Norte.

NICOLAU I (n° 9): 16, mar. 88. A questão da mulher.

Télia Negrão.

Texto analisando questões como a teórica do sexismo, com seguidoras em todo o mundo, o feminismo que, durante algum tempo, foi visto e tratado como uma briga de mulheres contra os homens, como a corrente emancipacionista em relação à luta pelo direito ao trabalho, entre outros aspectos.

NICOLAU I (n° 9): 10, 11, mar. 88. Reportagem. A louca do túnel de março de meu país.

Adélia Maria Lopes.

Relato de Jubybia Jupyra Barreto de Faria, uma das muitas mães brasileiras que protagonizaram a luta por seus filhos presos no pós-64. Este depoimento integrará um dos textos do livro, *Resistência Democrática*, coordenado pelo jornalista Milton Ivan Heller, em que é documentada a

memória da repressão e da resistência em território paranaense, lançado em abril, pela secretaria da Cultura do Paraná.

NICOLAU I (n° 10): 16-18, abr. 88. *Curitiba, um negócio da China.*

Adélia Maria Lopes.

Reportagem que mostra como a comunidade chinesa está se manifestando culturalmente, oferecendo curso de mandarim, o idioma oficial da China, lembrando que os orientais no Brasil vem se destacando também nas artes plásticas como Manabru Mabe ou Helena Wong.

NICOLAU I (n° 11): 22, maio 88. *O que é movimento alternativo?*

Dimas Floriani.

O sociólogo propõe movimentos alternativos, como lutar pela sobrevivência dos índios pela preservação do meio ambiente contra a instalação de centrais nucleares e a indústria bélica, pelo saneamento urbano básico, contra os agrotóxicos e seus representantes nacionais e internacionais, entre outros aspectos.

NICOLAU I (n° 11): 16, maio 88. *Categorias profissionais: preconceitos.*

Nadir Mendonça.

Os profissionais de História da UFMS, fazem uma avaliação sobre os preconceitos nas categorias profissionais, que vêm em prejuízo clara ou veladamente sobre as relações mais justas entre os homens.

NICOLAU I (n° 11): 10, 11, maio 88. *A estética do mito e da esperança.*

Adélia Maria Lopes.

A jornalista, viaja em busca de um homem cuja arte é o espelho da esperança e do mito, Henrique Aragão, o autor de um Cristo em latão pesando 450 quilos e com sete metros de altura a salvo antes de virar sucata, no Museu de História Padre Carlos Veiss, da Universidade Estadual de Londrina.

NICOLAU I (n° 12): 12, 13, jun. 88. *O Porto seguro de Tomi Nakagawa.*

João Arruda.

O jornalista faz um relato sobre Tomi Nakagawa, imigrante japonesa que chegou ao Brasil em 1908, desde o início do século, trabalhando a terra brasileira, semeando frutos e flores.

NICOLAU II (n° 14): 20-23, ago. 88. *Nanicos, rebeldes, combatentes.*

Nilson Monteiro.

O jornalista mostra numa geral das alternativas paranaense, os poderosos "nanicos", do alto de sua marginalidade criando num espaço de resistência e respiração no rarefeito ar da imprensa brasileira, polemizando, inventando, documentando o avesso das medalhas!

NICOLAU II (nº 14): 9, ago. 88. *As guerras perdidas do Brasil.*

Edilberto Coutinho.

Relata as perdas e ganhos do futebol brasileiro como a Copa do Mundo em Buenos Aires em 1978, 1970 no México e 1986, quando a França se tornou vencedora.

NICOLAU II (nº 14): 13, ago. 88. *Viagem ao país dos seringueiros.*

Malu Maranhão.

A repórter relata sua viagem à floresta amazônica no Acre onde índios, seringueiros e seringais foram ameaçados pela oligarquia local e pelos latifundiários poderosos que ordenaram o abate de árvores e de gente.

NICOLAU II (nº 16): 20-22, out. 88. *Escola de bellas artes e indústrias do Paraná.*

Christine Vianna Baptista.

A pesquisadora resgata nestes textos o projeto do luso Antônio Mariano de Lima para a construção de sua escola, iniciada na antiga rua Aquidaban e interrompida quando o artista saiu da Cidade, em 1900, e demolida no início do século.

NICOLAU III (n° 20): 4, fev. 89. *Hasta mañana Peru.*

Miguel Sanches Neto.

Relato de viagem ao Peru, país com um passado de saques, sangue e cobiça espanhola, exemplo de uma latinidade pós-moderna.

NICOLAU III (n° 20): 16, fev. 89. *Encontro de museus.*

Régis Osternak.

Nicolau entrevista museólogos, artistas plásticos e historiadores, visando a descobrir alternativas para superar a dialética com as novas gerações através de uma forma que desperte o interesse pelo passado e pelo que se produz hoje, para não se perder o bonde da história no futuro.

NICOLAU III (n° 21): 12, 13, mar. 89. *Terceiro milênio.*

João Carlos Magalhães.

Previsões para o ano 2000, tecendo considerações sobre a mitologia do fim do milênio repleta de signos que sempre provocaram no homem uma ansiedade sem limites.

NICOLAU III (n° 22): 4, 5, abr. 89. Índios.

Sérgio Domingos.

Relato de sua vivência com os índios, onde fala das grandezas e miséria em que esses se encontram.

NICOLAU III (n° 22): 10, 11, abr. 89. A escravidão no Paraná.

Milton Ivan Heller.

Relato do trabalho escravo no Paraná, resultado de uma postura ideológica de podres pseudo-poderes.

NICOLAU III (n° 22): 18-22, abr. 89. Quem matou Miguel Bakum?

Rodrigo Garcia Lopes, Joaquim Esteves e Eliane Prolik.

Tributo à vida-obra do artista plástico paranaense.

NICOLAU III (n° 23): 4, 5, maio 89. Turismo underground.

Reportagem de Nicolau (Turismo underground) descrição da gruta da Lancinha, na região de Rio Branco do Sul, conhecida desde os anos 30 e tombada pelo Patrimônio do Estado em 88, considerada a maior caverna encontrada no estado, das 100 cadastradas.

NICOLAU III (n° 23): 20, 21, maio 89. *As mãos pensantes de João Turin.*

Iara Rossini e Roti Nieba Turin.

Observações sobre a obra de João Turin, artista plástico paranaense.

NICOLAU III (n° 24): 4-6, jun. 89. *Argonautas, em Superaguy.*

Garcia Lopes Rodrigo.

Descrição da ilha de Superaguy, situada na costa norte paranaense, no raio de 200 milhas, recentemente transformada, com a Ilhas das Peças, em Parque Nacional.

NICOLAU III (n° 26): 18, ago. 89. *Tempo. Tempo. Tempo. Tempo.*
(*O ritmo cotidiano do pescador artesanal*).

Lúcia Helena Cunha.

Relato sobre os pescadores artesanais de Barra da Lagoa, Ilha de Florianópolis, Santa Catarina.

NICOLAU III (n° 26): 19-21, ago. 89. *Uma real "ciudad" espanhola no Paraná: aventura em busca do elo perdido.*

Adélia Maria Lopes.

Relato de um grupo de pesquisadores que localizaram uma colonização espanhola no município de Nova Cantu, centro-oeste do Paraná, onde viveram 40 espanhóis e 3.000 índios, há mais de 400 anos.

NICOLAU III (n° 27): 10-13, set., out., nov. 89. *Como era gostoso o meu Paraná.*

Nilson Monteiro.

Relato dos anos 60, quando o Presidente do país era Jânio Quadros e na rabeira dele crescendo no Paraná o major Ney Braga, recebendo apoio de vários intelectuais, entre outros acontecimentos.

NICOLAU III (n° 28): 20, 21, dez. 89. *Passagem para o futuro.*

Ruy Wachowicz e Vanderlei Rebelo.

Descrição da cidade da Lapa, importante cidade paranaense, a 67 km. de Curitiba, recentemente tombada, com uma história rica de acontecimentos.

NICOLAU IV (n° 29): 8-10, jan. 90. *As guerreiras do contestado.*

Adélia Maria Lopes.

Relato de uma guerra, chamada Contestado, envolvendo militares e forças políticas regionais contra camponeses envoltos em profecias, acontecida ao Sul do Brasil, pouco antes e durante a I Guerra Mundial.

NICOLAU IV (n° 34): 10-12. ago., set. 90. *Vozes da terra.*

Edwino Donato Tempski.

Relato da conduta da imigração polonesa e de sua descendência radical no Paraná, na voz dos seus antepassados, às vésperas dos 120 anos deste acontecimento.

NICOLAU IV (n° 35): 10-12, out., nov. 90. *Os índios entre a cruz e a espada.*

Milton Ivan Heller.

O jornalista revisita a primeira etapa da exploração do atual Estado do Paraná abrangendo o período que vai da descoberta do Brasil ao desbravamento pelos espanhóis.

NICOLAU IV (n° 35): 18, 19, out., nov. 90. *Pergunta: O que a cultura pode fazer pelo Estado?*

Aspásia Camargo, René Ariel Dotti, Carlos Jorge Appel e Humberto Espíndola, Secretários da Cultura respondem ao *Nicolau*, sobre o que a cultura pode fazer pelo estado do Paraná.

NICOLAU IV (n° 36): 20, 21, dez. 90/jan. 91. *Altos e baixos. (diário de Manhattan)*

Toninho Martins Vaz.

Diário de viagem feita em Nova York, fazendo referência ao Metropolitan Museum, no Central Park, entre outros locais.

NICOLAU V (n° 40): 12-15, ago., set. 91. *Os anos cinzentos.*

Malu Maranhão.

A jornalista trouxe à tona fatos e depoimentos encontrados nos arquivos da repressão, um dos mais turvos episódios da história paranaense.

NICOLAU VI (n° 43): 20-23, set., out. 92. *Curitiba. Belle époque. Aos pés do antigo.*

Marilda Samways.

A pesquisadora rememora Curitiba no início do século e mostra paisagens, como o tanque do Bacacheri que começou como Colônia Argelina, de imigrantes franceses, entre outros aspectos.

NICOLAU VI (n° 45): 12, 13, set., out. 92. *Grêmio esportivo República do Sul.*

Ernani Buchmann.

O publicitário relata "causos" e anedotas que marcaram a trajetória de alguns times de futebol da região sul.

NICOLAU VI (n° 45): 22, 23, set., out. 92. *Maria Bueno, a Gabriela curitibana.*

Ruy Wachowicz.

O historiador investiga a vida de Maria Bueno, e desmonta o mito através do qual era cultuada como santa entre os moradores de Curitiba.

NICOLAU VI (n° 47): 24, 25, mar., abr. 93. *Memórias do país selvagem.*

Hans Staden.

Crônica sangrenta de um ritual antropofágico entre os Tupinambás.

NICOLAU VII (n° 52): 08, 09, mar., abr. 94. *Marrakesh, now.*

Renée Castelo Branco.

Faz um diário de viagem, relatando os novos costumes de Marrakesh.

NICOLAU VIII (n° 55): 08-11, set., out. 94. *História das histórias. da Rua XV.*

Ruy Wachowicz,

O historiador relata fatos e histórias da Rua XV em Curitiba.

REPORTAGEM: Quadro geral da seção

Esta seção, intitulada *Reportagem*, teve como objetivo o levantamento e a coleta de informações sobre os mais variados assuntos tais como: relato de viagens; visita a lugares pitorescos; elaboração de textos opinativos sobre a questão da mulher, movimentos alternativos, categorias profissionais; descrição de lugares exóticos como a ilha de Superaguy, a gruta de Lancinha e a cidade da Lapa. A matéria ocupou as mais variadas páginas, não obedecendo a um esquema rígido, encontrando-se ora na página 10, ora na página 22 e assim por diante, sempre num mínimo de duas laudas.

Nos relatos de viagens, é interessante fazer referência aos lugares estrangeiros, visitados pelos jornalistas; ao arquipélago de Chiloé²⁸¹ no sul do Chile, local bíblico pela disputa de posse entre argentinos e chileno; à África,²⁸² rumo ao Kênia para uma Conferência da ONU para os Direitos da Mulher em 85; a Pyongyang,²⁸³ capital da Coréia do Norte também para uma reunião do Comitê Executivo da Federação Mundial da Juventude Democrática; ao Peru,²⁸⁴ país com um passado de saques, sangue e cobiça espanhola; a Nova York,²⁸⁵ fazendo referência a vários locais como ao Metropolitan Museum, no

²⁸¹ Nicolau, nº 1

²⁸² Nicolau, nº 5

²⁸³ Nicolau, nº 8

²⁸⁴ Nicolau, nº 20

²⁸⁵ Nicolau, nº 36

Central Park; a Marrakeshi,²⁸⁶ percorrendo, portanto, quase uma viagem aos quatros continentes.

Mas a tônica desta seção privilegiou locais paranaenses, num propósito de fazer uma vitrine, para expor locais pitorescos como: *Ilha Machaud*²⁸⁷, reduto dos primeiros imigrantes europeus a se instalarem no litoral do Paraná; *Aluminosa*²⁸⁸, um pequeno espaço rural próximo ao Rio Paranapanema, no norte paranaense, que abrigou um grande artista escultor, José de Freitas Miranda; *A Estrada do Colono*²⁸⁹, às margens do Iguaçu, fechada ao tráfego desde 86, por ordem judicial; *Ilha do Mel*²⁹⁰, mostrando não só suas belezas naturais como o relacionamento humano com a mesma; *Um palácio de pinho*,²⁹¹ casarão no meio da Floresta Nacional de Irati, alertando para sua preservação; *Araucária*²⁹², município de 70 mil habitantes, situado a 25 quilômetros de Curitiba, cidade ameaçada pela poluição causada por um pólo petroquímico instalado nas redondezas; *Curitiba*,²⁹³ um negócio da China, invadida pela comunidade chinesa manifestando-se culturalmente; *Gruta de Lancinha*,²⁹⁴ na região de Rio Branco do Sul, considerada a maior caverna encontrada no estado;

²⁸⁶ Nicolau, nº 52

²⁸⁷ Nicolau, nº 1

²⁸⁸ Nicolau, nº 2

²⁸⁹ Nicolau, nº 2

²⁹⁰ Nicolau, nº 3

²⁹¹ Nicolau, nº 8

²⁹² Nicolau, nº 8

²⁹³ Nicolau, nº 10

²⁹⁴ Nicolau, nº 23

Superaguy,²⁹⁵ situada na costa norte paranaense que abriga belezas raras do litoral paranaense; *Nova Cantu*,²⁹⁶ no centro-oeste do Paraná ainda com a forte marca de uma civilização espanhola; *Lapa*,²⁹⁷ cidade histórica paranaense a 67 Km de Curitiba.

A temática versava sobre itens de denúncia de poluição causada pelo dióxido de enxofre, amônia e pó, despejando metais pesados sobre cidades paranaenses, lembrando, com saudade, do tempo em que o ar era puro e podia-se pescar em seus rios; sobre lugares ausentes dos mapas abrigando artistas grandiosos e ignorados; sobre relacionamentos humanos com as ilhas paranaenses; sobre a preservação de locais históricos; sobre o abandono nas reservas indígenas; sobre turismo paranaense; sobre a busca de elos perdidos em cidades do Paraná; sobre o resgate de patrimônios históricos; sobre a conduta de imigração polonesa, entre outros.

Num outro aspecto, as reportagens se preocupavam em destacar personalidades femininas como *Jubylia Jupyra Barreto de Faria*,²⁹⁸ uma das muitas mães brasileiras que protagonizaram a luta por seus filhos presos no regime ditatorial de 64; *Toni Nakagawa*,²⁹⁹ imigrante japonesa que chegou ao Brasil em 1908, sempre semeando em solo brasileiro, *As Guerreiras do*

²⁹⁵ Nicolau, nº 24

²⁹⁶ Nicolau, nº 26

²⁹⁷ Nicolau, nº 28

²⁹⁸ Nicolau, nº 9

²⁹⁹ Nicolau, nº 12

Contestado,³⁰⁰ como *Maria Rosa* que comandou o Exército Encantado com cinco mil homens, *Teodora*, a virgem dos olhos azuis, verdadeiras Mata Haris do planalto catarinense que se embrenhavam no mato, numa guerra que envolvia militares e forças políticas regionais contra camponeses e *Maria Bueno*,³⁰¹ a Gabriela curitibana, cultuada como santa entre os moradores da cidade, e questões sobre a mulher analisando a corrente emancipacionista em relação à luta pelo direito ao trabalho.

Ainda as *Reportagens* propunham “lições para não esquecer”, lembrando acidentes como o vazamento do césio em Goiânia, em 23 de setembro 87, que causou uma lista de vítimas,³⁰² o incêndio que consumiu o acervo do simbolismo no Paraná,³⁰³ o acontecimento de revolta de posseiros em Francisco Beltrão,³⁰⁴ as histórias do trabalho escravo no Paraná,³⁰⁵ os depoimentos encontrados nos arquivos da repressão, um dos mais turvos episódios da história paranaense e as crônicas sangrentas de um ritual antropológico entre os tupinambás³⁰⁶.

O futebol, a grande paixão dos brasileiros foi alvo de duas reportagens,³⁰⁷ mostrando as perdas e os ganhos deste esporte em Copas polêmicas como a de 50, quando ocorreu o triunfo definitivo do futebol brasileiro, considerado o melhor

³⁰⁰ Nicolau, nº 29

³⁰¹ Nicolau, nº 45

³⁰² Nicolau, nº 7

³⁰³ Nicolau, nº 3

³⁰⁴ Nicolau, nº 4

³⁰⁵ Nicolau, nº 5

³⁰⁶ Nicolau, nº 22

³⁰⁷ Nicolau, nº 47

do mundo; e, na voz de Ernani Buchmann, o relato de “causos” e anedotas que marcaram a trajetória de alguns times de futebol da região sul.³⁰⁸

Outras reportagens abordaram temas variados, como movimentos alternativos,³⁰⁹ preconceitos nas categorias profissionais,³¹⁰ projetos esquecidos como o do luso Antônio Mariano de Lima, que pretendia construir uma Escola de Bellas Artes,³¹¹ alternativas para não se perder o bonde da história no futuro,³¹² proposições questionando o que a cultura³¹³ pode fazer pelo Estado, entre outros.

Nicolau também se preocupou com o futuro da humanidade, lembrando o próximo ano 2000, repleto de signos que estão provocando no homem uma grande ansiedade, ao afirmar que a ciência tem pouco a dizer, restando, assim, o sonho e a ficção, os profetas e os poetas.³¹⁴

³⁰⁸ **Nicolau, nº 45**

³⁰⁹ **Nicolau, nº 11**

³¹⁰ **Nicolau, nº 11**

³¹¹ **Nicolau, nº 16**

³¹² **Nicolau, nº 20**

³¹³ **Nicolau, nº 35**

³¹⁴ **Nicolau, nº 21**

CAPÍTULO X**FICÇÃO**

*De uma a outra
Vasilha de se banhar,
Minha viagem:
Palavras sem sentido.*

(Issa, Nicolau, n° 12, p. 4)



nicolau

As pessoas perguntam: como um homem da minha posição pôde fazer isso?

Muitos anos no ofício de juiz me ensinaram que, se os atos humanos obedecem aos designios secretos de Deus, de qualquer modo, diante dos homens, eles devem falar por si. Mas posso apresentar as circunstâncias que os antecederam. Eu estava saindo de uma livraria de livros velhos no Largo de São Francisco. O calor era opressivo, mas nuvens negras indicavam uma tempestade. Eu só queria chegar logo em casa para ler um pouco.

Eles estavam vendendo bugigangas num tabuleiro, ele em pé e ela sentada na borda do chafariz. Um arame estendido entre as estacas que sustentavam o tabuleiro servia de varal para peças de roupa. O vestido dela estava úmido e grudado em seu corpo e seus cabelos indicavam que ela havia se banhado nas águas suspeitas do chafariz.

Aproximei-me para examinar as bugigangas: pentes, espelhos, prendedores, chaveiros. As vezes faço compras nos ambulantes só para ajudar. Ela fixou os olhos em mim e sorriu. Tinha uma falha lateral nos dentes e era jovem demais para usar aquele batom.

— O senhor é o pai dela? — perguntei.
— Padrinho, doutor — o homem disse.
— Você tem casa? — perguntei à menina.

Ela olhou para ele e não respondeu. Então me dirigi a ele.

— O senhor não acha que ela devia ter uma casa e ir à escola?

— Acho sim senhor — ele disse.
— Eu posso arranjar — eu disse.

Até aquele momento, na vida, eu jamais pensara em assumir uma responsabilidade dessas. Foi como se uma força me inspirasse, mas agora não ousa falar em Deus.

— É ela que me ajuda, doutor.
Tive de ir eu mesmo descontar o cheque, pois o homem disse que eles não iam deixá-lo entrar no banco. Quando voltei, ela estava pronta, com uma pequena sacola de pano dependurada no ombro. Na hora de vir comigo, não olhou para trás.

— Você gosta dele? — perguntei.
— Não — ela disse. — Onde é que nós estamos indo?
— Para casa — eu disse. — E melhor você tirar isso da boca.

Depois ela me devolveu o lenço para que ela limpasse o batom dos lábios. Começou a chover e tomamos um táxi. Eu disse para ela que amanhã nós íamos comprar roupas e procurar uma escola.

Logo que chegamos em casa ela pediu que eu ligasse a televisão. Eu falei que antes ela devia tomar um banho. Dei a ela uma toalha, acendi o aquecedor e mostrei como se usava o chuveiro. Voltei para a sala e liguei a televisão.

Quando saiu do banheiro, ela havia passado de novo o batom. O resto, tirando os exageros de sempre, foi mais ou menos o que se publicou nos jornais.

da experiência ao experimento

T'ANNA, 48, carioca de Botafogo, viveu no Rio até os 17 a interrupção de um ano e meio, quando morou em Londres, depois para Belo Horizonte, onde formou-se em Direito. Começou a escrever aos 24 anos, integrando, em Belo Horizonte, o grupo da revista *Revista de Ficção Experimental*. Em 1969 publicou o livro de contos *Contos de Ficção Experimental*, obtendo boas críticas. Foi selecionado, por essa razão, para o *International Writing Program*, na Universidade de Iowa, onde conheceu anualmente escritores de vários países. Esta experiência proporcionou contatos com pessoas ligadas ao teatro, cinema e televisão, a partir de viagens em geral — quando descobriu a literatura *beat* e suas bases fundamentais, pelo contista, no desenvolvimento do conto, em publicações, ensaios e estudos em jornais e revistas estrangeiras. Entre os livros publicados, estão *Amazona* (Nova Friburgo, 1975), *A Tragédia Brasileira* (Guanabara, 1987) e *A Senhora da Manhã das Letras* (1989). Atualmente é professor de Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FICÇÃO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

ABREU, Caio Fernando. *Onírico VI* (n° 42): 22, 23, mar., abr. 92.

———, *Oração à paranóia*. III (n° 27): 24, set., out., nov. 89.

Fragmento do Filme *Romance*, de Sérgio Bianchi. Texto lido pelo personagem Antônio César, interpretado por Rodrigo Santiago e não-aproveitado na montagem final.

ALICE, Mauro. *Quadrado vazio*. II (n° 15): 4, set. 88.

ALLEN, Woody. *Meu amigo no hospital*. V (n° 41): 20, out., nov. 91.

O animal que ri.

AMÂNCIO, Moacir. *Os exemplos da casa*. IV (n° 30): 4, 5, fev. 90.

O texto publicado com exclusividade da série "Prosimetria", a ser editada.

ANGELI, José. *Êxodo*. II (n° 13): 18, jul. 88.

ANTÔNIO, João. *Pentecostes rubro*. II (n° 17): 4, nov. 88.

Conto.

ANTÔNIO, João. Roney Cytrynowicz e Hilda Hilst. *Contos da prostituta*. VII (n° 54): 28, 29, jul., ago. 94.

Destaque Nacional.

ANTUNES, Arnaldo. IV (n° 30): 23, fev. 90.

BARTH, Serafim. *Notas sobre apedrejamentos*. I (n° 1): 4, jul. 87.

Conto n° 17, p. 49 e 50.

BOLONGNESE, Ruth. *Corruíra nanica, quem me dera ser*. I, (n° 2); 20, ago. 87.

Possível entrevista com Dalton Trevisan.

BOND, Cezar. *Ódio ao pai*. III (n° 22): 12, abr. 89.

———, *A leã de lã*. II (n° 13): 28, jul. 88.

BORTOLOTTO, Mário. *É doce morrer com jazz*. IV (n° 31): 19, mar. 90.

BUENO, Wilson. *Mar Paraguayo*. I (n° 6): 25, dez. 87.

"Mar Paraguayo" é um fragmento de uma novela em progresso, já com mais de cem páginas.

——, *As influências*. I (n° 3): 25, set. 87.

——, *Cão íntimo*. I (n° 12): 19, jun. 88.

——, *Arranjos pedestres*. I (n° 4): 28, out. 87.

——, *Mar Paraguayo*. I (n° 11): 12,13, maio 88.

——, *Manual de zoofilia*. II (n° 17): 23, nov. 88.

——, *A Gramática e a utopia. Relógio do vento, A rã*. VI (n° 46): 24, 25, nov., dez. 92.

Destaque Paraná.

——, *Cachorros do céu*. VI (n° 50): 14, 15, set., out. 93.

Quito interpreta uma fábula de Wilson Bueno.

——, Fernando Karl. (Tradutores e apresentadores). *Para escutar com fones de ouvido*. V (n° 37): 8, 9, fev., mar. 91.

Nicolau publica o texto *Para escutar com fones de ouvido* de Júlio Cortázar. (1914-1984).

———, *Brinks*. III (n° 26): 10, 11, ago. 89.

Fragmentos da Novela "Mar Paraguayo".

BUSSUNDA, *Por falar em cachorro*. V (n° 41): 20, out., nov. 91.

O animal que ri.

CAMARGO, Iberê. *Conversação*. VI (n° 51): 27, nov., dez. 93.

Fragmento do célebre diário-em-progresso em crítica à loucura e ao vazio algumas vezes presentes na linguagem.

CAPISTRANO, Rui Werneck de. *Palavras cruzadas*. I (n° 9): 4, mar. 88.

———, *Máquina de escrever*. II (n° 13): 4, jul. 88.

CAPUCHO, Nelson. *Hara kiri*. I (n° 12): 4, jun. 88.

"Hara kiri" baseia-se em fato real, narrado no livro inédito do londrinense Homero Oguido. Usa a epígrafe: O Hai Kai de Issa (1763-1827)- seu poema de morte. Conta um rito de suicídio japonês o Hara kiri, ligado a uma visão ética-estética da morte. Como um mishima, naquele verão vermelho, um marinheiro deixa as graças do mar, e fim.

CARMINATTI, Beto. *Mapa imúndi. Frutos negros e gordos. Árvores cheia de corvos*. I (n° 8): 4, fev. 88.

O escrito *Mapa Imúndi* foi retirado do *Livro das metáforas*.

CUNHA, Euclides. *Estouro da boiada (de Os Sertões. 1921)*. VIII (n° 55): 32, set., out. 94.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Claro-escuro*. II (n° 18): 4, dez. 88.

DOLHNIKOFF, Luis. *Personal*. III (n° 19): 4, jan. 89.

DOMINGUES, Sérgio. *Craô, o mito do pele branca*. VI (n° 43): 28, maio, jun. 92.

Lenda: O antropólogo reconta a história do índio Auké, que se transformou no imperador D. Pedro II.

DRUMMOND, Roberto. *Os mortos não dançam valsa*. V (n° 40): 24, 25, ago., set. 91

FEIJÓ, Almir. *Os Ufos chegaram*. I (n° 7): 16, 17, jan. 88.

FERNANDES, Millôr. *O antiquista*. V (n° 41): 20, out., nov. 91.

O animal que ri.

FIGUEIREDO, Reinaldo. *O Saco do patrão*. I (n° 41): 20, out., nov.91.

GEENEN, Márcio. *Poraquê cor de carne e Taturana feliz. (Conto fabuloso libido-antropofágico)*. I (n° 4): 25, out. 87.

GOMES, Roberto. *Let's try again*. II (n° 15): 28, set. 88.

———, *Fragmentos de memória*. III (n° 5): 4, nov. 87.

GONÇALVES, David. *Geração viva*. IV (n° 33): 15, maio, jun., jul. 90.

GROFF, Luiz. *A Paymate do mês*. V (n° 41): 7 out., nov. 91.

HATOUM, Milton. *A Ninfa do Teatro Amazonas*. V (n° 41): 26, 27, out., nov. 91.

HILST, Hilda. *Lucas, Naim*, IV (n° 34): 14, 15, ago., set. 90.

KARAN, Manoel Carlos. *Entrevista com o colecionador de nuvens*. I (n° 10): 28, abr. 88.

———, *O príncipe e as esquinas*. V (n° 38): 32, abr., maio 91

———, I (n° 1): 4, jul. 87.

Orelha para um livro de Serafim Barth. Ilustrado.

———, *História da cidade de Calemburgo*. III (n° 19): 18, 19, jan. 89.

KARL, Fernando. *Quarteto de Mojave*. VI (n° 43): 32, maio, jun. 92.

Destaque Nacional.

LACERDA, Claudio. *Miss aracnídea (conto)*. I (n° 11): 4, maio 88.

LACERDA, Francisco Brito de. *Qualquer dia*. I (n° 7): 24, jan.88.

LACERDA, Thereza. *Gnu de estimação*. V (n° 41): 20, out., nov. 91.

O animal que ri.

LEAVITT, David. *Gravidade*. VI (n° 51): 10, 11, nov., dez. 93.

Tradução de Caio Fernando Abreu. Destaque internacional.

LEITES, Hélio. *O aplauso*. V (n° 40): 32, ago., set. 91.

LEIRADELLA, Cunha de. *A Vontade da Delma e o mundo assim*. V (n° 37): 20, fev., mar. 91.

LEMINSKI, Paulo. *Wanka, O dia em que as pedras pensaram*. III (n° 25): 16-18, jul. 89.

———, *De frente para a luz*. IV (n° 32): 16, abr. 90.

LINS, Osman. *Exercício de imaginação*. VI (n° 47): 9, mar., abr. 93.

Conto inédito de Osman Lins (1924-1978).

LOSNAK, Marcos. *Salas*. III (n° 26): 28, ago. 89.

———, *O Amor segundo Jean Genet*. III (n° 20): 10, fev. 89.

MARCELLINO, Walmor. *Papai Noel desce ao Inferno*. I (n° 6): 5, dez 87.

MONTEIRO, Nilson. *Torto*. I (n° 4): 11, out. 87.

MONTILHA, Mauro. *Notícias do além ayahuasca*. III (n° 21): 9, mar. 89.

Mauro registrou numa folha, em escrita automática tudo que sentiu ao experimentar Ayahuasca indígena.

NAVA, Pedro. *Cera de almas*. VI (n° 45): 18, 19, set., out. 92.

As últimas páginas do livro inacabado deste escritor.

NEJAR, Carlos. *O túnel perfeito*. V (n° 38): 18, 19, abr., maio 91.

Fragmento da novela inédita *O Túnel Perfeito*.

PELLEGRINI, Domingos. *Guerra civil*. I (n° 1): 28, jul. 87.

———, *História de boi*. V (n° 37): 32, fev., mar. 91.

PERLONGHER, Nestor. *Caza*. VI (n° 47): 7, mar., abr. 93.

Transcrição de Josely Vianna Baptista.

PIÑON, Nélide. *Ave de paraíso*. I (n° 9): 22, 23, mar. 88.

Nélide Piñon é autora de *Jura-Mapa*, de Gabriel Arcanjo (1961), *Fundador*, *A casa da Paixão* (1972), *Tebas do meu Coração* (1974), *A república dos Sonhos* (Francisco Alves, 1984), entre outros.

PIRES, Benedito. *Mimetismo. (a carne irrelevante)*. III (n° 27): 16, 17, set., out., nov. 89.

Vencedor do II Concurso Nacional de Contos (1989).

REY, Marcos. *Manchete*. IV (n° 32): 12, abr. 90.

RUBIÃO, Murilo. *Mariazinha*. IV (n° 31): 10, 11, mar. 90.

Há mais de dez anos sem publicar, Murilo Rubião faz sua rentrée literária no *Nicolau*.

SABINO, Fernando. *Creme de barbear*. I (n° 6): 21, dez. 87.

SANT'ANNA, *Conto*. IV (n° 36): 14, 15, dez. 90/Jan. 91.

SCLIAR, Moacyr. *Efeitos da orfandade desamparada*. IV (n° 30): 22, fev. 90.

SILVEIRA, Joel. *Lembrança de Gilberto Amado*. I (n° 1): 16, jul. 87.

SOSSÉLLA, Rubens Sérgio. *Baterias do sono*. I (n° 4): 4, out. 87.

(Fragmentos ficcionais).

———, *A nova Holanda*. II (n° 18): 22, 23, dez. 88.

SNEGE, Jamil. *O jardim das coníferas*. III (n° 21): 4, 5, mar. 89.

SOUZA, Márcio. *Sobre os insólitos costumes dos escritores*. III (n° 28): 12, 13, dez. 89.

Fragmento do romance inédito de Márcio Souza, *O Fim do Terceiro Mundo*.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *O Sol é verde; Zen, Açucar*. III (n° 20): 17, fev. 89.

TEZZA, Cristóvão. *A Suavidade do vento*. V (n° 39): 32, jun., jul. 91.

TORRES, Antônio. *Segundo Nego de Roseno*. IV (n° 35): 14, 15, nov., out. 90.

TREVISAN, Dalton. *Lamentações da rua, ubaldino, cantiquinho, Aqui na Calçada*. V (n° 39): 14, 15, jun., jul. 91.

VAZ, Toninho Martins. *Muitas maneiras*. I (n° 8): 19, fev. 88.

Muitas maneiras integram *Fragmentos da Alma*, que com outras frações textuais vêm formando a obra em progresso: *Fidusca em pó*.

———, *Fidusca em pó*. V (n° 41): 32, set., out. 91.

VEIGA, José J. *O Homem que viu a árvore*. I (n° 5): 19, nov. 87.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O tronco*. VI (n° 49): 18, 19, jul., ago. 93.

Destaque Nacional.

XAVIER, Valêncio. *No meio do mato matou a mulher índia, e depois comeu*. I (n° 3): 16, set. 87.

———, *O menino morto*. III (n° 28): 25, dez. 89.

———, *A visita da parente*. I (n° 12): 28, jun. 88.

———, *A morte distante*. I (n° 12): 28, jun. 88.

———, *O mágico*. II (n° 16): 12, 13, out. 88.

ZOKNER, Cecília. *Droguett, O livro proibido*. V (n° 37): 26, fev., mar. 91.

Novas luzes sobre o proibidíssimo *Matar a Los Viejos*, do Chileno Carlos Droguett que põe a nu a decadência do ex-ditador Augusto Pinochet.

FICÇÃO: ÍNDICE DE TEXTOS FICCIONAIS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 1): 4, jul. 87. *Orelha para um livro de Serafim Barth.*

Manoel Carlos Karam.

Escritor: Serafim Barth, autor de *Notas sobre apedrejamentos* (Curitiba, Editora Quimera, 1987, 180 p.).

A reportagem reproduz um trecho de sua ficção, o Conto nº 17, que está nas páginas 49 e 50.

NICOLAU I (nº 1): 16, jul. 87. *Lembrança de Gilberto Amado.*

Escritor: Joel Silveira, célebre repórter brasileiro, autor de *Gran-finos de São Paulo e Outras histórias do Brasil* (1946) e *Vinte Horas e Abril* (1969), entre outros.

Publica a crônica: *Lembrança de Gilberto Amado* onde relata sua viagem a Paris em 1951 sob a ótica de seu amigo Gilberto Amado.

NICOLAU I (nº 1): 28, jul. 87. *Guerra Civil.*

Escritor: Domingos Pellegrini, autor de *O homem vermelho* (Civilização brasileira, 1975), *As sete pragas* (Civilização Brasileira, 1979), *Paixões* (Ática, 1984), *Os meninos crescem* (Nova Fronteira, 1986). A reportagem

reproduz o conto *Guerra civil*, de característica simbolista, com sentido alegórico e moral.

NICOLAU I (n° 2): 20, ago. 87.

Escritora: Ruth Bolognese, correspondente do *Jornal do Brasil* em Curitiba. Na rua das Flores, em Curitiba, a escritora tece uma entrevista imaginária (impossível - possível) com Dalton Trevisan, escritor curitibano.

NICOLAU I (n° 3): 16, set. 87. *No meio do mato matou a mulher índia, e depois comeu.*

Escritor: Valêncio Xavier, autor de: *Mez da Grippe* (Fundação Cultural de Curitiba, 1981); *Maciste no Inferno* (Criar Edições); *O minotauro* (Logos, 1985), entre outros. *Nicolau* publica: *No meio do mato matou a mulher índia, e depois comeu*. Conto realista que visa testemunhar o mundo cotidiano e conscientizar o leitor para os problemas humanos e sociais mais agudos.

NICOLAU I (n° 3): 25, set. 87. *As influências.*

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições 1986). Publica no *Nicolau*: *As influências*, texto que aborda questões, como por exemplo, as influências sofridas pelos escritores em suas produções literárias.

NICOLAU I (n° 4): 4, out. 87. *Baterias de sono.*

Escritor: Sérgio Rubens Sossélla, autor de 71 livros, livretos e volantes (tipograficamente, mimeografados ou em xerox). *Nicolau* apresenta: *Baterias de sono*, fragmentos ficcionais.

NICOLAU I (n° 4): 25, out. 87. *Poraquê cor de carne e Taturana feliz.*

Escritor: Márcio Geenen, autor do conto *Mariá, perna de pêsego, Tratado, Cidade e Campo* (1968-1977). *Nicolau* ao resgatar a sua memória publica: *Poraquê cor de carne e Taturana feliz*, Conto fabuloso libido-antropofágico que estabelece um diálogo intertextual com a *Revolução dos Bichos* de George Orwell.

NICOLAU I (n° 4): 28, out. 87. *Arranjos Pedestres.*

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar*, (Criar Edições, 1986). Texto publicado: *Arranjos Pedestres*.

NICOLAU I (n° 5): 19, nov. 87. *O homem que viu a árvore.*

Escritor: José J. Veiga, autor de, entre outros livros, *Os cavaleiros de Platiplanto* (Rio, Nítida, 1959); *A hora dos ruminantes*, (Rio, Civilização Brasileira, 1966). *Nicolau* publica: *O Homem que viu a árvore*, conto inédito que apresenta características da "science-fiction",

ambientando a sua temática no futuro, rompendo as fronteiras entre ficção e realidade e instaurando uma nova verossimilhança textual.

NICOLAU I (nº 5): 4, nov. 87. *Fragmentos de memória III.*

Escritor: Roberto Gomes, autor, entre outros títulos, de *Alegres memórias de um cadáver*, (Curitiba, Criar Edições, 2ª. ed. 1981); *Antes que o teto desabe*, (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981). No *Nicolau: Fragmentos de memória - III*, (1950, 1973, 1965/66, 1987, 1974, 1982 e 1986), com traços autobiográficos, rememora sua vivência em Blumenau.

NICOLAU I (nº 6): 21, jan. 87. *Creme de Barbear.*

Escritor: Fernando Sabino, autor de *O Homem Nu* (Record, 1982); *O Encontro Marcado* (Record, 1983), entre outros. Nicolau publica: *Creme de Barbear*, crônica realista que testemunha o mundo cotidiano, concreto, familiar e atual onde o leitor pode reconhecer prontamente, pois é nele que vive.

NICOLAU I (nº 6): 25, dez. 87. *Mar Paraguayo.*

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Boleros' Bar*, (Criar Edições, 1986). Nicolau apresenta: um fragmento de *Mar Paraguayo*, uma novela-invenção em progresso, já com mais

de cem páginas, escrito numa *terceira língua*, a partir da língua falada no Brasil e do Castelhana.

NICOLAU I (n° 6): 5 dez. 87. *Papai Noel desce ao inferno.*

Escritor: Marcelino Walmor, autor de *Poesia Quixote*, (coletânea, 1954), *Os subterrâneos da cidade* (teatro, 1960), *A guerra camponesa do Contestado* (estudo, 1967), entre outros...

Em *Papai Noel desce ao inferno*, texto publicado no *Nicolau*, conta a terrível história dos enganos cometidos pela pessoa do Papai Noel.

NICOLAU I (n° 7): 16, 17, jan. 88. *Os Ufos chegaram.*

Escritor: Almir Feijó, jornalista e publicitário, publica *Os Ufos chegaram*, uma série de supostos relatos como o *Caso Walenski* considerado um clássico no gênero de história de discos voadores.

NICOLAU I (n° 7): 24, jan. 88. *Qualquer Dia.*

Escritor: Francisco Brito de Lacerda, autor de *Cerco da Lapa do começo ao fim* (Curitiba, SeCe, 1985), *Alçapão das Almas* (Curitiba Lítero-Técnica, 1985), entre outros. Texto publicado no *Nicolau: Qualquer Dia*, relatando fatos do mundo cotidiano.

NICOLAU I (n° 8): 4, fev. 88. *Mapa Imúndi*.

Escritor: Beto Carminatti, autor de *Sistema solar pagão*, *A lua é uma alma branca*, *Queda do império romântico*, entre outros. O escrito *Mapa Imúndi*, publicado no *Nicolau* foi retirado do *Livro das Metáforas*. O texto revela como principal característica, a *anarquia formal*, sem uso das convenções gramaticais, como a pontuação e a forma, se amoldando à criatividade do escritor.

NICOLAU I (n° 8): 19, fev. 88. *Muitas maneiras*.

Escritor: Toninho Martins Vaz, curitibano, trabalha como redator da Rede Globo de Televisão. Os textos *Muitas maneiras*, integram *Fragmentos da Alma*, que com outras frações textuais vêm formando a obra em progresso, *Fidusca em pó*.

NICOLAU I (n° 9): 22, 23, mar. 88. *Ave do Paraíso*.

Escritora: Nélida Piñon, autora de 11 livros, como: *Guia - Mapa de Gabriel Arcanjo* (1961); *Tempo das frutas* (1966); *Fundador* e *A casa da Paixão* (1972), e outros... Para os leitores ofereceu o conto *Ave de paraíso*, que faz de uma história banal uma narrativa essencial, revelando desta forma o refinamento da arte de narrar da escritora.

NICOLAU I (n° 9): 4, mar. 88. *Palavras cruzadas*.

Escritor: Rui Werneck de Capistrano, autor de *Abaixo a Bomba* (Cartuns); *Bife Sujo e Cia* (quadrinhos com Neri), *Seres Viveres* (Contos), entre outros. Publica no *Nicolau* o conto *Palavras cruzadas*, evidenciando o ludismo na sua criação literária.

NICOLAU I (n° 10): 28, abr. 88.

Escritor: Manoel Carlos Karan, texto publicado: *Entrevista com o colecionador de nuvens*.

NICOLAU I (n° 11): 12, 13, maio 88. Mar Paraguayo.

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições, 1986). Publica no *Nicolau* um fragmento de *Mar paraguayo*, uma novela em progresso, já com mais de 100 páginas.

NICOLAU I (n° 11): 20, out. 87. Torto.

Escritor: Nilson Monteiro. Texto: *Torto*, com a característica memorialista, resgata a lembrança de quando ainda era um moleque.

NICOLAU I (n° 11): 4, maio 88. Miss Aracnídea.

Escritor: Cláudio Lacerda, apresenta no *Nicolau* o conto premiado no 3º. Concurso Nacional de Contos do Paraná: *Miss Aracnídea*.

NICOLAU I (n° 12): 28, jun. 88. *A visita da parente, A morte distante.*

Escritor: Valêncio Xavier, autor de *Mez da Grippe, Maciste no inferno, O minotauro*, entre outros. Publica no *Nicolau: A visita da parente, A morte distante*, contos escritos em estilo dadaísta, rompendo com o bom senso e o significado facilmente compreensível.

NICOLAU I (n° 12): 19, jun. 88. *Cão íntimo.*

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições, 1986). Publica no *Nicolau Cão íntimo*, texto realista que testemunha o mundo cotidiano.

NICOLAU I (n° 12): 4, jun. 88. *Hara-kiri.*

Escritor: Nelson Capucho, poeta e jornalista, publica no *Nicolau: Hara-kiri*, baseado em fato real narrado no livro inédito do londrinense Homero Oguido. O texto é iniciado com uma epígrafe de Issa (1763-1827), que é seu *Poema de morte* e conta um rito de suicídio japonês o *hara-kiri*, ligado á uma visão ética-estética da morte.

NICOLAU II (n° 13): 28, jul. 88. *A leã de lã.*

Poeta: Cesar Bond.

NICOLAU II (n° 13): 18, jul. 88. Êxodo.

Escritor: José Angeli, autor de *A cidade de Alfredo Souza* (Curitiba, Beija-flor, 1979), *Amanhã não leremos jornais*. (Curitiba, Grafipar, 1980), entre outros.

Publica no *Nicolau: Êxodo*, conto realista que expõe as dores, os sofrimentos da vida; é uma literatura pessimista que se fecha para a vida plena.

NICOLAU II (n° 15): 28, set. 88. Let's try again.

Escritor: Roberto Gomes, autor de *Alegres Memórias de um cadáver* (Curitiba Criar Edições, 1981), *Antes que o teto desabe* (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981), entre outros, *Nicolau* publica: *Let's try again*, texto metalingüístico que revela o processo de escrever.

NICOLAU II (n° 15): 04, set. 88. O quadrado vazio.

Escritor: Mauro Alice, curitibano radicado em São Paulo, trabalha como montador cinematográfico. Publica no *Nicolau: O quadrado vazio*, texto que, partindo do real, insere o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro.

NICOLAU II (n° 16): 12, 13 out. 88. O mágico.

Escritor Valêncio Xavier, autor de *Curitiba de nós* (Fundação Cultural de Curitiba, 1975), *Mez da Grippe*

(Fundação Cultural de Curitiba, 1981), entre outros, *Nicolau* publica: *O mágico*, texto que insere uma concepção lúdica da arte.

NICOLAU II (n° 17): 4, nov. 88. *Pentecostes Rubro*.

Escritor: João Antônio, autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* (Civilização brasileira, 1963), *Leão-de-Chácara* (Civilização Brasileira, 1975), entre outros. Publica no *Nicolau*, *Pentecostes Rubro*, conto que começou a ser escrito em 1956, na rua Botocudo, Vila Anastácio, às margens do "já então poluído rio Tietê", em São Paulo.

NICOLAU II (n° 17): 23, nov. 88. *Manual de zoofilia*.

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições, 1986). Publica no *Nicolau: Manual de zoofilia*, mini-textos introduzidos sempre com um nome de animais: *Cisnes*, *Pardais*, *Dinossauros*, etc.

NICOLAU II (n° 18): 4, dez. 88. *Claro-Escuro*.

Escritor: Ricardo Guilherme Dicke, autor de *Deus de Caim* (Rio de Janeiro, Edinova, 1969), *Madona dos páramos* (Rio de Janeiro, Antares, 1982), entre outros. Publica no *Nicolau: Claro-Escuro*, uma série de mini textos, com conteúdos filosóficos.

NICOLAU II (n° 18): 22, 23, dez. 88. *A nova Holanda.*

Poeta: Sérgio Rubens Sossélla.

NICOLAU III (n° 19): 4, jan. 89. *Persona.*

Escritor: Luis Dolhnikoff, poeta e autor de *Pânico* (São Paulo, Expressão, 1986). É um dos editores da Olavobrás. Traduziu, do grego, uma coletânea de poemas de *Arquiloço* (S. Paulo, Expressão, 1986). Publica no *Nicolau: Persona*, texto metalingüístico que expõe o processo de escrever uma narrativa.

NICOLAU III (n° 19): 18, 19, jan. 89. *História da Cidade de Calemburgo.*

Escritor: Carlos Manuel Karan, autor de *Fontes murmurantes* (São Paulo, Marco Zero, 1985), publica no *Nicolau: História da Cidade de Calemburgo*, conto que estabelece um diálogo intertextual com Machado de Assis (*O Alienista*), com a história (Napoleão Bonaparte) e com o cinema (Humphrey Bogart).

NICOLAU III (n° 20): 10, fev. 89. *O Amor segundo Jean Genet.*

Poeta: Marcos Losnak.

NICOLAU III (n° 20): 17, fev. 89.

Escritora: Rosa Amanda Strausz, poeta, autora de *Mínimo Múltiplo Comum*. Publica no *Nicolau 3 KaiKontos*, em pré lançamento nacional.

NICOLAU III (nº 21): 9, mar. 89. *Ayahuasca, notícias do além.*

Escritor: Mauro Montilha que participou dos rituais das seitas da *União do Vegetal*, em Porto Velho e experimentou os poderes da "aya huasca", preparada a partir de um cipó - o jagubi. Publica no *Nicolau: Ayahuasca, notícias do além*, em escrita automática, registrando tudo o que ouviu, sentiu, viveu, fazendo o relato direto de suas visões amazônicas.

NICOLAU III (nº 22): 12, abr. 89. *Ódio ao pai.*

Escritor: Cezar Bond, poeta, contista e publicitário, autor de *Ah, esses homens de chapéus* (1986); *As mulheres são todas* (1987) e do roteiro de VT, *Desmentes* (1987). Publica no *Nicolau: Ódio ao pai*, texto realista, testemunha o mundo cotidiano, concreto, familiar e atual, registra a vida infantil com os vários problemas gerados pela necessidade de adaptação às vicissitudes da própria vida.

NICOLAU III (nº 25): 16-18, jul. 89. *Wanka, o dia em que as pedras pensaram.*

Escritor: Paulo Leminski, poeta e escritor paranaense, autor de *Catatau*. Publica no *Nicolau*: *Wanka, o dia em que as pedras pensaram*; o conto relata a história de um cientista que parte em busca de "Wanka", arabescos que formam uma escrita pré-colombiana da América do Sul.

NICOLAU III (n° 26): 10, 11, ago. 89. Brinks.

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições, 1986). Publica no *Nicolau*: *Brinks*, fragmento da novela *Mar Paraguayo*.

NICOLAU III (n° 26): 28, ago. 89. Salas.

Escritor: Marcos Losnak. Publica no *Nicolau*: *Salas*, texto surrealista valorizando a imaginação e a busca de imagens incongruentes.

NICOLAU III (n° 27): 16, 17, set., out., nov. 89. Mimetismo (a carne irrelevante).

Escritor: Benedito Pires, jornalista e publicitário, foi o vencedor do II Concurso Nacional de Contos (1989), na categoria de melhor contista paranaense, com: *Vinte Histórias do Senhor das Moscas*, do qual foi extraído o texto *Mimetismo (a carne irrelevante)*, publicado no *Nicolau*.

NICOLAU III (n° 27): 24, set., out., nov. 89. *Oração à paranóia.*

Escritor: Caio Fernando Abreu, romancista, contista e autor, entre outros, de *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (Cia das Letras), *Morangos Mofados* (Brasiliense). Publica no *Nicolau*, Fragmento do Filme *Romance* de Sérgio Bianchi. Texto lido pelo personagem Antônio César, interpretado por Rodrigo Santiago e não-aproveitado na montagem final.

NICOLAU III (n° 28): 12, 13, dez. 89. *Sobre os insólitos costumes dos escritores.*

Escritor: Márcio Souza, autor, entre inúmeros títulos de *Galvez*, *Imperador do Acre* (1976, Marco zero), *Mad Maria* (1980, Marco zero). Publica com absoluta exclusividade para *Nicolau*, *Sobre os insólitos costumes dos escritores*, fragmento do romance inédito: *O Fim do Terceiro Mundo*, que será lançado em cinco línguas (português, inglês, francês, alemão e espanhol).

NICOLAU III (n° 28): 25, dez. 89. *O menino morto.*

Escritor: Valêncio Xavier, autor de *Curitiba*, de *Nós* (Fundação Cultural de Curitiba, 1975), *Mez da Grippe* (Fundação Cultural de Curitiba, 1981), entre outros. Publica no *Nicolau* *O menino morto*, texto impressionista,

onde o autor fotografa o menino num instante que ele ainda estava vivo. Ilustração de Poty (bico de pena).

NICOLAU IV (n° 30): 4, 5, fev. 90. *Os exemplos da casa.*

Escritor: Moacir Amâncio, jornalista do *Caderno 2 de O Estado de São Paulo* e autor de, entre outros, *Estação dos Confundidos* (Símbolo, 1977), *O Riso do Dragão* (Ática, 1980). Publica no *Nicolau: Os exemplos da casa*, da série *Prosimetria*, a ser editada.

NICOLAU IV (n° 30): 23, fev. 90.

Escritor: Arnaldo Antunes, poeta, autor de *Psia*, (Expressão, 1987), e integrante do grupo de *Rock Titãs*.

NICOLAU IV (n° 30): 22, fev. 90. *Efeitos da orfandade desamparada.*

Escritor: Moacyr Scliar, autor de 30 livros (contos, romances, ensaios, crônicas) vários já traduzidos em outras línguas, para o inglês, francês, alemão, espanhol, sueco e hebraico. Publica no *Nicolau: Efeitos da orfandade desamparada*, recebendo pelas suas produções vários prêmios literários.

NICOLAU IV (n° 31): 19, mar. 90. *É doce morrer com jazz.*

Escritor: Mário Bortolotto, poeta, contista, com trabalhos publicados nas coletâneas: *Contos Jovens* e *Jovens Contos Eróticos*, dramaturgo premiado no Festival Nacional de Ponta Grossa em 1987, com o melhor autor nacional e diretor do grupo de teatro *Cemitério de Automóveis*. Publica no *Nicolau*: *É doce morrer com jazz*, texto que reproduz um monólogo criando uma literatura fantasista, apresentando o mundo criado pela imaginação da personagem..

NICOLAU IV (n° 31): 10, mar. 90. *Mariazinha*.

Escritor: Murilo Rubião, contista, autor de *O Homem de Boné*, a ser publicado, *Cinzento e Outros Contos*, Coletânea de contos, *Diáspora*, *O Ex-mágico* (Editora Universal, 1947), entre outros. Publica no *Nicolau*: *Mariazinha*, conto que instaura o fantástico cotidiano na literatura, muito antes da literatura hispano-americana com Cortázar e Borges.

NICOLAU IV (n° 32): 16, abr. 90. *De frente para a luz*.

Escritor: Paulo Leminski, autor entre outras obras de *Catatau* (Edição do autor, 1975), *Não fosse isso* (Zap, 1980). Recriou para o português textos de Petronio, Beckett, Mishima, John Lennon, Jarry, Ferlinghetti, Fante

e Joyce. O conto que *Nicolau* publica: *De frente para a luz*, faz parte do livro inédito *Gozo Fabuloso*.

NICOLAU IV (n° 32): 12, abr. 90. *Manchete*.

Escritor: Marcos Rey, contista ou romancista, autor de *Memórias de um gigolô*, hoje traduzido com sucesso, considerado no exterior e estudado em seminários na Alemanha, *O mistério dos Cinco Estrelas* (820 mil exemplares vendidos), *Garra de Campeão*, (98 mil exemplares), entre outros. *Nicolau* publica seu conto: *Manchete* revelando um estilo a um passo do pitoresco e do folclorizável, "resguardando uma essência de representação da própria sociedade que está por detrás dessas aparentes aventuras e desventuras urbanas".

NICOLAU IV (n° 33): 15, maio, jun., jul. 90. *Geração viva*.

Escritor: David Gonçalves, professor, pós-graduado em Literatura Brasileira pela Puc-Pr. Prepara um livro de contos: *O ilusionista*, e um de "tankas", *Inscrições a Giz*. *Nicolau* publica seu conto: *Geração viva*, que apresenta uma linguagem simples, contando a saga de pequenos sitiantes que diante da capitalização e mecanização da agricultura, tiveram que se transformar em trabalhadores volantes a migrar para outros lugares.

NICOLAU IV (n° 34): 14, 15, ago., set. 90. *Lucas, Naim.*

Escritora: Hilda Hilst, autor de *Presságio* (1950, Revista dos Tribunais), *Roteiro do Silêncio* (1959 Anhambi), *Sete Cantos do Poeta para o Anjo* (1967, Masso Ohmo Editora), *Poesia* (1967, Editora Sal), entre outros. *Nicolau publica: Lucas, Naim*, conto com características eróticas.

NICOLAU IV (n° 35): 14, 15, nov., out. 90. *Segundo Nego de Roseno.*

Escritor: Antônio Torres, romancista, repórter do *Jornal da Bahia* (Salvador) e da *Última Hora*, (São Paulo), autor do romance *Um cão uivando para a lua* (considerado pela crítica como a revelação do ano). *Nicolau publica: Segundo Nego de Roseno*, conto realista, testemunha o mundo cotidiano, concreto, familiar.

NICOLAU IV (n° 36): 14, 15, dez. 90/jan. 91. *Conto.*

Escritor: Sérgio Sant'Anna, contista autor de *O sobrevivente, Amazona* (Nova Fronteira, 1986), *A Tragédia Brasileira* (Guanabara, 1987), entre outros. *Nicolau publica: Conto*; o contista inclui a literatura "beat" no desenvolvimento de seu trabalho.

NICOLAU V (n° 37): 8, 9, fev., mar. 91. *Para escutar com os fones de ouvido.*

Escritor: Júlio Cortázar (1914-1984), um dos mais expressivos nomes da literatura argentina, autor de *O jogo da Amarelinha*, *Histórias de Cronópios e de Famas*, *Todos os fogos e o Fogo*, *Bestiário* e *Armas Secretas*. Nicolau publica pela 1ª. vez em língua portuguesa: *Para escutar com os fones de ouvido* que integra seu último livro *Salvo el crepúsculo* (Edição póstuma de Alfaguara, Madri, Espanha, 1985). "Poeta minucioso do avesso das coisas, desvenda o silêncio, afina os ouvidos em direção à música de esferas e a do inconcebível."

NICOLAU V (nº 37): 20, fev., mar. 91. *A vontade de Delma e o mundo assim.*

Escritor: Cunha de Leiradella, autor entre inúmeros livros, de *Sargaços* (1984), *O longo tempo de Eduardo da Cunha Júnior* (1987). O texto publicado: *A vontade de Delma e o mundo assim*, foi extraído do livro *Turista são os Outros*, vencedor do Concurso Nacional de Contos do Paraná (1990).

NICOLAU V (nº 37): 32, fev., mar.91. *História de Boi.*

Escritor: Domingos Pellegrini, autor de *O homem Vermelho* (Civilização Brasileira, 1975), *As sete pragas* (Civilização Brasileira, 1979). Nicolau publica *História*

de *Boi*, que apresenta um diálogo intertextual com as parábolas bíblicas.

NICOLAU V (n° 37): 26, fev., mar. 91. *Matar a los Viejos*.

Escritor: Carlos Droguett, jornalista, escritor romancista, autor de *Sesenta muertos en la Escalera* (1953), que recria em forma novelesca, a crônica lançada em 1939, onde narra o assassinato de um grupo de estudante pelas forças governamentais. *Nicolau*, rompe o cerco internacional e lança novas luzes sobre o proibidíssimo *Matar a los Viejos*, que põe a nu a decadência do ex-ditador Augusto Pinochet, descrito como um monstro requintado e cruel.

NICOLAU V (n° 38): 32, abr., maio 91. *O príncipe e as esquinas*.

Escritor: Manoel Carlos Karan, publica: *O príncipe e as esquinas*.

NICOLAU V (n° 38): 18, 19, abr., maio 91. *O túnel perfeito*.

Escritor: Carlos Nejar, poeta autor de *Canga*, *O poço do Calabouço*, *Chapéu das Estações*, entre outros livros. *Nicolau* publica: *O túnel perfeito*, cujos textos irrompem perturbantes visões e vivências.

NICOLAU V (n° 39): 14, 15, jun., jul. 91. *Lamentações da rua Ubaldino, Aqui na calçada e Cantiquinho.*

Escritor: Dalton Trevisan, considerado um dos mais importantes autores da contística brasileira contemporânea, autor de *Novela Nada Exemplares, Cemitério de Elefantes, O Vampiro de Curitiba*, entre outros. Nicolau publica: *Lamentações da rua Ubaldino, Aqui na calçada e Cantiquinho*; retira da notícia policial, frases no ar, bilhete de suicida, confidência de amigos, a matéria-prima de seus contos.

NICOLAU V (n° 39): 32, jun., jul. 91.

Escritor: Cristóvão Tezza, publica *A Suavidade do vento.*

NICOLAU V (n° 40): 32, ago., set. 91.

Escritor: Hélio Leites, publica *O aplauso.*

NICOLAU V (n° 40): 24, 25, ago., set. 91. *Os mortos não dançam valsa.*

Escritor: Roberto Drummond, autor de *A morte de D.J. em Paris, O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado, Hilda Furacão*, entre outros. Nicolau mostra pela 1ª. vez o conto *Os mortos não dançam valsa.*

NICOLAU V (n° 41): 26, 27, out., nov. 91. *A ninfa do Teatro Amazonas*.

Escritor Milton Hatoum, professor de Literatura francesa da Universidade do Amazonas, autor de *Relato de um certo Oriente* (Prêmio Jabuti - 1990 - Melhor Romance), entre outros. Nicolau publica: *A ninfa do Teatro Amazonas*; Hatoum faz do breve e do tenso as matérias-primas de sua obra.

NICOLAU V (n° 41): 32, set., out. 91.

Escritor: Toninho Martins Vaz, publica: *Fidusca em pó*.

NICOLAU V (n° 41): 20, out., nov. 91.

Escritores:

Thereza Lacerda, bibliotecária

Texto publicado: *Gnu de estimação, texto humorístico*.

Woody Allen, cineasta (tradução João Carlos Gastal Júnior). Texto publicado: *Meu amigo no hospital - texto humorístico*.

Millor Fernandes - escritor, texto publicado: *O antiqüista - texto humorístico*.

Reinaldo Figueiredo, editor do *Planeta Diário* - texto humorístico.

Luis Fernando Veríssimo, escritor, texto publicado: *O real bem observado - texto humorístico*.

Bussunda, redator da *Casseta Planeta*, Texto publicado:
Por falar em cachorro, texto humorístico.

NICOLAU VI (nº 41): 7, out., nov. 91. *A playmate do mês.*

Escritor: Luiz Groff, dramaturgo, economista, biógrafo, apontado como um dos maiores humoristas paranaenses.
Nicolau publica: *A playmate do mês.*

NICOLAU VI (nº 42): 22, 23, mar., abr. 92. *Onírico.*

Escritor: Caio Fernando Abreu, autor de *O inventário do irremediável*, *Morangos Mofados*, *O ovo apunhalado*, entre outros. Nicolau publica: *Onírico*, conto que se destaca pela linguagem coloquial num estilo surrealista.

NICOLAU VI (nº 43): 28, maio, jun. 92. *Craó.*

Escritor: Sérgio Domingues, graduado em Filosofia (USP) e Antropologia (PUC-SP). A partir do olhar sobre a origem do homem branco, o antropólogo reconta a história do índio "Auké", que se transformou no imperador D. Pedro II no conto *Craó*, publicado no *Nicolau*.

NICOLAU VI (nº 43): 32, maio, jun. 92.

Escritor: Fernando Karl, destaque nacional com a publicação no *Nicolau* do texto *Quarteto de Mojave*.

NICOLAU VI (n° 45): 18, 19, set., out. 92. *Cera das Almas*.

Escritor: Pedro Nava, médico especialista em reumatologia, é um dos mais importantes escritores contemporâneos e o maior representante da memorialística brasileira. Autor de *O Defunto*, *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, entre outros. *Nicolau* publica as últimas páginas inéditas do seu livro inacabado: *Cera das Almas*, "Uma história da sensibilidade, e seus mecanismo de ir ao que, no fundo do tempo, é a prata viva da memória."

NICOLAU VI (n° 46): 24, 25, nov., dez. 92.

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar* (Criar Edições 1986), "Da prosa inclassificável, ao pomo do poema, publica três das muitas vertentes de uma obra que, para além dos gêneros, se quer empenhada apenas na depuração do óbvio." *A gramática e a utopia*, *A Rã*, *Relógio do vento* (poema).

NICOLAU VI (n° 47): 7, mar., abr. 93.

Escritor: Nestor Perlongher, poeta, autor de *Áustria - Hungria*, *Alambes*, *O negócio do Michê*, *Porque Lezama e Água Aéreas*.

Texto publicado no *Nicolau*: *Caza* (transcrição de Josely Vianna Baptista).

NICOLAU VI (n° 47): 7, mar., abr. 93. Exercício de imaginação.

Escritor: Osman Lins, romancista autor de *O visitante*, *O Fiel e a Pedra*, *Avalovara*, *a Rainha dos cárceres* e vários contos. *Nicolau* publica seu conto inédito: *Exercício de imaginação*, "que traduz da infância códigos que subvertem e seduzem as palavras."

NICOLAU VI (n° 49): 18, 19, jul., ago. 93. O Tronco.

Escritor: Luis Fernando Veríssimo, cronista. *Nicolau* publica: *O Tronco*. (Destaque Nacional).

NICOLAU VI (n° 50): 14, 15, set., out. 93. Cachorros do Céu.

Escritor: Wilson Bueno, autor de *Bolero's Bar*, *Manual de Zoofilia* e *Mar Paraguayo*. Criador e editor de *Nicolau*, publica o texto: *Cachorros do Céu* - uma fábula.

NICOLAU VI (n° 51): 10, 11, nov., dez. 93. Gravidade.

Escritor: David Leavitt, escritor californiano autor do livro *Family Dancing*, editado em 1985, surgiu como a grande revelação da literatura contemporânea dos Estados Unidos. Da coletânea de contos *A place I've Never Been* (1991) foi extraído *Gravidade*, que *Nicolau* publica pela 1ª vez em língua portuguesa. (Tradução de Caio Fernando Abreu)

NICOLAU VI (n° 51): 27, nov., dez. 93. Conversação.

Escritor: Iberê Camargo, considerado um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros. O texto *Conversação* que *Nicolau*, com absoluta exclusividade, resgata do ineditismo, é um fragmento do *Diário em progresso* que vem escrevendo há dez anos.

NICOLAU VII (n° 54): 28, 29, jul., ago. 94.

Escritores:

João. Roney Cytrynowicz, redator da *Folha de São Paulo* autor de *Memória da Barbárie, A história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial*, entre outros. *Nicolau* publica: *A sétima vida de Anna D.*

João Antônio, escritor, autor de *Dedo-Duro* (Ganhador do Pen Club) e *Guardador* (prêmio Jabuti/93, como melhor livro de contos), entre outros. *Nicolau* publica: *Morcego Seço* (Contos da Prostituta Loira).

Hilda Hilst, uma das mais importantes escritoras do Brasil, autora de *Do Desejo* (poesia), *As Aves da Noite* (teatro), entre outros. *Nicolau* publica: *Mirta*.

NICOLAU VIII (n° 55): 32, set., out. 94.

Escritor: Euclides da Cunha, publica: *Estouro da boiada*.

(de *Os Sertões*, 1901).

FICÇÃO: Quadro geral da seção

Ao contrário de outras como as dedicadas à música e ao teatro, esta seção - *Ficção* - foi intensamente explorada, ora revelando contos inéditos, ora expondo grandes escritores não só da literatura brasileira como de outras.

Nos exemplares do *Nicolau*, dos anos 87 a 94, foram publicadas 84 narrativas, entre contos, crônicas e novelas.

Em relação aos contos, narrativas de maior brevidade, vários temas foram explorados, alguns de conteúdo denso e psicológicos, como *Ave do Paraíso*, da escritora Nélida Piñon,³¹⁵ que fecunda seus textos com estilizações e paródias de muitas linguagens e visões de mundo; narrativas fantásticas, como *O homem que viu a árvore*, de José J. Veiga,³¹⁶ rompendo as fronteiras entre ficção e realidade; regionais, como *Êxodo*, de José Angeli³¹⁷, conto realista que expõe as dores e os sofrimentos da vida; de mistérios, como o escritor Mauro Montilla³¹⁸ que traz notícias do além, em escrita automática e surrealista, registrando as visões amazônicas sob o efeito da "Ayahuasca", planta preparada do "Jagubi", um cipó alucinógeno; autobiográfico como Roberto

³¹⁵ *Nicolau* nº 9, p. 22,23

³¹⁶ *Nicolau* nº 5, p. 19

³¹⁷ *Nicolau*, nº 13, p.18

³¹⁸ *Nicolau*, nº 21, p.9

Gomes³¹⁹, com o conto *Fragmento da memória*, revelando parte de sua vivência em Blumenau.

Nas crônicas, narrativas condensadas, os escritores captaram flagrantes da vida, pitorescos e atuais, com ampla variedade temática, às vezes num tom poético, embora coloquial da linguagem oral, às vezes, pequenos ensaios em tom opinativo como na produção de Wilson Bueno,³²⁰ *Influências* que, como diz o título, comenta sobre as influências e impressões causadas por determinados escritores em seus romances. Dentre os cronistas cabe lembrar a presença no *Nicolau* de nomes importantes na literatura brasileira como Fernando Sabino,³²¹ autor de, entre outros, *O encontro marcado*, *O grande Mentecapto*; Murilo Rubião,³²² que já estava há mais de dez anos sem publicar, fez sua "reintrée" literária no *Nicolau*, considerado um dos maiores escritores brasileiros vivos que, muito antes de Cortázar e Borges, da literatura hispano-americana, já introduzira o fantástico em seus textos; Moacyr Scliar,³²³ autor de trinta livros (contos, romances, ensaios, crônicas), vários já traduzidos para outras línguas, como inglês, francês, alemão, espanhol, sueco e hebraico, portador de vários prêmios literários.

Os autores, cujos textos foram publicados no *Nicolau*, podem ser classificados em três espécies: consagrados, novos e

³¹⁹ **Nicolau**, nº 5

³²⁰ **Nicolau**, nº 3, p. 25

³²¹ **Nicolau**, nº 6, p. 21

³²² **Nicolau**, nº 31, p.10, 11

³²³ **Nicolau**, nº 30, p. 22

estreadantes. Entre os de primeira plana, notou-se as seguintes presenças: José J. Veiga³²⁴ que faz de sua literatura algo muito pessoal, cuja visão de mundo procura registrar, sempre em linguagem simples, despojada de quaisquer aparatos lingüísticos, uma realidade mais complexa, menos aparente, como ele mesmo diz: "que resvala os limites do absurdo"; uma estranha realidade, que ele arranca, ora no mundo perdido de sua infância, ora no mundo que está a sua volta. Nélida Piñon,³²⁵ uma escritora que, sob o signo da paixão, faz do banal uma narrativa essencial; Hilda Hilst,³²⁶ escritora que troca a literatura séria pelo riso demolidor do erotismo; Dalton Trevisan,³²⁷ considerado um dos mais importantes da contística brasileira contemporânea, retirando da notícia policial, de uma frase no ar, de um bilhete de suicida, de uma confidência de amigos, a matéria-prima de seus contos; Roberto Drummond,³²⁸ que, além dos romances, *Sangue de Coca-cola*, *Hilda Furacão*, entre outros, exercita a difícil arte da narrativa curta, escrevendo: *Os mortos não dançam valsa*, que Nicolau mostra, pela primeira vez, em seus exemplares; Osman Lins,³²⁹ cuja prosa, rigorosamente construída, sempre foi marcada pela busca radical de uma nova narrativa, como *Avalovara*, romance que, segundo o poeta José Paulo Paes, "é uma obra fora do

³²⁴ Nicolau, nº 5, p. 19

³²⁵ Nicolau, nº 9, p. 12, 13

³²⁶ Nicolau, nº 34, p. 14, 15

³²⁷ Nicolau, nº 39, p. 14, 15

³²⁸ Nicolau, nº 40, p. 24, 25

³²⁹ Nicolau, nº 47, p. 9

comum, de alto apuro formal e tocante verdade humana, que se há de afirmar como um dos mais belos e originais romances até hoje escritos em língua portuguesa".³³⁰ *Nicolau* publica seu conto inédito *Exercício de imaginação* que "traduz da infância códigos que subvertem e seduzem as palavras", entre outros.

Dentre os novos figuravam no *Nicolau* nomes que talvez hoje seriam colocados na primeira posição. Neste aspecto, nota-se a presença, entre outros, de Wilson Bueno,³³¹ com um número bem expressivo de publicações (dez no *Nicolau*). O escritor em questão foi diretor e criador do *Nicolau* e apresentou, entre outros textos, fragmentos de *Mar Paraguayo*, novela ainda em progresso, já com mais de 100 páginas, escritas "a partir da língua falada no Brasil e do castelhano, dando origem a uma outra língua"; Valêncio Xavier,³³² que, segundo Décio Pignatari, "é o nosso primeiro escritor romancista gráfico". Só agora conhecido do grande público, pois terá seus textos compilados em *O Mez da Grippe e Outros livros*, lançado recentemente pela Companhia das Letras, considerado pela crítica como um desconstrutor (como Jacques Derrida), um demolidor de texto, não visando a criação/criatividade num vácuo histórico-social, mas entendendo o texto como uma espécie de artefato de múltiplas lógicas e sentido mais amplo possível, aquele que embute, como diz Derrida, "Todas as estruturas ditas reais, econômicas,

³³⁰ *Nicolau*, nº 47, p. 9

³³¹ *Nicolau*, nº 11, p. 12, 13

³³² *Nicolau*, nº 16, p. 12, 13

históricas, sócio-institucionais, em suma, todos os referenciais possíveis”³³³.

Nicolau publica ainda nesta seção os contos de escritores estreantes que foram premiados no 3º Concurso Nacional de Contos, promovido pela Secretaria da Cultura do Paraná, como Claudio Lacerda,³³⁴ autor de *Miss aracnídea*, apresentando uma literatura fantasista, criado pela imaginação e que existe fora dos limites do Real e do senso comum. Benedito Pires³³⁵: *Mimetismo* (a carne irrelevante), extraído do texto *Vinte histórias do senhor das moscas*. Cunha de Leiradella,³³⁶ com o texto *A vontade da Delma e o mundo assim*, extraído do livro *Turistas são os outros*, entre outros.

Quanto aos procedimentos, a anarquia formal parece dominar algumas produções presentes no *Nicolau*, demonstrando a vivacidade do gênero e exprimindo a criatividade dos escritores que buscavam sempre a dicção e os caminhos pessoais. É o que se pode observar, por exemplo, no conto de Beto Carminatti,³³⁷ *Mapa Imúndi* que não faz uso das convenções lingüísticas presentes nas gramáticas, como a pontuação e os aspectos formais, criando, assim, um texto que parece se amoldar à criatividade do escritor.

Em outros textos evidencia-se uma intensificação do ludismo na criação literária de alguns escritores, como Rui

³³³ **Limited**, In p.203

³³⁴ **Nicolau**, nº 11

³³⁵ **Nicolau**, nº 27, p. 16, 17

³³⁶ **Nicolau**, nº 37, p. 20

³³⁷ **Nicolau**, nº 8

Werneck de Capistrano³³⁸, em seu conto *Palavras cruzadas*, texto que lembra um jogo de palavras cruzadas onde as palavras se cruzam quando têm uma letrinha em comum, diferente das pessoas que são afastadas pelas mesmas. Através de neologismos "duasquatsusoit", revela a liberdade plena da experiência, que alguns teóricos consideram como a metáfora da libertação social.

Em outros momentos o texto volta-se sobre si mesmo enquanto linguagem ou enquanto processo. Este procedimento, pode-se observar no conto de Roberto Gomes,³³⁹ *Let's try again*, texto metalingüístico que revela o processo de escrever.

Ainda, configura-se nos textos literários uma figuração alegórica de tipo hiper-real e metonímico. São textos que fazem uma radiografia, uma denúncia da realidade social, com personagens de ficção, mas que remetem a uma realidade existente e comportável; como exemplo disto pode-se apontar os textos de Domingos Pellegrini,³⁴⁰ *Guerra civil*, com sentido alegórico e moral.

Como o universo multifragmentado do mundo contemporâneo, alguns textos também presentificam um fragmentarismo textual, colocados em seqüência, sem qualquer relacionamento explícito entre a significação de ambos, como no texto de Sérgio Rubens Sossélla,³⁴¹ *Baterias de sono* que apresenta fragmentos

³³⁸ Nicolau, nº 9, p. 4

³³⁹ Nicolau, nº 15, p. 28

³⁴⁰ Nicolau, nº 1, p. 28

³⁴¹ Nicolau, nº 4, p.4

ficcionais no qual o leitor chega ao sentido do conjunto, associando uns aos outros, a partir de traços semânticos comuns.

A presença do humor também é peculiar em alguns textos como os de vários escritores como Thereza Lacerda, Millor Fernandes, Reinaldo Figueiredo, Luiz Fernando Veríssimo, Bussunda,³⁴² redator da *Casseta Popular*, Woody Allen, (tradução de João Carlos G. Júnior), seis mestres do humor que apresentam seus textos em prosa deslavada, lembrando com sensível ironia que o homem em atitude dionisiaca é o único animal com o dom sagrado do riso.

Com tais procedimentos, pode-se afirmar que *Nicolau* esteve sempre em sintonia com as melhores produções literárias, envolvendo uma temática variadíssima desde a caracterização de problemas individuais aos espaços do imaginário em aberto, passando por aspectos relevantes da realidade social brasileira. Os contos apresentados avultaram com um grande número de propostas marcadas de recursos renovadores, em três linhas, de força bastante acentuada: a permanência da tradição realista, revitalizando abertura para o imaginário, com ênfase no maravilhoso, a preocupação acentuada com a linguagem, permitindo ao leitor o fruir de uma excelente leitura.

³⁴² Nicolau, nº 41, p. 20

CAPÍTULO XI

TEATRO

Homem dialogando entre si e como público, os atores são o instrumento vivo de uma arte que, fundada na palavra e na expressão corporal, sob o comando do encenador, renova a cada espetáculo o mistério da criação.

(Sábato Magaldi - Nicolau, n° 44, p. 08, 09)

BARRACÃO TEATRAL: MODULAR PROJETO DA FTG

tagem: Márcia Marques

Ah, os pioneiros! Fizeram o interior com tão pouca terra. E não foi só a construção de casas, armazéns, postos de saúde. Afinal, a vida não é só feita de trabalho e proteção para o corpo. É necessário cuidar da alma, também. Os pioneiros entenderam isto. No ato da interiorização levaram as festas, as celebrações. E o teatro esteve presente em toda a história. E é com base nesta experiência dos pioneiros e estrutura mínima e barata que a Fundação Teatro Guaira vai criar o espaço para que o interior desenvolva seu potencial. A proposta ainda está no papel, mas o objetivo é mostrar-se viável. São os barracões teatrais, em uma construção quase modular de madeira, um projeto concedido pela prefeitura, apoio da Lei Sarney e alguma ação prometem sacudir a poeira e transformar-se em centros de cultura por este rico interior do Paraná.

Ter um teatro não é tarefa das pequenas cidades. Não é raro encontrar uma cidade com um projeto pronto para um teatro dentro de uma espera de verba, sempre limitada para outro tipo de prioridade cultural. É isto numa avaliação feita pela Fundação Teatro Guaira calcula em centenas deles rodando por lugares a utilizar igrejas, bares para se apresentar. Curitiba, apenas. Um teatro com este nome, e um antigo cinema. É a solução.

A proposta da Fundação Teatro Guaira barracão teatral, consistindo de 400 m², terá um tamanho do Guairinha, chão de cimento desmontável de palha. O funcionamento e seu conteúdo, não será esquecida. O espaço, ao funcionar como teatro, servirá como ponto de encontro para reuniões e debates. Durando o mesmo espaço para uma biblioteca, com o próprio município, e ante, concedido pela Biblioteca Paraná, com muitos recursos para servirem de base para os leitores.

O custo dos custos é modesto, de um gasto de dois milhões entre a construção e equipamentos, sempre sob o patrocínio da Fundação Teatro Guaira. O palco italiano transformado em arena. A verba inclui o equipamento de som, um amplificador e quatro refletores, além de 30 refletores com 12 canais. "É o espetáculo viável", justifica o superintendente do projeto, Constantino Viaro. Este projeto que é hoje sua prioridade.

O fundamental do barracão teatral é que sua proposta é formar o público. Depois, se a comunidade decidir que precisa de um espaço maior e mais sofisticado, nada impede que este barracão seja desmontado e vá divertir outra freguesia. Sua estrutura semimodular ainda permite que sua capacidade seja ampliada até 400 lugares, o que é o tamanho de alguns teatros em centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Outro dado interessante do projeto é que pelo sistema convencional são necessários dois anos de espera pela construção, enquanto o barracão tem a vantagem de ocupar toda a mão-de-obra local e ficar pronto em no máximo 90 dias.

"A ideia do barracão teatral surgiu em função dos pedidos constantes de prefeitos do interior que querem um teatro em seus municípios", conta Constantino Viaro. Atualmente a Fundação Teatro Guaira já vem desenvolvendo o programa de carretas volantes, que levam o teatro ao interior, mas isto ainda é muito pouco para a necessidade do público, que quer, e merece, mais. Com esta solução barata não apenas os grupos amadores terão espaço para se apresentar, mas também os grupos profissionais que se apresentam apenas na capital poderão estender suas temporadas no interior. Um teatro destes tem capacidade para apresentar um baile com 25 figurantes, por exemplo.

Outra questão levantada pelos idealizadores do projeto é que o Estado não funcionaria como subsidiador dos grupos. O público paga o ingresso e sustenta o teatro. Com teatros espalhados pelo interior o intercâmbio entre as cidades, hoje restrito ao setor econômico, será ampliado para o setor cultural, também. "O que nós não queremos é que o ponto central, a referência, seja sempre a capital. Tem gente de talento em todo o interior", afirma Viaro. Apesar de ser um projeto voltado para as necessidades do interior, até mesmo Curitiba se beneficiará do barracão teatral. Será construído um teatro infantil — o Gepetto — no bairro italiano de Santa Felicidade. A proposta é que no primeiro ano de sua implantação sejam construídos 20 teatros pelo interior, e para isto já se está estudando a viabilidade

do Banco do Estado do Paraná entrar com uma parte dos recursos necessários.

Os barracões teatrais vão se integrar a um outro programa do Teatro Guaira, que envia constantemente ao interior professores de teatro e de dança para desenvolvimento de cursos, com o objetivo de aperfeiçoar os grupos existentes. Os barracões consolidarão esta proposta, pois permitirão a concretização do trabalho teórico. O projeto começa a andar. A Fundação está definindo as regiões e priorizando os municípios-sede regionais para a instalação do teatro, sempre com a perspectiva de estar criando um centro irradiador de cultura.

Constantino Viaro sabe que a partir do momento em que se divulga no *Nicolau* a notícia da proposta dos barracões teatrais, haverá uma enxurrada de pedidos. Tem um pouco de receio de que as expectativas sobreponham-se ao projeto, mas sabe que ele vai funcionar. "Não temos interesse em controlar estes teatros, ou minicentros de cultura. Queremos apenas ajudar na criação do espaço", explica. Embora a programação tenha previsto a instalação de 20 teatros em um ano em áreas-pólo regionais, Viaro afirma que nada impedirá que a prefeitura que tiver conseguido o patrocínio pela Lei Sarney implante o seu barracão-teatro.

Márcia Marques é correspondente do jornal *Nicolau* em Curitiba.



nicolau

TEATRO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

AGE, Gina. *O que é que há com o teatro do Paraná*. I (n° 9):
19, mar. 88.

*Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no
Paraná? Ou dá?*

ALVETTI, Celina. *Uma história de resistências*. IV (n° 30): 16-
19, fev. 90.

O teatro paranaense na ribalta.

COSTA, Marta Morais da. *Em busca de um teatro perdido*. II (n°
13): 19, jul. 88.

*Retrospectiva, desde a virada do século aos primeiros 30
anos do teatro de Curitiba.*

———, *O que é que há com o teatro do Paraná*. I (n° 9): 19,
mar. 88.

*Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no
Paraná? Ou dá?*

CRUZ, Raul. *O que é que há com o teatro do Paraná*. I (n° 9):
19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? Ou dá?

FRANÇA, Sansores. *O que é que há com o teatro do Paraná*. I (n° 9): 19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? Ou dá?

GEMBA, Oraci *O que é que há com o teatro do Paraná*. I (n° 9): 19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? Ou dá?

LACERDA, Maria Thereza. *A Noite em que Lapa se curvou diante da Europa. (E Pepa Ruiz, por um triz, faz ruir o Teatro São João)*. III (n° 19): 22-24, jan. 89.

Apresentação da espanhola Pepa Ruiz, na inauguração do Teatro São João, na cidade da Lapa.

LEITE, Zeca Corrêa. *Teatro em Curitiba. Uma questão de espaço?* I (n° 1): 18, 19, out. 87.

MAGALDI, Sábado: *Teatro para o próximo milênio*. VI (n° 44): 08, 09, jul., ago. 92.

"Os espetáculos representam um enriquecimento interior extraordinário, que faz paralelo em outras artes, mas não encontra emoção estética e vital idêntica."

MARQUES, Márcia. *Barracão Teatral. O Modular projeto da FTG. I* (n° 4): 16, out. 87.

"Barracões teatrais, que com uma construção quase modular de madeira, um terreno cedido pela prefeitura, apoio da Lei Sarney e alguma inauguração prometem sacudir a poeira e transformar-se em mini-centros de cultura por este rico interior do Paraná."

MENDONÇA, A. Maurício e Meneghel Terezinha. *Nô: Espelho da Mente. I* (n° 3): 8, set. 87.

Peça *Nô*, de Zeami. Em *Matsukaze* (vento nos pinheiros) de autoria de Kan'Ami, adaptada por Zeami, é narrada a história de dois fantasmas femininos que aparecem para um monge na praia.

MILLARCH, Aramis. *A Vida do ator. IV* (n° 32): 24, 25, abr. 90.

Considerações sobre o ator José Maria Santos (1933-1990).

MONTEIRO, Nilson. *Penúltima Cena. I* (n° 2): 24, ago. 87.

Texto em memória de José Antônio Teodoro. (Téo), 36 anos.

MOTTA, Paulo. *Arrabal: A Dramaturgia dos escombros edipianos*. II (n° 17): 22, nov. 88.

Teatro de Fernando Arrabal, nascido em Melilla, Marrocos espanhol.

———, Paulo. *Meyerhold: Aluno de Stanislavski e mestre de Maiakovski e Eisenstein*. I (n° 4): 18, 19, out. 87.

Karl Theodore Kasimir Meyergold, depois Vsevolod Meyerhold, quando chega a Moscou. Suas idéias: O Teatro e a Revolução que, por toda a vida, encarou como uma só coisa.

MOTTA, Paschoal- *No alto V* (n° 39): 29, jul. 91.

PELLEGRINI, Bernardo. *Toda cena, um festival de paixão e pânico*. IV (n° 34): 24-26, ago., set. 90.

Festival internacional de teatro em Londrina.

SANTOS, Maria José. *O que é que há com o Teatro do Paraná*. I (n° 9): 19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? ou dá?

SILVEIRA, Marilú. *O que é que há com o Teatro do Paraná*. I (n° 9): 19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? ou dá?

———, *Emoção e Vida: a arte do boneco*. IV (n° 29): 18, jan. 90.

Palco-platéia. O espaço da arte. Bonecos com vida.

TÁVORA, Maurício. *Um Palco para todos os Teatros*. III (n° 22): 18, abr. 89.

Promove Concurso Nacional de Texto para Teatro - Prêmio Maurício Távora.

VIARO, Constantino Batista. *O que é que há com o Teatro do Paraná*. I (n° 9): 19, mar. 88.

Nicolau pergunta: Por que o teatro não dá certo no Paraná? ou dá?

TEATRO: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n° 1): 18, 19, jul. 87. *Teatro em Curitiba: uma questão de Espaço?*

Zeca Corrêa Leite.

A reportagem basicamente revelou três questionamentos: o primeiro em relação ao espaço, colocando o Teatro Guaíra não tão apropriado para se levar teatro, na opinião de muitos artistas. No entanto, havia uma verdadeira obsessão por este espaço, uma vez que o público curitibano não tinha o hábito de freqüentar outros teatros da cidade, por uma questão cultural ou de "status". Outro questionamento fez referência ao caráter sociológico predominantemente local, pois o público, classe A, de maior poderio econômico não privilegiava os artistas locais, preferindo ver o externo, a superprodução e artistas de TV, desvalorizando os artistas locais. Finalmente questionavam a preferência pelo Estado e agências de publicidade em contratar artistas famosos para fazer seus comerciais, colocando à margem os talentos curitibanos.

NICOLAU I (n° 2): 24, ago. 87. *Penúltima Cena.*

Nilson Monteiro rememorou José Antônio Theodoro, professor de teatro, que fez *A nudez*, de Nelson Rodrigues, centenas de vezes, depois atuando nos EUA, México, morto aos 36 anos pela hepatite B ou cirrose.

NICOLAU I (n° 3): 8, set., 87. *Nô: Espelho da Mente.*

Maurício H. Mendonça - Terezinha Meneghel.

Revelaram o teatro *Nô*, de caráter japonês que sofreu influência decisiva do Zen, a religião e arte oficiais dos samurais do século XIV.

NICOLAU I (n° 4): 16, out. 87. *Barracão Teatral: O Modular projeto da F.T.G.*

Márcia Marques relatou a proposta feita pela F.T.G. da construção de barracões teatrais, construções modulares de madeira em terreno cedido pela prefeitura, com apoio da Lei Sarney, no interior do Paraná. A idéia do barracão teatral surgiu em função dos pedidos constantes de prefeitos do interior que queriam um teatro em seus municípios. *Nicolau* se propôs a divulgar a notícia dos barracões teatrais, colaborando, desta forma, para incentivo da proposta.

NICOLAU I (n° 4): 18, 19, out., 87. *Meyerhold: Aluno de Stanislavski e mestre de Maiakovski e Eisenstein.*

Relatou a vida e produção teatral de Meyerhold, considerado um dos melhores alunos de Stanislavski, que dirigiu o TAM, o mais importante centro teatral do mundo. Precursor do teatro não-realista, autor da teoria biomecânica da ação, foi professor de Maiakovski e Eisenstein.

Considerado como importante referência na dramaturgia pelas suas idéias revolucionárias preterindo o naturalismo aristotélico, pois este não servia mais para o "admirável mundo novo" que estava surgindo, sendo necessário criar um "teatro teatral".

NICOLAU I (nº 9): 18, 19, mar. 88. *O que é que há com o teatro do Paraná?*

Depoimentos:

Constantino Baptista Viaro, Superintendente da Fundação Teatro Guairá, questionou atualidades no teatro brasileiro, pois todos estão carentes de coisas novas, após seguidos anos de repressão.

José Maria Santos, ator e diretor do grupo Tecefet, reflexionou que o teatro do Paraná não dá certo, porque a maioria dos "profissionais" são funcionários públicos e só fazem teatro nas horas de folga.

Oraci Gemba - ator e diretor teatral.

Para Oraci Gemba, a comunicação brasileira cresceu muito, e o teatro, num todo, estacionou.

Sansores França - ator, preocupou-se em afirmar que o teatro não é para consumo de massa.

Marta Moraes da Costa, professora universitária e pesquisadora, não acreditou na existência de uma determinante regional, geográfica, humana ou cultural, impedindo o desenvolvimento do teatro no Paraná. Há fatores muito mais complexos.

Marilú Silveira, professora do Curso de Artes Cênicas da PUC/F.T.G., alegou a falta de profissionalismo no teatro curitibano.

Gina Age, estudante do Curso de Artes Cênicas da PUC/F.T.G., alegou também a falta de profissionalismo dos professores, um dos problemas mais sérios do Curso Superior de Artes Cênicas, o que provoca grande desestímulo nos alunos.

Raul Cruz, diretor do teatro amador, falou do novo teatro curitibano, da província e suas limitações, da falta de

público que impossibilita a realização de temporadas, da falta de confiança da classe empresarial e de outros fatores, que impedem o avanço do teatro no Paraná.

NICOLAU II (n° 13): 19, jul. 88. *Em busca de um teatro - perdido.*

Marta Morais da Costa rastreou o percurso do teatro em Curitiba em todas as suas reviravoltas e inércias, da virada do século aos primeiros 30 anos.

NICOLAU II (n° 17): 22, nov. 88. *Arrabal: A Dramaturgia dos Escombros Edipianos.*

Paulo Mottade Fernando Arrabal (Melilla, Marrocos Espanhol).

Análise da vida e obra de Fernando Arrabal (Melilla, Marrocos Espanhol), autor de *A Bicicleta do Condenado*, peça impregnada de simbologia, relacionada a momentos históricos da Espanha, e a aspectos de sua vida pessoal.

NICOLAU III (n° 19): 22-24, jan. 89. *A noite em que a Lapa se curvou diante da Europa. (e Pepa Ruiz, por um triz, faz ruir o Teatro São João).*

Maria Thereza Lacerda.

Relato do dia 27 de janeiro de 1887, quando na Lapa, a Companhia de Operetas Souza Bastos se apresentou no

Teatro São João, com a estréia da atriz espanhola Pepa Ruiz, causando reboliços por toda a cidade; paralelamente, faz um retrato da época "de Dantes" na cidade lapaena.

NICOLAU III (n° 22): 18, abr. 89. *Um palco para todos os teatros.*

Maurício Távora (1937-1986).

Nicolau rememorou Maurício Távora que, em 58, juntamente com outros artistas fundou o "Teatro de Bolso" em Curitiba, na Praça Rui Barbosa, pioneiro também na luta pela regulamentação da classe.

NICOLAU IV (n° 29): 18, jan. 90. *Emoção e vida: a arte do boneco.*

Marilú Silveira apresentou o Teatro de Bonecos, espetáculo de total transfiguração sígnica, na extrapolação do objeto, na revelação do vir a ser. Leitura peirceana, na seqüência triádica, uma vez ícone, outra índice, outra símbolo.

NICOLAU IV (n° 30): 16-19, fev. 90. *Uma história de resistências.*

Celina Alvetti rastreou o teatro paranaense desde 1855 até 1982, tendo Paranaguá como o centro das manifestações

culturais e artísticas do Paraná; o São Theodoro, hoje Teatro Guaíra, inaugurado em 1884, a mais importante casa de espetáculos dos primórdios da história do teatro paranaense; o "TAS" (Teatro de Adultos do SESI), o grupo mais bem estruturado do Paraná; Grupo de Teatro Amador do Colégio Estadual do Paraná - Gruta; Teatro Experimental Guaíra; a Sociedade Paranaense de Teatro (SPT) e o Teatro de Estudante do Paraná (TEP); O Teatro de Comédia do Paraná (TCP), mantido pelo governo entre o ano de 1963 e o início da década de 70; o XPTO, espaço de experimentação na década de 60; o Teatro de Bolso, demolido em 75 e reinaugurado 7 anos após.

NICOLAU IV (n° 32): 24, 25, abr. 90. *A vida do ator.*

Aramis Millarch, jornalista, rememorou José Maria Santos, morto a 4 de janeiro de 1990, falando de sua vida, dos filmes e vídeos que fez, inclusive de seu último trabalho: *Mal, 9:30*, direção de seu amigo Valêncio Xavier.

NICOLAU IV (n° 34): 24-27, ago., set. 90. *Toda cena um festival de paixão e pânico.*

Bernardo Pellegrini noticiou o Festival de Inverno de Teatro em Londrina, Festival Internacional de Teatro (19 junho a 1° de julho), com centenas de representações de

espetáculos por 24 grupos de 16 diferentes países, representando algumas das principais correntes do teatro independente da América Latina e Europa.

NICOLAU VI (n° 44): 8, 9, jul., ago. 92. *Teatro para o próximo milênio.*

Sábato Magaldi analisou questões importantes pertinentes ao mundo teatral, tais como reconhecimento do teatro como arte autônoma, sob a batuta do ensinador e não apenas mera ilustração da literatura; a partir de verdades elementares, também pensou o ideário e o futuro do mesmo, ligados a preocupações de natureza, estética e econômica.

TEATRO :Quadro geral da seção

Como o Cinema, o *Teatro* não mereceu, por parte dos articulistas do *Nicolau*, muita atenção, pois, ao longo dos 55 exemplares, sob a direção de Wilson Bueno, apenas 15 artigos foram arrolados. Dentre estes, muitos artigos revelaram o teatro paranaense desde a virada do século até a década de 80, demonstrando interesse em rastrear seu percurso. Muitos artistas famosos também foram referenciados, tais como: José Antônio Theodoro,³⁴³ professor de teatro, morto aos 36 anos; Fernando Arrabal³⁴⁴ (Melilla, Marrocos Espanhol), autor de *A Bicicleta do Condenado*; Maurício Távora,³⁴⁵ fundador do Teatro de Bolso do Paraná; José Maria Santos,³⁴⁶ morto a 4 de janeiro de 1990, autor de *Mal, 9:30*, dirigido por Valêncio Xavier.

Mas, não só de necromancia falaram os artigos do *Nicolau*; noticiou festivais de teatro como o Festival Internacional de Teatro,³⁴⁷ reunindo dezesseis diferentes países, representando algumas das principais correntes do teatro independente da América Latina e Europa; noticiou também a noite em que a Lapa se curvou diante da Europa, como a estréia de Pepa Ruiz, na inauguração do Teatro São João;³⁴⁸ analisou o Teatro de

³⁴³ *Nicolau*, nº 2, p. 24

³⁴⁴ *Nicolau*, nº 17, p. 22

³⁴⁵ *Nicolau*, nº 8, p. 18

³⁴⁶ *Nicolau*, nº 32, p. 24, 25

³⁴⁷ *Nicolau*, nº 34, p. 24 a 27

³⁴⁸ *Nicolau*, nº 22, p. 22 a 24

Bonecos,³⁴⁹ espetáculo de total transfiguração signica; serviu de espaço para propostas como o Projeto Modular da F.T.G.,³⁵⁰ que viabilizava a construção de barracões teatrais nos municípios do interior do Paraná, convidando figuras importantes do mundo teatral, como o dramaturgo Sábato Magaldi.

No balanço das dificuldades, segundo os depoimentos,³⁵¹ o teatro paranaense enfrentou vários problemas, tais como falta de espaço físico para os grupos e companhias teatrais, pois Curitiba oferecia apenas o "13 de Maio", "Paiol", de "Bolso", as três salas do "Guaíra", o "Sesc da Esquina" e o recente "Grupo Colmédia"; destes o mais solicitado era o Guaíra, uma vez que o curitibano, por problemas culturais e sociológicos, não se habituava a freqüentar outros teatros, ocasionando o inflacionamento e limitando as temporadas teatrais a prazos cada vez mais reduzidos. Um outro problema, enfrentado pelos atores curitibanos, foi em relação ao mito televisivo que atravessou o país de ponta a ponta, arrebanhando a atenção das pessoas, que preferiam o conforto de suas casas ao lugar de uma casa de espetáculos. Ainda em relação a este aspecto, havia a preferência do público para os artistas televisivos, que lotavam as casas de espetáculos quando estes se apresentavam e a preferência também dos empresários e de

³⁴⁹ Nicolau, nº 29, p. 18

³⁵⁰ Nicolau, nº 4, p. 16

³⁵¹ Nicolau, nº 30, p. 16 a 19

campanha da "Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado do Paraná" em gravar "Teipes" não com artistas locais mas com personalidades já conhecidas do público através da televisão, mostrando, dessa forma, um processo de total desvalorização.

A crise do teatro, não só paranaense mas brasileira, dizia respeito também à falta de poder aquisitivo para fazer frente às ofertas das companhias teatrais. E, conseqüentemente, a falta de público impossibilitava a realização de temporadas, impedindo o retorno financeiro necessário para cobrir os investimentos feitos em uma peça, segundo Marta Morais da Costa.

Segundo os depoimentos,

enquanto os atores procurarem na cultura brasileira apenas as plumas e as lanteroulas, enquanto os autores escreverem para o teatro pensando na literatura e distantes das verdades de seu povo e enquanto o público esperar do palco a linguagem da televisão e do cinema, o teatro continuará sendo um enfeitado, aqui e hoje, além e sempre.³⁵²

Falta de profissionalismo no teatro curitibano, pois o que garantia o trabalho e o elo entre o palco e platéia era a qualidade dos espetáculos. Falava-se também em falta de profissionalismo dos professores do Curso Superior de Artes Cênicas, provocando grande desestímulo nos alunos. Nicolau apresentou poucos artigos nesta seção, mas o suficiente para se poder fazer um balanço da sua situação, com vários depoimentos de pessoas importantes ligadas ao teatro, bem como

³⁵² Nicolau, nº 30, p. 16 a 19

rastrear o seu surgimento, desde o início do século até a década de 80, quando se buscaram algumas soluções.

Dentre estas, apontaram uma forma alternativa, oferecida pelo teatro "13 de maio", que consistia em um projeto para as escolas, fazendo com que os alunos freqüentassem o teatro, com o objetivo de formar as platéias para o futuro.

O secretario da Cultura, Renê Dotti, criou o projeto "Liberdade e Participação", cujos objetivos eram os de aproximar o público universitário do teatro que tinha oportunidade de assistir a um espetáculo teatral gratuitamente em seções especiais, e depois debater aquilo que viu, com o elenco e o diretor da peça. O projeto foi muito aplaudido, pois era de fácil operacionalização, sem se bater com a burocracia. O objetivo era também, a médio prazo, criar uma platéia para o teatro local.

Também houve a construção de barracões teatrais em terrenos cedidos pela Prefeitura Municipal, com o apoio da Lei Sarney, no interior do Paraná.

Por outro lado, o sucesso do teatro brasileiro estava condicionado às amarras da televisão; os artistas locais não podiam medir forças com os artistas televisivos preferidos pelo público. Somente uma força oficial, mantida pelo Estado, poderia fazer frente à concorrência, apresentando projetos bem elaborados, para desviar, dessa forma, a apologia ao fracasso e à miséria artística.

Outro reforço para o teatro foi o surgimento do "teatro marginal", com o qual estavam nascendo as novas idéias, os novos profissionais de teatro, que promoviam um teatro novo e inquietante. Celebravam o que havia de bom na província, e apareciam novos pólos produtores de arte e cultura, o que parecia ser uma solução ideal.

Além deste balanço de sobrevida do teatro paranaense, *Nicolau* também abriu espaço para leituras e estudos de dramaturgos estrangeiros, como Myerhold,³⁵³ aluno de Stanislavski, que dirigia o TAM, o mais importante centro teatral do mundo.

³⁵³ *Nicolau*, nº 4, p. 18

CAPÍTULO XII

ARTES GRÁFICAS

*A arte não existe para mostrar
a realidade como ela é, mas
como pode ser.*

(Temas de Filosofia, p. 188)

Elifas Andreato

(Rolândia/PR, 1937)



grávido de matéria sutil

trei-me com os pincéis, telas, cavalete e as impressões Elifas Andreato em meados de 1980. Eu já o vinha observar algum tempo, pintando a chuva, o sol, a noite e o dia, setenta. Pois eu me lembro que, nesses anos setenta, ruço de onze capas de discos de música popular brasileiros umas treze eram dele. Em julho/agosto de 1980, ão estava envolvido com as catedrais imensas de Aulnyos (... o anjo torto que é o desordeiro da fé?) e os mundos de *Bandalhismo* da dupla J. Bosco/A. Blanc. sim que Elifas chegou com aqueles rostos que traziam certas, uma ao lado da outra, em gritos sucessivos, como lassem mais um dia de sufoco. Esses rostos e bocas esta-

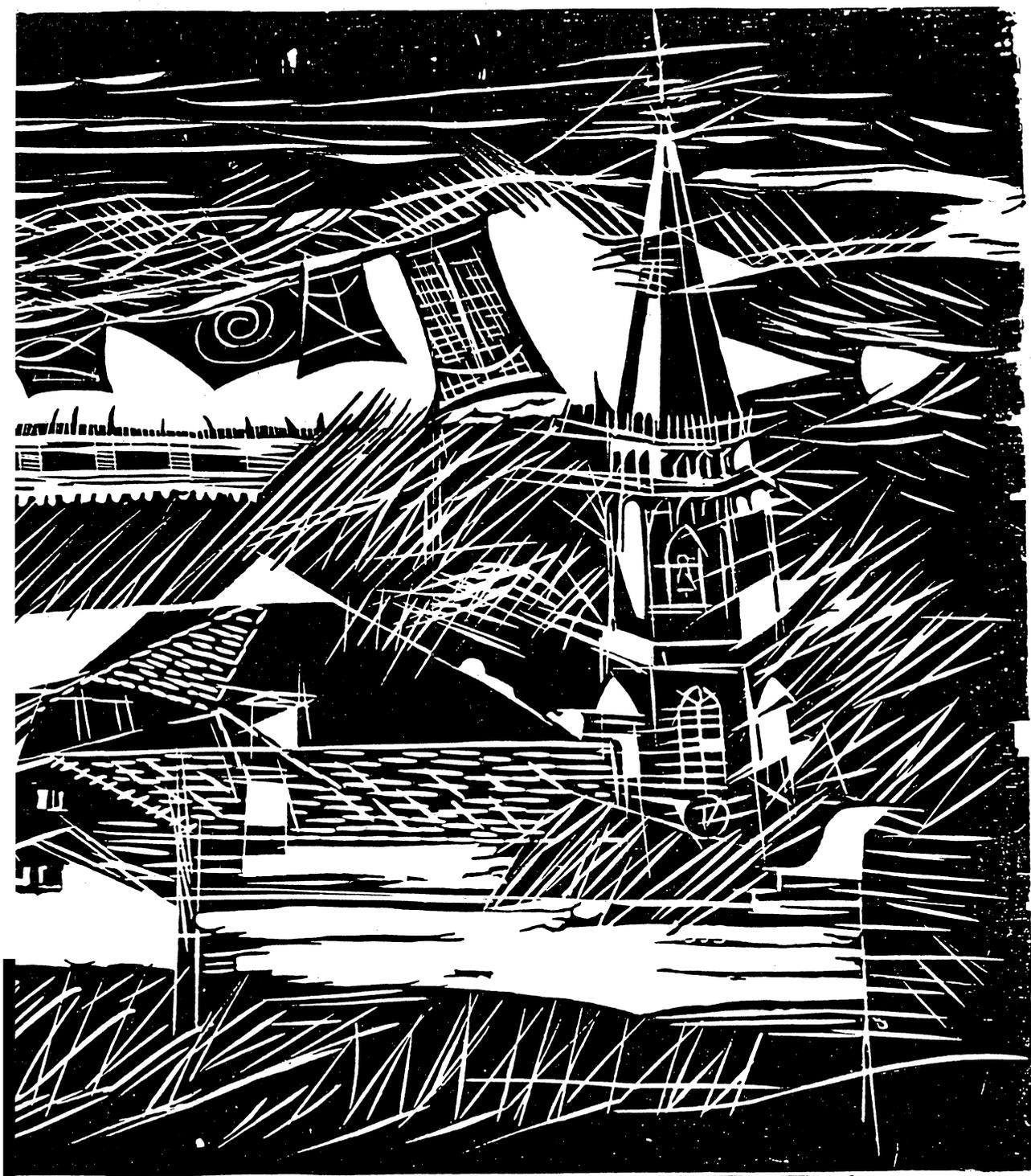
vam projetados (como técnica de colagem) numa folha de jornal e suas notícias, numa homenagem ao pintor Carlos Scliar ("... o pintor é um homem dentro do mundo, com suas responsabilidades acrescidas da possibilidade especial de comunicação e atuação..."). Não era um disco de capa dupla, mas simples também não era, pois, deixando vaziar algumas notícias pelos cantos da folha de jornal, os rostos, as bocas e outras notícias estavam encobertos (ou descobertos) pelo perfil do artista (cortado em faca na oficina gráfica), onde se lia: "João Bosco/Bandalhismo".

Algum tempo depois, numa visita à minha casa no Rio, Elifas me presenteou com um quadro: um lindo cata-vento colorido com aquelas cores que só Elifas sabe pintar. Basta olhar para esse quadro e sentir os bons ventos da minha infância em Minas. E agradeço.

João Bosco



25 de Outubro tem cima:
Semeador 1 ao lado.



I"-1993

0 93
3 ctba.

I

a

U

10 VC 0
13 liz szczepanski
(São da Gabiroba/PR, 1958)

ULHER

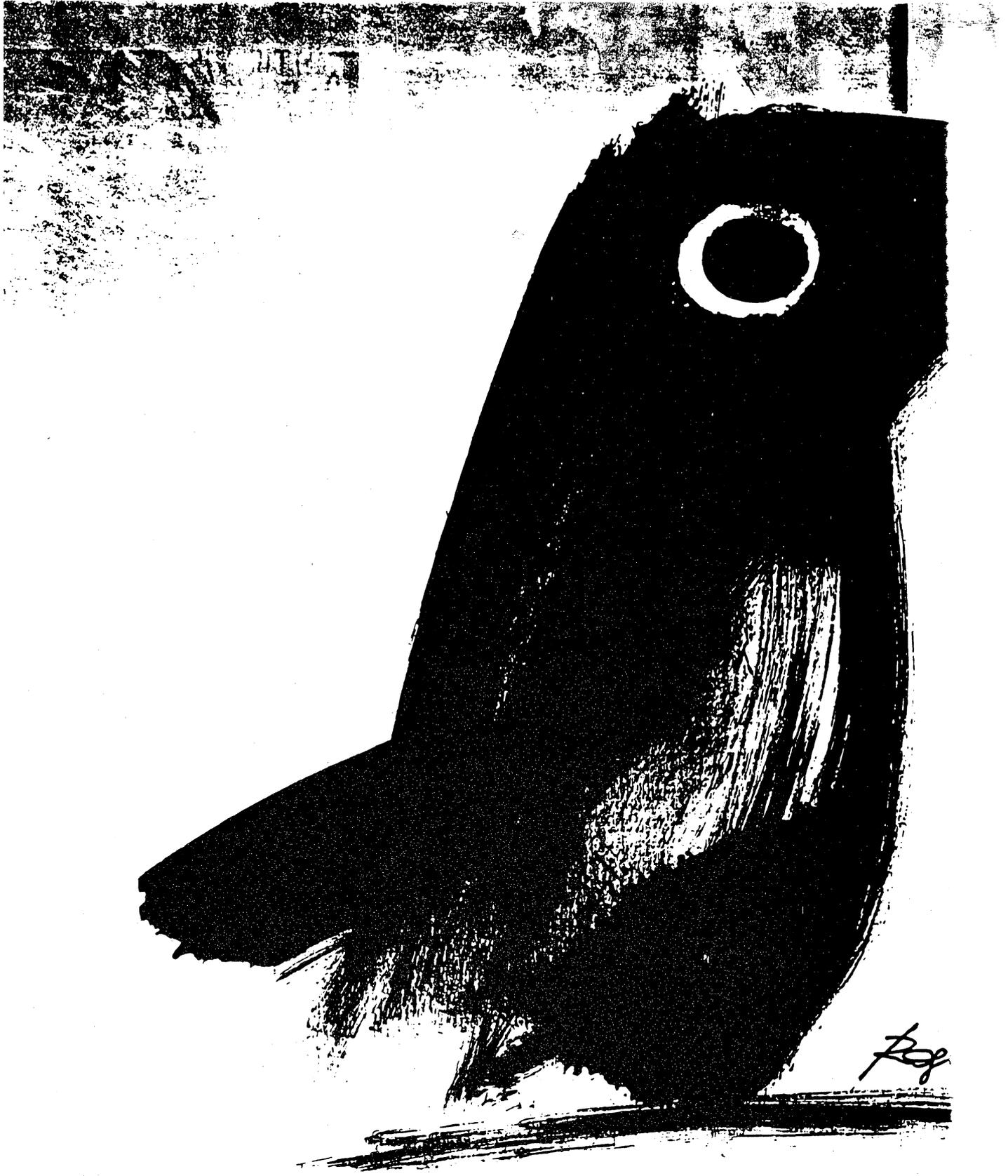
la em curvas avança para mim,
re com ternura — mas quer me asfixiar.
aço me indica o seio e o paraíso,
braço me convoca para o inferno.
o Livro, ordena e fala:
as são chicotadas para mim, rebelde.
uiça e maior que toda a caridade.
me vomitar de sua boca,
enso pelas narinas.
sete pecados mortais traspassam seu coração.
coração os sete gládios
ve cantando a queixa que vem do Eterno,
ela voz do órgão, dos sinos, pelo coro dos desconsolados.
nua a história de algumas suas grandes filhas
tes de subirem para os altares,
a mãe de seu Criador, Musa das musas,
e porque exaltei acima dela a mutável Berenice.
la em curvas
cendiar com o fogo dos candelabros.
sair da igreja nem lutar com ela
i me absorverá
ura totalitária e cruel.

es



P/A 1

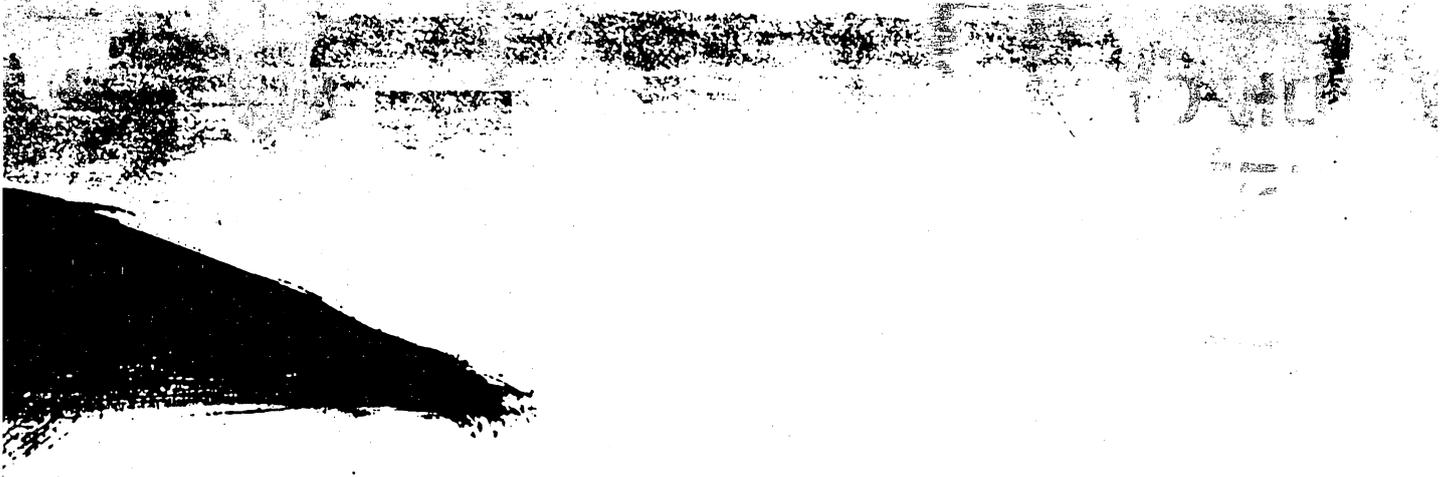
"Fato de vista de meu



i

c

©



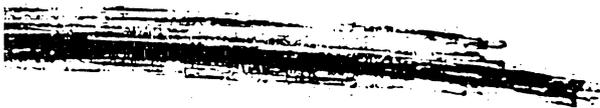
Rogério DIAS

(Jacarezinho-PR, 1945)

Rogério Dias traz
para a mais feérica
conversação cosmopolita
os passarinhos do interior do Brasil.
Um interior que é além que a geografia.
Um interior que começa
e finda pelas vias do coração.
Mas que se abre,
generoso, exuberante,
e sobretudo crítico,
à pluralidade da grande arte
deste fim de milênio.
Uma arte, toda ela,
a de Rogério Dias,
comprometida e compromissada
com os signos e os símbolos,
quase cantantes, da alegria miúda
de nossas cores caipiras.
Passarinheiras, elas mesmas,
na sua razão de ser.
Um passarinho é mais,
bem mais que toda floresta.
E o voo de Rogério sabe disso.
Sabe do canto, da cantata,
do *scherzo* e do trino.
Nunca mais os nossos olhos da gente
serão os mesmos,
nem nunca mais o teu coração
— depois que *olhadas*
— aqueles e este —
pelas aves caídas
do céu de Rogério Dias.

Wilson Bueno

DIAS



I

a

U

ARTES GRÁFICAS. Arte no papel: desenho/gravuras (todo processo impresso): ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ANDRION, Vera. V (n° 38): 16, 17, abr., maio 91.

Foz do Iguaçu - Pr, 1963. ARTES Plásticas FEM P 1984, hoje FAP.

ARAÚJO, Adalice. *Raul Cruz. Deixa que eu digo, não diga nada.*

VI (n° 43): 16, 17, maio, jun. 92.

BOSCO, João. *Elifas Andreato. Grávido de matéria sutil.* VI (n°

47): 16, 17, mar., abr. 93.

Arte no Papel.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. *A delicada invenção do exato.* VI

(n° 50): 16, 17, set., out. 93.

Arte no papel.

CAMBÉ, 100 anos. I (n° 11): 27, maio 88.

DIAS, Rogério. *Arte no papel.* VII (n° 53): 16, 17, maio, jun.

94.

Texto de Wilson Martins.

DUMKE, Ronés. *Zêuxis, o explorador*. IV (n° 36): 16, 17, dez. 90/jan. 91.

Mostra de desenho.

FAFS, VI (n° 44): 31, jul., ago. 92.

Cartum.

FAUQUEMONT, Cristina. I (n° 6): 27, dez. 87. *...Em teu seio ó liberdade!...*

FERNANDES, Millôr. VI (n° 46): 31, nov., dez. 92.

GUI, V (n° 41): 31, set., out. 91.

GUTIERREZ, Sônia. *Mão de leveza enfurecida*. V (n° 40): 16, 17, ago., set. 91.

HARO, Rodrigo de. *Entre as chamadas do sensível traço*. V (n° 41): 16, 17, out., nov. 91.

Desenhista pintor e poeta.

JUNIOR, Borges. I (n° 7): 27, jan. 88.

JÚNIOR, Key Imaguire. *Lionel, o inverossímil*. III (n° 19): 20, 21, jan. 89.

Ilustrações, com desenhos absolutamente originais.

LYRA, Cyro Mídio de Oliveira, Sérgio Póvoa Pires e Fernando Madeira. *A cidade que existe em nós*. IV (nº 36): 31, dez. 90/jan. 91.

Três arquitetos reúnem desenhos e pinturas num projeto sobre a nova urbe na sala Miguel Bakun, em Curitiba.

MACHADO, Juarez. VIII (nº 55): 27, set., out. 94.

MENDES, Mazé. *Máscara*. V (nº 37): 16, 17. fev., mar. 91.

Palmas - Pr, 1950, pintora, desenhista, gravadora, professora da Oficina de Plástica da FAP.

MENDONÇA, Dante. I (nº 5): 27, nov. 87.

MIRAN. *Brasil. Inocentes em eterno silêncio*. VI (nº 43): 31, maio, jun. 92.

Cartum.

NORONHA, Maria Cecília. *Alphavelas*. III (nº 19): 26, jan. 89.

Pintura, com tintas acrílicas, trabalhadas sobre a tela horizontal.

ONO, Maristela. *O contorno das coisas*. VI (n° 47): 26, 27, mar., abr. 93.

Design.

PAIXÃO, Cristina. *Retta, Gui, Quito e Solda. (Cartunistas)*. VI (n° 48): 15-18, maio, jun. 93.

POTY. *Pela mão do melhor "fabro"*. V (n° 39): 16, 17, jun., jul. 91.

Curitiba, Pr. 1924.

PUGNALONI, Leila. *A luz na luz*. VI (n° 51): 16, 17, nov., dez. 93.

Arte no Papel.

QUITO. VI (n° 45): 31, set., out. 92.

Cartum.

RETTA, VI (n° 42): 31, mar., abr. 92.

Cartunista e publicitário.

ROMAN, Denize. *No mato sem cachorro*. IV (n° 34): 16, 17, ago., set. 90.

Gravura sobre diversas técnicas.

SETO, VI (n° 49): 29, jul., ago. 93.

Quadrinista cartunista e artista plástico.

SIROBA, VI (n° 51): 29, nov., dez. 93.

Cartum.

SOLDA. I, (n° 1): 27, jul. 87.

SZCZEPANSKI, Lizete. *Ponto de vista de meu ponto*. VI (n° 49):
16, 17, jul., ago. 93.

Poema de Murilo Mendes. *Igreja mulher* - Arte no papel.

TEFÉ, Nair de. VI (n° 47): 29, mar., abr. 93.

Caricatura.

TEIXEIRA, Iara. *O desnudo silêncio do traço*. VI (n° 42): 16,
17, mar., abr. 92.

Arte no papel.

TRIDENTE, Joba. *Os solistas*. VI (n° 50): 29, set., out. 93.

Cartum.

——, *O visionário das minúcias profanas*. VI (n° 45): 16, 17, set., out. 92.

Arte no papel.

ARTES GRÁFICAS. Arte no papel desenho/gravuras (todo processo impresso): ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n° 1): 27, jul. 87.

Solda.

Tema: Humor.

NICOLAU I (n° 5): 27, nov. 87.

Dante Mendonça.

Tema: Política.

NICOLAU I (n° 6): 27, dez. 87. *...Em teu seio ó liberdade! ...*

Cristina Fauquemont.

Tema: Ufanismo, nacionalismo.

NICOLAU I (n° 7): 27, jan. 88.

Borges Jr.

Tema: Social.

NICOLAU I (n° 11): 27, maio 88. *100 anos.*

Cambé.

Tema: Social.

NICOLAU III (n° 19): 20, 21, jan. 89. *Lionel, o inverossímil.*

Leonel Andeler.

Seu trabalho consiste em decorar de ponta a ponta com desenhos absolutamente originais, cartas, envelopes, enfim, qualquer coisa.

Texto de Key Imaguire Jr.

NICOLAU IV (n° 32): 18, 19, abr. 90.

Tom Mix, Werneck e Bellenda.

Vencedores do Concurso de Cartuns.

Tema: Livro: Humor na Biblioteca II.

NICOLAU IV (n° 33): 31, maio, jun., jul, 90. *Poeta's Bar.*

Paixão.

Técnica: Caricatura.

NICOLAU IV (n° 34): 16, 17, ago., set. 90. *No mato sem cachorro.*

Artista: Denise Roman.

Técnica em Gravura.

NICOLAU IV (n° 36): 16, 17, dez. 90/jan. 91. *Zêuxis, o explorador.*

Rones Dunke.

Técnica: Desenho: cada acontecimento se acha estampado em uma como que peça de aço, suspensa a poucos centímetros

do solo, cuja direção pode ser modificada pela posição da lua.

NICOLAU IV (n° 36): 31, dez. 90/jan. 91. *A cidade que existe em nós.*

Três arquitetos reúnem desenhos e pinturas num projeto sobre a nova urbe na sala Miguel Bakum, em Curitiba: Cyro Midio de Oliveira Lyra, Sérgio Póvoa Pires e Fernando Madeira.

NICOLAU V (n° 37): 16, 17, fev. mar. 91. *Máscara.*

Mazé Mendes (Palmas-Pr, 1950).

Técnica: Desenho - Tema: máscara.

NICOLAU V (n° 38): 16, 17, abr., maio 91.

Vera Andrion (Foz do Iguaçu-PR).

Técnica: Desenho.

Tema: erotismo (nu artístico).

NICOLAU V (n° 38): 31, abr., maio 91.

Solda.

Técnica: Cartum.

NICOLAU V (n° 39): 16, 17, jun., jul. 91. *Pela mão do melhor "fabro".*

Poty (Napoleon Potyguara Lazzarotto).

Tema: social.

NICOLAU V (n° 39): 31, jun., jul. 91.

Paixão.

Técnica: Cartum.

NICOLAU V (n° 40): 16, 17, ago., set. 91. *Mão de leveza enfurecida.*

Sônia Gutierrez (Paranaguá/Pr - 1950).

Técnica: Desenho. "Artista de trajetória tensa, possui o dom supremo da leveza, ainda que atravessado pelo que na vida é dor e o áspero sentimento do mundo."

NICOLAU V (n° 41): 31, out., nov. 91

Gui.

Técnica: Cartun.

NICOLAU V (n° 41): 16, 17, out., nov. 91. *Entre as chamas do sensível traço.*

Rodrigo de Haro (Paris/França - 1939) - "considerado um atento observador do que na vida é a raiz sensível do oculto."

Técnica: Desenho.

NICOLAU VI (n° 42): 31 mar., abr. 92.

Retta - foi escolhido para participar do XV Mostra de Gravuras de Kanegawa (Japão).

NICOLAU VI (n° 42): 16, 17, mar., abr. 92. *O desnudo silêncio do traço.*

Iara Teixeira (Cutitiba - Pr).

"A unidade do traço, bem como o dom natural de observar o imaginário com franqueza penetrante e sóbria fazem da obra de Iara um cadinho, para onde convergem o rigor da experiência e o forte ouro da intuição."

NICOLAU VI (n° 43): 31, maio, jun. 92. *Brasil. Inocentes em eterno silêncio.*

Miran (Paranaguá - PR).

Técnica: Cartum (desenho ou narrativa gráfica, caricatural com ou sem legenda, que apresenta uma situação humorística).

NICOLAU VI (n° 43): 16, 17, maio, jun. 92. *Deixa que eu digo, não diga nada.*

Técnica: Neoexpressionismo.

Raul Cruz. Texto de Adalice Araújo: "O clima tenso e dramático que cria em suas obras afirma-o como um

autêntico herdeiro tropicalista de Munch e Joyce, capaz de renovar permanentemente a plástica sul-brasileira.”

NICOLAU VI (n° 44): 31, jul., ago. 92.

Fafs.

Técnica: Caricatura.

NICOLAU VI (n° 45): 31 set., out.92.

Quito (Curitiba-Pr).

Técnica: Cartum (desenho ou narrativa gráfica caricatural, com ou sem legenda, que apresenta uma situação humorística).

NICOLAU VI (n° 45): 16, 17, set., out. 92. *O visionário das minúcias profanas.*

Joba Tridente (São Paulo).

“Dono de uma naturalidade rude ante as coisas, tem o perfil do criador que busca no convívio com o inaudito a possibilidade de subverter o insondável.”

NICOLAU VI (n° 46): 31, nov., dez. 92.

Millôr Fernandes (RJ -1924).

Técnica: Cartum.

NICOLAU VI (n° 47): 16, 17, mar., abr. 93. *Grávido de matéria sutil.*

Elifas Andreato.

Apresenta dois quadros: *25 de outubro* e *O Semeador*.

Técnica: Impressão Gráfica.

Texto de João Bosco.

NICOLAU VI (n° 47): 26, 27, mar., abr. 93. *O controle das coisas.*

Maristela Ono (Curitiba-Pr).

Produtos desenhados - Design.

Linha de carros e trens, barcos, tratores e giroscópios, entre outros.

NICOLAU VI (n° 47): 29, mar., abr. 93.

Nair de Tefé (1886-1981).

Técnica: Cartum.

NICOLAU VI (n° 48): 15-18, maio, jun. 93.

Cartunistas: Paixão, Cristina, Retta, Gui, Quito e Solda.

"No ano em que se comemoram três séculos de Curitiba, seis cartunistas paranaenses, inscrevem na tábua da sátira alguns traços tocados pela irreverência e pela elegância."

NICOLAU VII (n° 49): 16, 17, jul., ago. 93. *Ponto de vista de meu ponto I (1993).*

Lizete Szczepanski (Sítio de Gabiroba-Pr, 1958)

Técnica: Desenho.

O quadro ilustra o poema de Murilo Mendes: *Igreja Mulher.*

NICOLAU VII (n° 49): 29, jul., ago. 93.

Seto.

Técnica: Cartum.

NICOLAU VII (n° 50): 29, set., out. 93. *Os solistas.*

Joba Tridente (SP) Diretor de arte de Nicolau.

Técnica: Caricatura e desenhos de humor.

NICOLAU VII (n° 50): 16, 17, set., out. 93. *A delicada invenção do exato.*

José Humberto Boguszewski (Curitiba-PR).

"A álgebra sofisticada de seu traço, bem como os experimentos visuais audazes a que se propõe, fazem de sua obra um caleidoscópio regido por duas atmosferas: a lírica e a concreta."

Técnica: Desenho.

NICOLAU VII (n° 51): 29, nov., dez. 93.

Siroba (Fortaleza - CE).

Técnica: Cartum.

NICOLAU VII (nº 51): 16, 17, nov., dez. 93. *A luz na luz.*

Leila Pugnaroni (RJ).

"Busca em suas invenções plásticas revelar o percurso ancestral da luz, praticando uma obra aberta que envolva o espectador."

Técnica: Desenho.

NICOLAU VII (nº 53): 16, 17, maio., jun. 94.

Rogério Dias.

"Traz para a mais feérica conversação cosmopolita os passarinhos do interior do Brasil."

Técnica: Desenho.

NICOLAU VII (nº 53): 8, 9, maio, jun. 93. *A mulher do outro.*

Cartunistas: Fortuna, Amorim, Cau, Douglas Mayer, Mino, Dante.

NICOLAU VII (nº 55): 27, set., out. 94.

Juarez Machado.

Técnica: Cartum.

ARTES GRÁFICAS: Quadro Geral da Seção

Nesta seção, denominada *Artes Gráficas*, está reunido um conjunto de obras artísticas, relacionadas ao desenho, gravura original e, por extensão, todas as obras do processo de impressão. Quase sempre estão apresentadas nas páginas 16 e 17, com grande poder imaginativo ao encarar, com simplicidade, o ato de criar.

Na galeria dos artistas, ressalta-se a participação de Lionel Andeler³⁵⁴ que perambulou alguns meses por Curitiba e São Paulo, vendendo muitos desenhos, antes de voltar para a Gália, seu local de origem. E, Tom Mix, Wernek e Bellender³⁵⁵, vencedores do Concurso de Cartuns - Humor na Biblioteca II, Rones Dunke³⁵⁶ que, desde 1974, vem participando de exposições coletivas e mostras, pelo Brasil; ainda Rodrigo de Haro, herdeiro do talento de seu primeiro e grande mestre, seu pai, Martinho de Haro, além de outros expoentes.

Dentre as técnicas usadas, pode-se observar "o Cartum", desenho ou narrativa gráfica, caricatural, com ou sem legenda, que apresenta uma situação humorística, reunindo, desta forma, os melhores cartunistas como Fafs³⁵⁷, também ilustrador e artista plástico, cujos desenhos têm sido publicados em vários

³⁵⁴ Nicolau, nº 19

³⁵⁵ Nicolau, nº 32

³⁵⁶ Nicolau, nº 36

³⁵⁷ Nicolau, nº 44

jornais importantes como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal do Brasil*; Seto³⁵⁸ que participou de inúmeros salões, mostras e exposições coletivas, não só do Paraná, como também de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Itália e Japão. Retta³⁵⁹, curitibano que foi escolhido para participar da XV Mostra de Gravuras de Kanegawa, Japão; Miran³⁶⁰, o primeiro designer brasileiro a ser premiado pelo Type Club, CA Annual, A Decada of Type'91, Art Directors Club International Exhibition, New York e pelo Museu do Poster da Alemanha; e outros como Quito³⁶¹, Millor Fernandes³⁶², Nair de Tefé³⁶³, Fortuna, Amorim, Cau, Douglas Mayer, Mino e Dante³⁶⁴, também cartunistas de renome no cenário artístico nacional.

"A Caricatura" que consiste num desenho ou pintura satírica ou grotesca de pessoas ou fatos, foi a técnica escolhida por Paixão³⁶⁵, além de Retta, Gui, Quito e Solda³⁶⁶ que, numa coletiva, homenagearam Curitiba nos seus trezentos anos, apresentando suas produções irreverentes e até mesmo elegantes.

Através do "Desenho", feito a lápis, a forma e, eventualmente, os valores de luz e sombra dos objetos ou figuras foram representados pela mão de artistas como Mazé

³⁵⁸ Nicolau, nº 44

³⁵⁹ Nicolau, nº 42

³⁶⁰ Nicolau, nº 46

³⁶¹ Nicolau, nº 45

³⁶² Nicolau, nº 46

³⁶³ Nicolau, nº 47

³⁶⁴ Nicolau, nº 53

³⁶⁵ Nicolau, nº 33

³⁶⁶ Nicolau, nº 48

Mendes³⁶⁷ que, partindo do tema "Máscaras", tem participado ativamente de vários certames artísticos no Brasil e no exterior, Vera Andrion³⁶⁸, usando o tema sobre o erotismo, Sônia Gutierrez³⁶⁹ que apresenta em seu traço o amor pela aguda evocação da infância, bem como o dom natural de observar o imaginário com franqueza penetrante e sóbria, tornando sua obra experiente, forte e intuitiva.

A "Gravura" que consiste basicamente na arte ou técnica que possibilita a reprodução de figuras fixadas sobre uma superfície dura (chapa) de madeira, metal ou pedra, foi a técnica usada por Denise Roman³⁷⁰, presença marcante neste cenário artístico, especializada em orientar a litografia no Solar do Barão, em Curitiba. Nas suas gravuras, de altíssima qualidade, as cenas ganham milhares de detalhes obtidos a partir de diferentes texturas, mas principalmente pela habilidade da gravadora em descobrir novos tons entre o preto e o branco. Em suas obras, encontra-se um universo fantástico, típico de histórias infantis. Tudo é possível, até o cenário opinar, através de expressões faciais, a respeito dos acontecimentos que estão em primeiro plano. Aliás, as expressões são de extrema importância nesta obra, partindo da aparência débil dos garotos e passando pela reprovação de um

³⁶⁷ Nicolau, nº 37

³⁶⁸ Nicolau, nº 38

³⁶⁹ Nicolau, nº 40

³⁷⁰ Nicolau, nº 34

dos ursos pendurados no varal, aparentemente o único ser lúcido do episódio.

Lizete Szczeplanski³⁷¹, através da "Xilogravura" - gravura obtida pelo processo da arte da xilografia, arte de gravar em madeira, - tendo sido o desenho entalhado com goiva, faca ou buril, propôs um cenário onde conseguiu tornar visível o caminho do vento, apresentando uma obra que materializa a tensão. Através de um entalhe agressivo e gestual demonstra a fragilidade das grandes construções diante de uma natureza furiosa. E na torre, o símbolo da impotência: uma personagem feminina e infantil observa, só, o mundo imenso e violento. É uma obra de caráter expressionista, cuja técnica servirá como suporte para garantir que a emoção atinja os contempladores.

Quanto ao estilo, o surrealismo - movimento da vanguarda européia (1896-1970) - que, entre outros aspectos, buscou a emancipação total do homem, o homem fora da lógica, da razão, da inteligência crítica, foi adotado por vários artistas como Elifas Andreato³⁷² em *25 de outubro*. Nesta obra é possível ver, não só o surrealismo mas a junção de uma série de estilos: é uma composição surrealista, mas com as estruturas mecânicas comuns no Dadaísmo e, no centro superior do quadro, o olho pintado por Picasso no quadro *Guernica*, recurso de um pintor cubista em obra com características expressionistas; isto sem considerar a perfeição da perspectiva do corpo humano, própria

³⁷¹ Nicolau, nº 41

³⁷² Nicolau, nº 47

do Renascimento. Em primeiro plano, um par de sandálias que, para os antigos taoístas, era o substituto do corpo dos imortais; em segundo plano, a cena de uma crucificação moderna, a tortura aperfeiçoada, com instrumentos idealizados por seres que insistem em se autodefinir como humanos; logo acima deste corpo que tem a mesma veste de Jesus na maioria dos quadros a respeito, centralizado na obra, o grande olho, visto por Picasso como o olho de Deus que tudo vê; desta figura saem raios que definem, com a horizontalidade da pessoa representada, um triângulo, símbolo de Deus na tradição judaica; ao fundo, uma janela deixa transparecer uma noite igual a todas as noites, com lua e estrelas. A obra trata um fato que é considerado como parte de uma história já acabada, causadora de vergonha pela brutalidade e barbárie, mas presente com muita frequência nos lugares mais comuns. Assim como a noite, ao fundo, nada muda, os motivos podem ser outros, mas os fatos são os mesmos. Se for considerado o título da obra: *25 de outubro*, lembrado como o dia das Missões, pode-se fechar a significação da obra, permanecendo o questionamento de que o homem vai e as idéias ficam.

Em relação aos temas, o "humor" foi a tônica principal, considerando que o cômico, dentre as suas funções "se presta para o desvelamento da realidade e das fraquezas do ser humano"³⁷³. Vários humoristas contribuíram, desta forma, para

³⁷³ MORAIS, Marta, in *Revista Fragmenta*, p. 28

atacar, expor mazelas e mentiras guardadas sob múltiplas chaves. Ainda é oportuno considerar que

espera-se do cômico que ele aponte impiedosamente - sem emoção - em nós e no mundo que nos cerca, as falhas, os desvios e a rotina que empobrecem, denigrem, deturpam e desumanizam. Por este motivo, o cômico torna-se alavanca que encaminha ao julgamento que se segue à reflexão."³⁷⁴

Outros temas envolviam a política³⁷⁵, ufanismo e nacionalidade³⁷⁶, erotismo³⁷⁷, entre outros. Elifas Andreato³⁷⁸ apresentou o tema "O Semeador" que foi muito trabalhado ao longo da História da Arte; assim também a obra de Van Gogh, cuja personagem distribui grãos de trigo, ou a escultura de João Zaco Paraná ao exaltar a riqueza agrícola do estado. No entanto, Elifas faz o *Semeador de Estrelas*, personagem lírica, responsável pela fonte de luz do mundo e, por que não, também do brilho. Pois as estrelas representam a riqueza espiritual, as forças espirituais (luz) contra as forças da terra (trevas); e o semeador, iluminado com as estrelas, pode plantar estrelas, e nesta obra a luz sai vencedora.

A obra de José Humberto Boguszewski³⁷⁹ é marcada por contrastes, produzidos pelo branco e preto e o que se refere à forma e ao conteúdo. O artista registra pássaros, tema sensível, até com conotações emocionais, através da rigidez exigida pelo estilo Optical Art, com efeitos visuais, com

³⁷⁴ **Idem**, p. 28

³⁷⁵ **Nicolau**, nº 5

³⁷⁶ **Nicolau**, nº 6

³⁷⁷ **Nicolau**, nº 38

³⁷⁸ **Nicolau**, nº 47

³⁷⁹ **Nicolau**, nº 50

preferência de formas geométricas. O tema dos pássaros também é apresentado por Rogério Dias³⁸⁰, trazendo os passarinhos do interior do Brasil.

A obra de Raul Cruz³⁸¹ traduz, em pouquíssimos traços, os dramas humanos. As figuras deformadas refletem muito mais que as aparências externas do sofrimento, mas da alma humana; são personagens sombrias que aparecem e desaparecem, que são fundo e, de repente, figuras. O preto e o branco se completam como num teatro de sombras. A dor, o sofrimento e o medo das mãos muito magras sobre um fundo totalmente negro. Ausência de luz, de possibilidades, animais ferozes, pessoas frágeis, indefesas, traços fortes, marcas do Expressionismo, em oposição ao Impressionismo por este pintar bonito um mundo que estava feio. A obra deste autor serve de cenário para as obras de Arthur Müller ou James Joyce.

Pergunta-se: o que é arte, depois de ter sido passado a todos que pintura, escultura e teatro eram arte. Mas, e quando uma personagem de Guimarães Rosa diz a seu pai que este está "pecando contra a saudade" ao querer dividir as terras que também eram da mãe que acabara de falecer?

No jornal *Nicolau*, está a junção de artes plásticas e artes literárias.

Com tantas técnicas diferentes que vão da xilogravura - primeira forma de fazer gravura - até pintura a óleo, o que se

³⁸⁰ *Nicolau*, nº 53

³⁸¹ *Nicolau*, nº 43

pode perceber, nesta seção do *Nicolau*, é uma tentativa do homem marcar sua presença criando quadros que oferecem uma interpretação do mundo tanto quanto a ficção nas artes literárias, na literatura, ele diz que as "coisas são assim" e, nas artes plásticas, ele mostra, através de sua criação, que "as coisas podem ser assim". Assim, o objeto artístico fala à imaginação, deixar ver/ouvir/sentir o que poderia ser. "A arte não existe para mostrar a realidade como ela é, mas como pode ser."³⁸² E as faces do poder ser não são muitas. *Nicolau* foi veículo destes muitos tipos de arte, e o leitor, partindo da obra, chega ao conhecimento de mundo que ela contém. O percurso exige treino da sensibilidade que só pode acontecer estando em contato com inúmeras obras de arte. Daí a importância desta seção que oportunizou ao leitor adquirir familiaridade com estilos, materiais, meios e modos diferentes de fazer arte.

³⁸² **Temas de Filosofia**, p. 188

CAPÍTULO XIII

NECROMANCIA

*Para o grande espírito, o tempo
é de permanente ressurreição.*

(Walmir Ayala - Nicolau n° 15.
p. 10)

*O que se tornou perfeito,
inteiramente maduro, quer
morrer.*

(Nietzsche)

A DIMEIÇÃO HUMANA DE MANSUR GUÉRIOS

Geraldo Mattos

Emérito professor catedrático de Língua Portuguesa da UFPR, incansável pesquisador, autor de inúmeros livros, que abordam da tupinologia às línguas caingangue e camacã, passando pelo romance moçárabico e os tabus linguísticos, ROSÁRIO FARANI MANSUR GUÉRIOS — falecido recentemente — é lembrado aqui por um de seus 'discipulos' diletos.

o paranaense, o povo brasileiro, a Universidade desta terra de repente com o convívio generoso arani Mansur Guérios: Deus o e era imperioso! Agora, levado on Bueno, eu me debruço sobre ar a figura do mestre desapare o momento, eu quis negar-me: historiador, não tenho passado sempre o presente. Entretanto, seu lado saudosista e, por isso, norar alguns lances em que tive r um pouco a vida e o tempo

s numa livraria: por certo, o seu do era a Universidade Federal. ava um dedo de minuto e me a artigo. Com dedicatória. Eu adamente um mestre e orgulho-

ortunidade e a alegria de ser de um aluno seu. Foi um bom oso demais, mas sempre justo: o aluno o que ele exigia de si uor são os seus livros: eu era adotava o seu livro de Língua xcelente e mostrava o domínio e sua prática. Foi um excelente de ter trilhado alguns caminhos no Brasil: lançou-se ao estudo e fez as primeiras pesquisas e que a cultura indígena tinha dia perder; estudou com acuricos, mostrando que também ainda está sujeita a eles; comomes próprios, estudando a ja um deles. E deixou esparsos artigos em jornais e revistas, mas a maioria com profunda do Prof. Mansur merece ser nentada nas salas de aula que o seu magistério incansável s originais, porque deve havê o papel e o lápis, companheiros ntos.

era sobretudo um fato social, unidade que a adotava, nunca se dissecar sobre a mesa gélida língua era amar a cultura que o povo que a empregava. Por dígena e demorou-se por ali ara aprender a estrutura e o pesquisada. E nos conta um o conhecimento das teoras gem. Orgulhoso de ter descoi, foi para junto do cacique indicativo presente na língua iatas, ele mata, nós matamos. Apavorado, o cacique convo às armas, às armas, às armas, ortas...

ão foi um santo, porque os cidos: foi apenas um homem,

o meu curso de Letras Neola-

tinias, decidi-me a escrever a minha tese de Livre Docência, exatamente na cadeira de Língua Portuguesa, a sua cadeira, o seu orgulho e o seu desgosto por nenhum de seus alunos ter seguido o seu exemplo. Fui à casa dele, onde me recebeu com um sorriso. Falamos dos assuntos comuns a dois professores, até que lhe contei o meu desejo. O sorriso apagou-se e ele me disse cerimoniosamente:

— Tudo me leva a crer — e vosmecê decerto o sabe — que vosmecê será o meu substituto na cadeira de Língua Portuguesa. Assim, quero avisá-lo de que vou examiná-lo com todo o rigorismo, porque não quero que a minha cadeira caia nas mãos de algum aventureiro!

Disse e cumpriu.

Eu continuei a considerá-lo justificadamente um mestre. O orgulho levou-me a continuar e, ao mesmo tempo que a tese, escrevi um livro sobre análise sintática com umas poucas idéias originais. Levei-lho e dediquei-lho, mas ele agradeceu-me com estas palavras:

— Não sei por que todo professor de Português acha que tem a obrigação de escrever um livro sobre análise sintática.

Veio o dia da defesa. E vieram as suas notas. Melhor, as minhas notas: as mais baixas do quinteto da banca examinadora. E deparou-se-me na sua arguição um lado de que poucos falam: o seu humorismo. Efetivamente, virou e revirou as páginas da minha tese, e disse-me:

— Vosmecê coloca tantas vírgulas que até parece asmático!

De repente, não sei por que, vem-me a alma uma imensa mágoa de não o ter novamente a minha frente, reclamando das minhas vírgulas... ou do emprego que eu fizera do verbo constatar: ... vosmecê, é claro que sabe que é galicismo!

Dez anos depois, eu fazia o meu concurso de professor assistente na Universidade Federal: ele estava na banca. Atribuiu-me as notas máximas em todas as provas e os outros lhe seguiram o exemplo. E eu continuei a considerá-lo justificadamente um mestre e orgulhosamente um amigo! O santo era ele. E ainda dotado de humorismo:

— Vosmecê progrediu!

Seu último exemplo de humorismo — que seja do meu conhecimento — foi o seu discurso de agradecimento ao título de Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná, jocosamente analisando a etimologia do vocábulo emérito.

A vida nos aproximou depois outras vezes. Numas delas, repetiu-me uma banca examinadora de concurso de Livre Docência: era o seu aluno, o meu professor. E o velho professor do meu professor falou com tanta suavidade e orgulho que o temperamento germânico do candidato cedeu de pronto e teve de levar as mãos ao rosto para esconder o choro que vinha, mas sem bom sucesso...

Agora, o Prof. Mansur bate as portas do céu e garanto a todos que foi logo dizendo a S. Pedro:

— Vosmecê tem por aí lápis e papel!

Geraldo Mattos

Rosário Farani MANSUR GUÉRIOS (Curitiba, 1907 — 1987)

Foi catedrático de Língua Portuguesa, Professor emérito da Universidade Federal do Paraná e Assistente de Linguística do Museu Paranaense. Membro da Academia Brasileira de Filologia (RJ), da Sociedade de Estudos Filológicos (SP), do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, da Academia Paranaense de Letras, da Sociedade Argentina de Americanistas, da Sociedade Brasileira de Antropologia, Delegado do Brasil no Comitê Internacional de Ciências Onomásticas, de Lovaina.

PRINCIPAIS OBRAS

PONTOS DE GRAMÁTICA HISTÓRICA PORTUGUESA — 1.ª ed., com "Estudo Elementar de Fonética Histórica Tupi-Port." — Saraiva & Cia., S. Paulo, 1937; 2.ª ed., 1942. Esgotada.

PONTOS DE MÉTODO DA FONÉTICA HISTÓRICA — Tip. "A Cruzada", Curitiba, 1939. — Esgotada.

SOBRE A ORIGEM DA FLEXÃO — Sep. do "Anuário da Fac. de Filosofia do Paraná", Curitiba, 1942. Esgotada.

O XOCREN E IDIOMA CAINGANGUE — Sep. dos "Arquivos do Museu Paranaense", vol. IV, Curitiba, 1945. Esgotada.

DICIONÁRIO DAS TRIBOS E LÍNGUAS INDÍGENAS DA AMÉRICA MERIDIONAL — Museu Paranaense, Curitiba, tomo I — 1948, tomo II — 1949. Esgotada.

A NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA DEFINIDA E EXEMPLIFICADA — Saraiva, S.A., S. Paulo, 1960. Esgotada.

CONCEITO DO CORRETO E DO INCORRETO NA LINGUAGEM "in" "Estudos Filológicos em Homenagem a Serafim da Silva Neto. Rio, Ed. Tempo Brasileiro, 1967, desenvolvido em "Letras", 16, Curitiba, 1968.

NOTAS DE FONÉTICA HISTÓRICA LATINO-PORTUGUESA — Sep. de "Letras", 18, Curitiba, 1970.

ONONIMIA ou ONOMASTICA INDUSTRIAL in "Estudos em Homenagem a Cândido Juca (Filho). Rio, Organização Simões, s/d.

OS EMPRÉSTIMOS ITALIANOS DA LINGUA PORTUGUESA — Sep. do "4.º Congresso Bras. de Língua e Literatura", Rio, Ed. Gernasa, 1973.

CORRESPONDÊNCIAS LÉXICO-SEMÂNTICAS ENTRE LÍNGUAS AMERICANAS — Sep. de "Cadernos do Museu de Arqueologia e Artes Populares" — n.º especial, Univ. Fed. do Paraná, Paranaguá, 1977.

DICIONÁRIO DE ETIMOLOGIAS DA LINGUA PORTUGUESA — Cia. Editora Nacional — Ed. da Universidade Federal do Paraná — S. Paulo, 1979.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DE NOMES E SOBRENOMES — 3.ª ed. revista e aumentada. Ed. Ave Maria Ltda. 1981. São Paulo.

NECROMANCIA (Necrológio): ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ANTÔNIO, João. *Morre o valete de copos*. IV (n° 33): 21, maio, jun., jul., 90.

Morreu Esdras Passaes, homenagem ao falecido.

AYALA, Walmir. *A embriaguez que não termina*. II (n° 15): 10, set. 88.

Ayala rememora Lúcio Cardoso, que faz 20 anos que não morreu.

CAMPOS, Haroldo de. *Neobarroso: In Memoriam* VII (n° 51): 30, nov., dez. 93.

Haroldo de Campos faz uma homenagem ao poeta Nestor Perlongher, poeta argentino, morto em 26 de novembro de 1992.

CARVALHO, Hermínio Bello de. *It's all true, ou quase*. VII (n° 53): 30, maio, jun. 94.

Nesta reportagem, Aramis Millarch, jornalista paranaense, é rememorado por seu amigo compositor.

LOPES, Garcia Rodrigo; Joaquim Esteves; Eliane Prolik, Eliane Sato.

Quem Matou Miguel Bakun? III (n° 22): 19-23 abr. 89.

25 anos depois da morte de Miguel Bakun, o artífice polaco das formas pictóricas é rememorado nesta reportagem de Rodrigo Garcia Lopes.

MARINS, Roberto Paulo, Suman Gaertner Geenen e Jaques Brand.

Márcio Geenen. I (n° 4): 24, out. 87.

Morto inesperadamente aos 30 anos, num acidente automobilístico, em outubro de 1977. Sua incursão pela literatura foi breve, porém marcante, como o conto *Mariá, perna de pêssego*, premiado no Congresso Unibanco, e os poemas que foram publicados.

MATTOS, Geraldo. *A dimensão humana de Mansur Guérios*. I (n° 4): 17, out. 87.

Emérito professor catedrático de Língua Portuguesa da UFPR, falecido recentemente, é rememorado por um de seus discípulos diletos.

MONTEIRO, Nilson. *Penúltima Ceia*. I (n° 2): 24, ago. 87.

João Antônio Teodoro, chefe do departamento de Cultura foi apunhalado pela Hepatite B ou Cirrose.

NEGRÃO, Renato. *Memória: a falta que ama*. VII (n° 52): 30, mar., abr. 94.

Homenagem a Raul Cruz, artista plástico, falecido em 26 de abril de 1993.

SOLDA. *Memória*. VII (nº 54): 30, jul., ago., 94.

Poema em memória a Paulo Leminski, falecido em Curitiba em 1989.

NECROMANCIA (Necrológio): ÍNDICE ALFABÉTICO DE HOMENAGEADOS

BAKUN, Miguel. III (n° 22): 19-23, abr. 89

Garcia Rodrigo Lopes, Joaquim Esteves, Eliane Prolik e Eliane Sato, rememoram o artífice polaco das formas pictóricas e relatam a questão sobre a autofagia curitibana, que faz com que esta cidade, como "cronos", devore seus próprios filhos.

TEODORO, José Antônio. I (n° 2): 24, ago. 87

Nilson Monteiro rememora Téo, como era chamado pelos amigos, produtor cultural, morto aos 36 anos.

CARDOSO, Lúcio. II (n° 15): 10, set. 88.

Walmir Ayala faz uma homenagem póstuma ao ator escritor, cineasta, artista plástico, morto há 20 anos.

CRUZ, Raul. VII (n° 52): 30 mar., abr. 94.

Renato Negrão rememora Raul, um fenômeno raro nas artes paranaenses.

GEENEN, Márcio. I (n° 4): 24, out. 87.

Suman Gaetner Geenen, Jaques Brand e Paulo Roberto Marins, resgatam a memória do jornalista paulistano,

personalidade central dos movimentos que visam, nos anos 70, à transformação do jornalismo curitibano.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. I (n° 4): 17, out. 87.

Geraldo Mattos, um de seus discípulos rememora este, que foi emérito professor catedrático de Língua Portuguesa da UFPR, incansável pesquisador, autor de inúmeros livros.

LEMINSKI, Paulo. VII (n° 54): 30 jul., ago. 94.

Solda faz um poema em homenagem a um dos mais inventivos escritores do Paraná, falecido em Curitiba a 7 de junho de 89.

MILLARCH, Aramis. VII (n° 53): 30, maio, jun. 94.

Hermínio Bello de Carvalho, rememora o jornalista paranaense, considerado um dos mais fecundos pesquisadores da MPB, morto em Curitiba a 13 de junho de 1992.

PASSAES. Esdra. IV (n° 33): 21, maio, jun., jul. 90.

João Antônio, de Londrina, norte do Paraná, escreve em homenagem ao falecido que "morreu de viver" e faz uma antologia precária de seu comportamento.

PERLONGHER, Néstor. VII (n° 51): 30, nov., dez. 93.

Haroldo de Campos, faz um poema em sua memória, cujo primeiro ano de sua morte celebrou-se em 26 de novembro de 1993.

TEODORO, José Antônio. I (nº 2): 24, ago. 87.

Nilson Monteiro rememora, Téo, como era chamado pelos amigos, produtor cultural, morto aos 36 anos.

NECROMANCIA: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 2): 24, ago. 87. *Penúltima cena.*

Nilson Monteiro.

Falecido: José Antônio Teodoro, chefe do departamento de Cultura em Londrina, apunhalado pela hepatite B ou cirrose; nesta reportagem foi rememorado por Nilson Monteiro, jornalista.

NICOLAU I (nº 4): 24, out. 87. *Márcio Geenen.*

Roberto Paulo Martins, Jaques Brand e Suman Gaertner Geenen.

Falecido: Márcio Geenen, escritor letrista, personalidade central dos movimentos que visava, nos anos 70, à transformação do jornalismo curitibano. Seu desaparecimento privou as letras e o progresso das idéias em Curitiba. Sua incursão pela literatura foi breve, porém marcante, apresentando o conto *Mariá, perna de pêssego*, premiado pelo Congresso Unibanco. Nesta seção é rememorado por Suman Gaertner Geenen, Jaques Brand e Paulo Roberto Marins.

NICOLAU I (nº 4): 17, out. 87. *A dimensão humana de Mansur Guérios.*

Geraldo Mattos.

Falecido: Rosário Farâni Mansur Guérios.

Geraldo Mattos, um de seus discípulos, rememora este que foi emérito professor catedrático de Língua Portuguesa da UFPR, pesquisador, autor de inúmeros livros que abordam da tupinologia às línguas caingangue e camaçã, passando pelo romance moçarábico e os tabus lingüísticos.

NICOLAU II (nº 15): 10, set. 88. *A embriaguez que não termina.*

Walmir Ayala.

Falecido: Lúcio Cardoso, cuja atividade estendeu-se da literatura (vital) ao cinema, ao texto, às artes plásticas. Walmor Ayala rememora este artista morto há 20 anos: "Para os grandes espíritos, como o dele, o tempo é de permanente ressurreição."

NICOLAU III (nº 22): 19-23, abr. 89. *Quem Matou Miguel Bakun?*

Garcia Rodrigo Lopes, Joaquim Esteves, Eliane Prolik, Eliane Sato.

Falecido: Miguel Bakun, artífice polaco das formas pictóricas, suicidou-se em seu ateliê. *Nicolau*, nesta matéria, presta tributo à vida-obra desse artista com a reportagem de Rodrigo Garcia Lopes, o depoimento do amigo Joaquim Esteves, a visão de Eliane Prolik, artista

plástica, a palavra de três poetas, mais o box em que Eliane Sato expõe a nova sala Miguel Bakun.

NICOLAU IV (nº 33): 21, maio, jun., jul. 90. *Morre o valete de copos.*

João Antônio.

Falecido: Esdras Passaes, escritor, autor de *Belos e Malditos*, *Suave é morte*, *A derrocada*. Segundo depoimentos, nos últimos quinze anos lutou-se inutilmente para que Esdra Passaes não se matasse de beber. Nesta reportagem, é lembrado por João Antônio, escritor e jornalista.

NICOLAU VII (nº 51): 30, nov., dez. 93. *Neobarroso: in memoriam.*

Haroldo de Campos:

Falecido: Néstor Perlongher, um dos mais singulares poetas da vanguarda argentina. Haroldo de Campos faz um poema em sua memória, cujo primeiro ano de sua morte celebrou-se em 26 de novembro de 1993.

NICOLAU VII (nº 52): 30, mar., abr. 94. *A falta que ama.*

Renato Negrão.

Falecido: Raul Cruz: artista plástico (gravura, pintura e desenho). Falecido em 26 de abril de 1993, aos 36 anos de

idade; muitos eventos foram programados para homenagear este artista, considerado um fenômeno raro nas artes paranaenses.

NICOLAU VII (n° 53): 30, maio, jun. 94. *It's all true, ou quase.*

Hermínio Bello de Carvalho.

Falecido: Aramis Millarch, jornalista paranaense, considerado um dos mais fecundos e infatigáveis pesquisador da MPB, morto em Curitiba a 13 de junho de 1992. Nesta reportagem é lembrado por Hermínio Bello de Carvalho, compositor.

NICOLAU VII (n° 54): 30, jul., ago. 94. *Memória*

Solda.

Falecido: Paulo Leminski, um dos mais inventivos escritores do Paraná, falecido em Curitiba a 7 de junho de 89. Nesta reportagem, Solda faz um poema em sua homenagem.

NECROMANCIA: Quadro geral da seção

Necromancia significa uma prática divinatória pela invocação dos mortos. Na realidade, não foi exatamente assim o procedimento dos articulistas nesta seção. Não houve uma invocação dos mortos, mas apenas o que se pode chamar de necrológio, ou seja, elogios, notícias, homenagens às pessoas falecidas.

Esta seção não era fixa, resumindo-se a apenas dez matérias, que ocupavam espaços eventuais nos exemplares de *Nicolau*. Entre outros acontecimentos, *Nicolau* questionou e lamentou o suicídio de Miguel Bakum,³⁸³ gênio pintor do Paraná, considerado o Van Gogh paranaense. Sua morte foi uma consequência natural de sua vida conturbada; por isso, muitas indagações e explicações surgiram em torno dela. Segundo opiniões, seu suicídio foi a única maneira que ele encontrou para preservar o fiapo de dignidade que restava nele, enquanto artista, homem, ser sensível. Para Camus, só há um problema filosófico verdadeiro, o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma questão fundamental de filosofia. A morte deste artista, além de estigma e enigma, foi considerada um tabu, fazendo tremer as estruturas do inconsciente coletivo local.

³⁸³ *Nicolau*, nº 22, p. 19 a 23

A palavra suicídio é vetada em muitos jornais brasileiros; ao camuflar-se este fato tenta-se compreender todo o processo que leva alguém a tomar uma atitude tão radical com a falsa idéia de que, com isso, a sociedade estará se isentando de qualquer responsabilidade. Depois de um suicídio, ainda mais de uma pessoa famosa, é comum a sociedade silenciar. Rodrigo Garcia Lopes afirmou que "Numa sociedade mater e paternalista, hipócrita e repressora como a nossa, manter um silêncio em torno de situações embaraçosas "é questão de dignidade"³⁸⁴. No entanto, *Nicolau* não se constrangeu ao expor e noticiar o fato, nem se omitiu na busca do responsável daquela atitude do artista em optar pelo suicídio, alertando para o fato de que tal procedimento podia ser consequência ou não de uma autofagia curitibana, que "como uma aranha negra", tendo fome, não hesitou em devorar a cabeça de um de seus filhos mais brilhantes.

A morte é o destino inexorável de todos os seres vivos. No entanto, os heróis, os santos, os artistas, os revolucionários, são sempre os que se tornam capazes de enfrentar o desafio da morte por serem capazes de construir uma nova ordem a partir da superação da velha ordem.

Estudos relacionam o aparecimento das primeiras angústias metafísicas do homem ao registro dos primeiros sinais de culto aos mortos. No mundo massificado, a morte é banalizada e dela

³⁸⁴ *Nicolau*, nº 22, p. 19 a 23

se fala como se fosse um acontecimento genérico, longínquo e impalpável. Contrariamente a este fato, *Nicolau* não se recusou a refletir sobre a mesma, resgatando a sua consciência e assumindo a finitude da vida, permitindo ao leitor reavaliar seu comportamento, suas escolhas e proceder a uma diferente hierarquização de valores.

Desta forma, *Nicolau* expôs ainda as atitudes de seus artistas que levaram a uma morte prematura como o caso de Paulo Leminski,³⁸⁵ Esdras Passaes,³⁸⁶ José Antônio Teodoro,³⁸⁷ que "se mataram de tanto beber", lembrando o que Nietzsche dizia: "O que se tornou perfeito, inteiramente maduro, quer morrer."

³⁸⁵ *Nicolau*, nº 24, p. 30

³⁸⁶ *Nicolau*, nº 33, p. 21

³⁸⁷ *Nicolau*, nº 2, p. 24

CAPÍTULO XIV**CINEMA**

O Cinema ultrapassou os limites da ficção, libertando-se definitivamente da literatura.

(Jean Luc Godard - Nicolau, n° 25, p. 28, 29)

DEPOIMENTO

Quando o movimento dos sem-terra eclodiu no Paraná, em agosto de 85, um desconfortável sentimento de insatisfação se instalou em mim. Eu me perguntava na época se não havia sido precipitado o anúncio, pelo Governo Federal, do Plano de Reforma Agrária.

A imprensa apresentava imagens fortes, de alguma coisa que eu ainda não conhecia. Amigos jornalistas iam ao Sudoeste e voltavam confirmando a dramaticidade de uma situação imprevista pelo sistema, ou melhor, fora do controle institucional.

De forma que aquele sentimento que cheirava a impotência crescia, e de certa forma me assustava. Talvez porque no futuro ideal que se projeta para o Paraná não existam impedimentos ao trabalho e ao desenvolvimento — e me parecia que aquelas pessoas eram do tipo que pega firme na enxada. Quem sabe, apenas porque a resignação não seja o meu forte. Sempre achei que a solidariedade é algo bem diferente da piedade.

Não sei ao certo, mas me deu vontade de trabalhar. O cinema pra mim é forma de viver realidades. Com uma câmera de filmar, saio a busca daquilo que gostaria que todo mundo visse.

Não tinha dinheiro e o caso era daqueles que não podia esperar a "sensibilização" das pessoas e instituições ligadas a cultura. Por sorte eu havia recentemente recebido algumas latas de negativo 35mm, como prêmio pela realização de um filme para crianças. Trocamos o 35 por 16mm, duplicando o tempo de material disponível, e já nos adequando a uma realização como que de guerrilha.

Seria muita câmera na mão, som direito o tempo todo, flagrantes em várias horas do dia e da noite e por aí fora. Na realidade, não tinha a menor idéia do que ia encontrar.

A precariedade da nossa produção, guardadas as devidas proporções, assemelhava-se mesmo à dos sem-terra. A equipe tinha que ser de documentaristas. O espírito desse ofício é difícil de traduzir. Só quem faz documentários sabe que está mapeando os fatos determinantes da história do nosso país.

O apoio logístico foi dado pelo Instituto de Terras, Cartografia e Florestas (ITCF) e pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais da região. Eles estavam envolvidos mesmo; nós não alterávamos a rotina além do que ela já estava alterada.

Chegamos a Francisco Beltrão e tínhamos que começar. A luta entre quem detém o poder e quem discorda dele é sempre desigual. Operar por ouvir de início o posicionamento dos donos da terra...

A situação da classe roceira é de uma simplicidade mecânica e desumana. Os gritos dos homens sem-terra no Brasil, além de serem todos



Sudoeste do Paraná, setembro de 1985. A cineasta Berenice Mendes, com a equipe da Documenta Produções Cinematográficas, roda um filme em 16mm, média duração, sobre o movimento dos agricultores sem-terra, então (e ainda hoje) concentrados em acampamentos de beira de estrada, a espera (que se prolonga) da efetivação das modestas promessas contidas no Plano Nacional de Reforma Agrária, plano então recém-decretado pelo vice-presidente em exercício José Sarney.

Seja pela atualidade (que não seja pela eternidade) do tema, seja pela qualidade da realização, que alcança momentos de grande vigor e beleza, *A Classe Roiceira* vem conquistando sucessivas premiações, enquanto percorre os circuitos paralelos e alternativos, dentro e fora do Brasil.

Em princípios do último agosto, a torça, a pungência deste documentário arrastavam no II Festival do Cinema Brasileiro de Fortaleza dois corpos de jurados, um do próprio festival e outro da crítica cinematográfica cearense, que lhe conferem com os troféus "Benjamim" e "Samburá" a distinção de melhor curta, num contexto de competição com outras importantes realizações do novo "Cinema da Terra" brasileiro.

Berenice, jovem guerreira, não se detém sobre esses laureis, e já prepara, com base em textos de Saint-Hilaire e de David Carneiro, e roteiro de Valêncio Xavier, a sua próxima audácia: um longa-metragem sobre o drama da Fazenda Fortaleza, no cenário do Paraná antigo, entre os "canyons" do rio Tibagi e as lonjuras dos Campos Gerais. A história do homem, lobo da mulher.

Ainda hoje, como dizem os sem-terra no seu hino, *a classe roceira e a classe operária ansiosa espera a reforma agrária*. O nó górdio da concentração da posse da terra, a ser desatado como condição para a modernidade nacional, e a iníqua situação do fator trabalho nos campos do Brasil, a ser corrigida como condição para a democracia também nas cidades, continuam intactos.

A sociedade urbana — será que um dia vai querer saber de onde vem a comida que ela come?

Jaques Brand

MIURTALEZA

e, são também iguais aos do
amento (eram oito) tinha uma
um se cantava muito e as pes-
realmente que transformariam
r daquela experiência. Noutro
rodeados de uma grande mas-
mais de 800 famílias. Filmamos
adragada até o meio-dia. Ha-
azia frio e a cerração molhava
acesa ao lado de cada barraca
um fog que envolvia todo o
n clima impressionista.
em acampamentos paupérris-
is se rezava, e, creio que na
npo, em silêncio. Havia outros
ecia tudo normal: tinha escola
de costura em barraca, as mu-
upas nos rios, enfim, o dia-a-

os eles, perpassando as diferen-
ência que se realizava numa
ítica. Nos protestos, nas ações,
o próprio sentimento de justiça

dias recolhendo imagens e sons
inquestionável. Tinha certeza
ndo dali com um registro exis-
fragmentos belos e feios. E,
fora impresso no negativo era

Minha consciência precisaria

: vivera. Não bastava a cons-

endo e revendo o material
ra com o futuro real. Eu queria
ue projetasse as pessoas para

uma compreensão mais profunda daquela reali-
dade. Mas como fazê-lo?

O filme teria que funcionar como um anti-
doto à obsolescência daquele movimento. O sis-
tema termina sempre por assimilar tudo, por in-
tegrar toda possível diversidade ou contestação
racional. E se eu mostrasse o desespero daquela
gente? Sim, o existencial, abandonada a carga
política, era a única reação viável à injustiça pre-
sente e à vulgaridade latente.

Às vezes penso que gostaria de trabalhar
em *network*. Loucura. Jamais poderia então
realizar o cinema que quer conhecer o homem,
que tem um alto conceito do homem, que não
aceita que se separe a vida do homem dos aconte-
cimentos da vida.

E *A Classe Roceira*, o filme, é assim. Rico
de miséria e forte na fraqueza consciente de seus
personagens. Um discurso articulado muito len-
tamente. No próprio ritmo da reforma que ainda
não veio. Que sempre vem, que está vindo. O
filme, como a vida daquelas pessoas, e o retrato
da provisoriedade em que vive nosso país.

Se se tornou explosivo, se mereceu pre-
mios, se incute raiva ou perturbação, Glauber
Rocha deve estar contente. Num certo momen-
to, ele disse que "a função da arte é a fertilização
desse deserto sentimental que caracteriza a socie-
dade contemporânea".

De minha parte, continuo tentando traba-
lhar. Não abandono o Paraná. Sou fixada nestes
belos dias frios, onde a neblina — como uma
cortina de cena antiga — vai dando lugar a um
ceu azul, imaculado e doloroso sob o qual a natu-
reza grita, no ritmo da vida, cada vez mais forte.
São grtos de qualquer lugar e qualquer tempo. . .

A CLASSE ROCEIRA

SINOPSE

Nos acampamentos, a margem das rodovias, a opção pela permanência no campo. A luta pela sobrevivência e os hábitos culturais. O chimarrão e as músicas sertanejas como fator de integração e resistência. A organização política: comissões, passeatas, assembleias e bloqueios. A posição dos latifundiários. O confronto. A luta pela Reforma Agrária.

A CLASSE ROCEIRA

- Seleção oficial do Festival do Cinema Brasileiro de Gramado (1985)
 - Seleção oficial da Jornada de Cinema Latino-Americano da Bahia (1986)
 - Premio Certificado Especial de Reserva de Mercado pelo VII Juri do Conselho Nacional de Cinema (1986)
 - Premio Benjamin Abrão (melhor curta-metragem) Juri oficial; e Premio Sambrara (melhor curta-metragem) da crítica cinematográfica; ambos no Festival Fortaleza do Cinema Brasileiro (1987)
- O filme possui nove cópias em 16mm: duas no Brasil e oito no exterior (duas na Alemanha, uma na Austria, uma na Itália e uma nos E.U.A.). Foi reproduzido em vídeo mais de quinze vezes (VHS).

FICHA TÉCNICA

Documentário, 16mm, color, 25', 1985
Direção: Berenice Mendes
Fotografia e câmera: Flávio Ferreira
Direção de produção: Lu Rulcão
Montagem: Homero de Carvalho
Som direto: José Roberto Braga Portela
Texto: Jaques Brand
Narração: Bete Mendes
Assistente de câmera: Luiz Henrique de Almeida
Assistente de fotografia: Peter Lorenzo
Assistentes de produção: Fernanda Morini e Gisele Paredes
Arte: Guinski
Realização: DOCUMENTA PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS LTDA

Berenice Mendes, cineasta brasileira, trabalhou com o cinema de curta-metragem durante sua formação em cinema em *A Classe Roceira*. Atualmente trabalha no longa-metragem *Uarama da fazenda Portela*, baseado em um romance de David Lerner.



CINEMA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

BACK, Sylvio. *Esquecimento oficial*. I, (n° 2): 18, ago. 87.

Filme: *Guerra do Brasil*, Pesquisa Histórica, cinematográfica.

———, *Nas ondas do Rádio Auriverde*. V (n° 37): 12, 13, fev., mar. 91.

O recém-lançado documentário de Sylvio Back devassa o santuário dos ex-combatentes da FEB, na 2ª Guerra Mundial.

———, *"Tio" Coito*. IV (n° 29): 11, 12, jan. 90.

Tio Coito durante a filmagem de *A Guerra dos Pelados*. (1970).

BODNAR, Jane Sprenger. *Asas sobre Berlim*. VI (n° 42): 10, 11, mar., abr. 92.

A poeta revive assombros e elegâncias de fragmentos do roteiro de *Asas do Desejo*, o filme encantado de Peter Handke e Win Wenders.

CONTI, Italo. *Falta de seriedade*. V (n° 37): 14, fev., mar. 91.

Decepção em relação ao documentário cinematográfico de Sylvio Back sobre a Força Expedicionária Brasileira que lutou na Itália durante a II Guerra Mundial.

FLORIANI, Dimas. *História do exílio: Exílio da história?* I (nº 5): 11, nov. 87.

Miguel Littín, cineasta chileno, exilado de seu país desde o golpe militar de 11 de setembro de 1973 conversa durante uma semana com Gabriel García Márquez, e grava 18 horas de relatos sobre sua aventura clandestina no Chile em 1985. Littín grava: *Actas Generales de Chile*; um filme documentário de 4 horas produzido para a TV espanhola e apresentado no Festival Internacional de Cinema (1987) em Berlim.

FONTENIA, Cesar Santos. *Botão de rosa*. V (nº 39): 25, jun., jul. 91.

Citizen Kane, perfil de um clássico.

IWERSEN, Thomaz Walter. *Um filme incompetente*. V (nº 37): 14, fev., mar. 91.

O filme de Sylvio Back, *Rádio Auriverde*, denigre a participação dos nossos soldados brasileiros da Força Expedicionária Brasileira e do 1º grupo de Caça da Força Aérea Brasileira na II Guerra Mundial.

JUNIOR, Lélío Sotto Maior. *Vertinagem*. III (n° 28): 8, 9, dez. 89.

Análise da obra hitchcockiana (Alfred Hitchcock).

———, *Chaplin*. IV (n° 33): 13, maio, jun., jul. 90.

Corpo, palavra, gesto. Arte total.

———, Jean-Luc Godard. *Nouvelle Vague*. IV (n° 35): 28, 29, out., nov. 90.

(Tradução: Noemi Perdigão, e José Lino Grünewald).

Discutem o cinema francês dos anos sessenta e são unânimes em afirmar que ele ultrapassou os limites da ficção, libertando-se definitivamente da literatura.

———, *Uma pista*. V (n° 39): 24 jun., jul. 91.

Citizen Kane - perfil de um clássico.

LEMINSKI, Paulo; Lélío Sotto Maior e Cabrera Infante. *Farvest*. IV (n° 34): 20, 21, ago., set. 90.

Gênero Western, estudo crítico.

L.P.E. (Legião Paranaense do Expedicionário). *Repúdio da legião*. V (n° 37): 14, fev., mar. 91.

Repúdio dos ex-combatentes do Paraná sobre o contexto do filme apresentado pelo cineasta Sylvio Back sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial.

MENDES, Berenice. *Berenice Mendes: vitória em Fortaleza. Depoimento*. I (n° 3): 18, 19, set. 87.

Sinopse: Nos acampamentos, à margem das rodovias, a opção pela permanência no campo. A árdua sobrevivência e os hábitos culturais. O chimarrão e as músicas sertanejas como fatos de integração e resistência. A organização política: comissões, passeatas, assembléias e bloqueios. A posição dos latifundiários, o confronto. A luta pela Reforma Agrária.

SANDERSON, Sérgio. *1924: A bendita Revolução de Sérgio Sanderson*. I (n° 6): 16, dez. 87.

O filme de Sanderson, *1924: Bendita Revolução* mostra a revolta contra as oligarquias no Brasil - de estopim curto e efeito prolongado - que estourou numa revolução armada em que os rebeldes foram vencidos apenas no campo (oeste paranaense) de batalha.

WENDERS, Wim. *Cine picadilly*. V (n° 39): 24, jun., jul. 91.

(Tradução: Gehrad - Hopner).

Citizen Kane, perfil de um clássico.

CINEMA: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO**NICOLAU I (n° 2): 18, ago. 87. *Esquecimento oficial.***

Autor do ensaio e diretor: Sylvio Back.

O cineasta paranaense fez referência ao filme *Guerra do Brasil* que realizou em 1983/84, revelando o palco sangrento que a América do Sul assistiu entre 1864 e 1870, conhecido como a Guerra do Paraguai - ou Guerra Grande, para os paraguaios. Desvestiu o filme de qualquer conotação ideológica, para tentar mostrar os conhecimentos no seu aspecto original.

NICOLAU I (n° 3): 18, 19, set. 87. *Berenice Mendes: vitória em Fortaleza.*

Autor do texto: Jaques Brand.

Direção: Berenice Mendes.

Apresentou *Classe Roceira*, documentário de 16 mm, média duração, feito em 1985, no sudoeste do Paraná, sobre o movimento dos agricultores sem-terra, concentrados em acampamentos de beira de estrada. Tentou mostrar o retrato de provisoriedade em que vive o Brasil através da miséria e fraqueza consciente de seus personagens: os sem terra.

NICOLAU I (nº 5): 11, nov. 87. *História do exílio: exílio da história?*

Comentários de Dimas Floriani, da Casa Latino-americana de Curitiba.

Cineasta: Miguel Littín.

O cineasta chileno, depois de 12 anos de exílio, entra clandestinamente em seu próprio país e registra em 7 mil metros de filme, sob as barbas do poder militar, - a ditadura Pinochet. García Márquez, o Nobel colombiano, transformou essa experiência de Littín, a partir de uma entrevista que resultou 18 horas de gravação, num livro reportagem, comentado neste artigo de Nicolau por Dimas Floriani. Littín grava *Actas Generales de Chile*, um filme documentário de 4 horas, produzido para a TV espanhola e apresentado no Festival Internacional de Cinema (1987) em Berlim.

NICOLAU I (nº 6): 16, dez., 87. *1924: A Bendita Revolução de Sérgio Sanderson.*

Comentários feitos por Celina Alvetti, jornalista; Sérgio Sanderson e Ruy C. Wachowicz, historiador.

Cineasta: Sérgio Sanderson.

No filme de Sanderson, *1924: Bendita Revolução*, mostrou a revolta contra as oligarquias no Brasil. Documentário de 11 minutos reconstituindo momentos da Revolução de 24, a

partir de vestígios remanescentes daquela época, na região oeste do Paraná.

NICOLAU III (n° 28): 8, 9, dez., 89. *Vertinagem*.

Autor do ensaio: Lélío Sotto Maior Jr.

Diretor: Alfred Hitchcock.

Lélío Sotto Maior Jr. analisou a obra hitchcockiana: *Vertigo*, (Um corpo que cai), *Os Pássaros*, *Rear Window* (Janela Indiscreta); *Norty By Northwest* (Intriga Internacional) e *Psycho* (Psicose), mostrando em maior ou menor grau de intensidade, a passagem do mundo como referência à uma "idéia do mundo", ao mundo dado intransitivo e despido de toda possibilidade referencial ou significante.

NICOLAU IV (n° 29): 10, 11, jan. 90. "Tio" Coito.

Cineasta e autor do ensaio: Sylvio Back.

No filme *A guerra dos pelados*, rememorou "Tio" Coito, personagem soldado da Guerra do Contestado.

NICOLAU IV (n° 33): 13, maio, jun., jul. 90. *Chaplin*.

Comentário feito por Lélío Sotto Maior Jr.

Cineasta: Charles Spencer Chaplin

Lélio Sotto Maior Jr., analisou a obra de Charles Chaplin, cineasta da pantomina e da farsa, do mistério e da graça do corpo humano, aproximando-o de Shakespeare.

NICOLAU IV (nº 34): 20, 21, ago., set., 90. Farvest.

Comentário feitos por Paulo Leminski.

Cineastas: John Ford e Howard Hawks (diretor).

Paulo Leminski, Lélio Sotto Maior e Cabrera Infante analisaram a produção cinematográfica de John Ford (*Aventureiro do Pacífico* e *O Homem que matou o Facínora*) e Howard Hawks (*Rio Bravo*); Paulo Leminski analisou a expressão "gênero" aplicada ao cinema.

NICOLAU IV (nº 35): 28, 29, out., nov. 90. Nouvelle Vague.

Comentários feitos por: Jean-Luc Godard, Lélio Sotto Maior e José Lino Grünewald.

Cineasta: Jean-Luc Godard.

Jean-Luc Godard, Lélio Sotto Maior e José Lino Grünewald discutem o cinema francês dos anos sessenta e são unânimes em afirmar que ele ultrapassou os limites da ficção, libertando-se definitivamente da literatura. No *Pierre le Fou*, (1965), de Jean-Luc Godard, a vida só se pode vivê-la e morrê-la, porém narrá-la, só nos livros. Em *Alphaville une Etrange Aventure de Lemmy Caution*

(1964), também de Jean-Luc Godard, o filme funde o Documentário e a Ficção, ultrapassando as barreiras entre ficção e realidade.

Em *L'Année Dernière à Marienbad*, de Alain Resnais descobriu a linguagem do cinema, libertando-o por inteiro da literatura.

NICOLAU V (nº 37): 12, 13, fev., mar. 91. *Nas ondas da Rádio Auriverde.*

Cineasta e autor do ensaio: Sylvio Back

Documentário de Sylvio Back sobre os ex-combatentes da FEB na Segunda Guerra Mundial, que ouviam a *Hora Auriverde*, da Rádio Vitória, pertencente ao Ministério da Propaganda e ao Exército alemães, que diariamente entre 13 e 14 horas, durante quatro meses (entre janeiro e abril de 1945), irradiava de Fino Monasco para os pracinhas. A idéia da mutação de Sylvio Back de *Hora auriverde* para *Rádio Auriverde*, título de filme, está impregnada de provocações, cheia de signos e significados, desmitificando a FEB na Itália.

NICOLAU V (nº 37): 3, fev., mar. 91.

Cineasta e autor do ensaio: Sylvio Back.

Nicolau publicou notas de repúdio sobre o filme *Rádio Auriverde*, exibido em pré-lançamento nacional em 20 de

dezembro em Curitiba. O 1º artigo foi uma nota oficial da LPE (Legião Paranaense do Expedicionário), repelindo o contexto, apresentando fatos pretensamente históricos sem observar as fontes de referência. O 2º artigo, de Thomaz Walter Iwersen, ex-combatente da FEB, afirmou, entre outros fatos, que o autor em nenhum momento fez referência à bravura, ao destemor e heroísmo do pracinha brasileiro nos momentos difíceis da campanha e nas vitórias alcançadas sobre o inimigo. O 3º e último artigo, de Ítalo Conti, general, participou da FEB como capitão, mencionou que esperava encontrar um trabalho sério de pesquisa histórica.

NICOLAU V (nº 39): 24, 25, jun., jul. 91. *Citizen Kane - perfil de um clássico.*

Comentários feitos por Win Wenders, Lélío Sotto Maior Jr. e Cesar Santos Fontenia.

Cineasta: Orson Welles (1919-1985).

Análise do filme: *Cidadão Kane* feita por Win Wenders, cineasta alemão, com tradução de Gehrad Hopner; Lélío Sotto Maior Jr., crítico de cinema no Brasil, que detectou pistas para a compreensão do filme; e Cesar Santos Fontenia, crítico de cinema na Espanha, que analisou o filme em suas complexidades tanto no seu relato como nas técnicas empregadas.

NICOLAU VI (n° 42): 10, 11, mar., abr. 92. *Asas sobre Berlim*

Comentário feito por: Jane Sprenger Bodnar.

Cineasta: Win Wenders, Peter Handke.

Roteiro do Filme: *Asas do Desejo* feito pela poeta Jane Sprenger Bodnar.

CINEMA: Quadro geral da seção

Comparando com as demais, a seção destinada à "Sétima Arte" não mereceu muita atenção por parte dos articulistas do *Nicolau*, fato comprovado pelo número reduzido de artigos que não ultrapassaram a 13.

Mesmo assim, no momento em que o cinema parecia estar sucumbindo frente à maciça invasão televisiva, ou mesmo quando se falava do cinema como uma prática obsoleta, *Nicolau* se propôs, de certa forma, a redescobrir a sua verdadeira natureza de "arte" e restituir-lhe o fundamento "poético" original sem o qual não poderia ser diferenciado das outras técnicas mais conhecidas pela designação geral de "meios de comunicação de massa". A opção dos cinéfilos pela leitura de filmes clássicos, sugerindo diretores como Alfred Hitchcock, Vincent Minelli, Samuel Fuller, Nicholas Ray, num momento em que poucos se ligavam ao nome de quem fazia os filmes, pois só havia interesse pelos intérpretes, exemplifica tal proposta.

Em relação aos procedimentos, a tarefa dos críticos foi de atuarem como mediadores entre a obra e o espectador comum, oferecendo um modelo de leitura da primeira e sublinhando os eventuais valores poéticos nela presentes, tais como a "técnica do sentido suspenso" que devia vir sempre em primeiro plano, pois o cinema não poderia proporcionar sentidos claros.

Portanto, para eles, os melhores filmes eram os que suspendiam o sentido, que requeriam uma grande agudeza técnica e uma total honestidade intelectual, como por exemplo, *Asas do Desejo*, de Win Wenders³⁸⁸ e Peter Hondker. Quanto aos métodos de leitura crítica, excluíram a chamada crítica impressionista, por não corresponder a critérios precisos, pois se baseia no gosto pessoal do crítico, para além de sua memória estética, privado de qualquer ponto de referência científica.

Optaram, portanto, por uma crítica mais formalista, equiparando o filme à arte figurativa, que colocava em primeiro plano a apreciação das qualidades pictóricas e de composição da representação fílmica. Mas não ficaram atentos somente aos valores exteriores do texto, considerando a forma como simples revestimento de conteúdos preexistentes a elas, pois se detiveram sobre o "ser" do autor, explicando em termos de psicologia do profundo as constantes poéticas e as imagens repetidas na obra deste último. Em suma, usando como instrumental a crítica psicanalista detiveram-se na interpretação dos "significados", ou seja dos "sentidos" ou não ausência de sentido sem descuido dos "significantes", sendo estes de suma importância para uma investigação psicanalítica, ou não. Com tal procedimento, os articulistas tentaram propor uma atitude nova frente ao fenômeno fílmico,

388 Nicolau, nº 42, p. 10

valorizando os componentes que o qualificam como "discurso" e não apenas como simples "espetáculo", embora libertando-o por inteiro da literatura. Através deste tratamento respeitoso frente ao cinema, colocaram-no a par das outras artes mais "ilustres", ou seja, o cinema passou a ser visto não apenas como um espetáculo, mas, sobretudo, como uma experiência artística em nada inferior à das outras formas artísticas.

Num outro aspecto, analisando o procedimento dos "Documentários", ficou claro que a trajetória do cinema, segundo os depoimentos, tem sido marcada pela produção realizada por pessoas idealistas que, com muito esforço, têm transformado "sonhos em movimento". Os cineastas conseguiram realizar grandes proezas, mesmo sendo no Brasil que oferecia pouco espaço para a indústria das artes. Enfrentaram grandes obstáculos tais como, problemas financeiros, dificuldades para conseguir equipamentos, falta de equipe técnica e outros.

O gênero "Western"³⁸⁹ foi lembrado, com saudade, pelos críticos mostrando que diretores como Welsh, Ford, Hawks, Sturges souberam o que fazer com o Western-fórmula.

Embora "cinecittá" tenha se apossado da fórmula e tenha feito filmes de "Dólares furados", reconheceram que o "Western" é tão americano quanto o dólar, o pragmatismo, o "pocket book", o supermercado.

389 Nicolau, nº 34, p. 20, 21

São, precisamente, esses modos que, analisados no seu estatuto lingüístico para além do seu comportamento prático constituíram a ideologia desta seção, cuja intenção não foi apenas a de limitar-se a oferecer "listas de filmes" dos maiores clássicos, mas também, a de sugerir quais os modos que se deve usar ao observar os modos do filme.

Em suma, a sua função foi de ajudar a percorrer o itinerário do filme com um mínimo de conhecimento lingüístico, de modo a permitir reconhecer, durante o trajeto, aquilo que é importante e o que não é, aquilo que o texto parece dizer e realmente diz. Pois, se o espectador "normal" se limita a "ver" um filme, o crítico o lê por ofício e ajuda o primeiro a fazer outro tanto.

CAPÍTULO XV

DOSSIÊ

A vida humana foi considerada a prova mais cabal da existência de Deus, no entanto, a figura de Deus é a prova mais irrefutável da existência do homem.

(Norval Baitello Júnior - Nicolau nº 46, p. 20)

Deus é uma realidade simultânea e coextensiva à totalidade do Universo; o não ser Deus é uma impossibilidade absoluta da matéria.

(Jamil Snege - Nicolau, nº 46, p. 20)



o belo e o putrefato

Os caracteres emblemáticos vão ilustrar-te: pelo teu peito. A podridão habita essa e teria, sem ela, ficado deserta. Esta obra-ção, este david, este perseu que andam, na cabeça, que sobem uma escada, que braguilha, que se ensaboam e penteiam. A excepcional luz da cartilagem translúcida indica que esta aparência admirável te. Impedindo a tua carne de ser orgulhosa a doença obriga-a à meditação, à tristeza. A tísica te faz viver. É um bacilo gigante ra com pelagem, musgo, líquen, feições! Coberto por um pêlo muito macio que enche ao corpo mas ao animal de quem isível, só esse vestígio, uma mancha quase à coxa deixo-te na beleza o selo singular. a perfeição inconfessável mas, sobretudo, a mão vai por engano lá pousar — ou teus amantes —, precipita-te numa anti-tária, sombria e trocista. E tu com um jesaífo, e inquietação na boca: é o pânico!

enel — escritor



o real e o burlesco

A pior forma de violência, no Brasil, tem sido a miséria. Ela já substituiu a pobreza, e quando isto acontece, é impossível qualquer sentimento de ética, decência ou dignidade por parte das pessoas envolvidas. Os resultados desse flagelo, monstruosos, formam um quadro sinistro de fome, mortalidade infantil e grupos de extermínio de meninos de rua. Faz-se uma pergunta a toda a sociedade e ao Estado que, teoricamente, seria seu instrumento: será essa vergonha, a dos pobres do Brasil, que vai fazendo deste País um dos piores lugares do planeta?

Nos últimos três anos foram mortos 4.611 menores (51,83% dessas mortes se deram por arma de fogo, esfaqueamento, espancamento, tortura, envenenamento, queimaduras, estupro e estrangulamento). Dos 45 milhões de menores de rua, 25 milhões são desnutridos crônicos, 10 milhões são submetidos precocemente ao trabalho, 7 milhões são portadores de deficiências físicas ou mentais e milhares são vítimas de péssimos tratamentos. Das crianças adotadas por estrangeiros, somente 1.500 foram legalmente (o tráfico de crianças brasileiras chega ao número de 3 mil por ano).

Por favor, considerem uma frase do historiador carioca José Honório Rodrigues, escrita em 1982: "O maior defeito do Brasil não está no seu povo. Ele é um grande povo, sem pretensões. O maior defeito é encontrado na liderança do Brasil". E considerem outra, escrita no século passado por um dos mais importantes escritores da literatura universal de todos os tempos, Machado de Assis: "O país real, esse é bom, o povo revela os melhores instintos; mas o país oficial é caricato e burlesco".

João Antônio — escritor



a guerra dos mundos

Inútil falar das múltiplas formas que a violência vem assumindo, de forma crescente, no mundo atual: no lugarejo de Matupá, Mato Grosso, a população, sadicamente, impiedosamente, queima vivos bandidos que haviam se entregado voluntariamente; brancos matam negros e tribos negras chacinam outras tribos negras, rivais, na África do Sul; só no Rio de Janeiro as fraudes do escroque e advogado do INSS Ilson Escóssia da Veiga ascenderam a um trilhão de cruzeiros (três milhões de dólares), etc.

Se não me engano foi Wilhelm Reich que, antes de ser trancafiado como louco pelas autoridades norte-americanas, divulgou que um planeta hostil estaria enviando à Terra gases invisíveis, causadores de desertificação, guerras, violência e depressão. Sem ter lido Reich, a magnífica escritora inglesa Doris Lessing, em seu deslumbrante livro de ficção espacial *Shikasta*, supõe que a Terra é cobiçada por um planeta maligno, regente de uma galáxia que pretende escravizar a nossa. Afirma: "Encontramo-nos em meio a uma guerra interplanetária entre os planetas bons e maus, ambos querendo conquistar a Terra". Também o escritor e profeta esotérico mineiro Trigueirinho assegura que seres extraterrestres já estão entre nós para alterar o código genético humano, estirpando da nossa espiral do DNA a agressividade. Artur Koestler, grande escritor, falava dos três cérebros que se chocam dentro de cada ser humano: o límbico, o reptílico e o neocórtex. Hoje a engenharia genética de certos laboratórios nos EUA conjecturam sobre a possibilidade de retirar cirurgicamente do cérebro humano a parte violenta.

Aproximamo-nos do condicionamento físico e psíquico do homem, manipulado pela Ciência? Ou, como afirma Trigueirinho, um imenso UFO, uma nave-mãe, pilotada por Jesus Cristo, virá salvar a América do Sul, agora que o sagrado território do Tibete está dominado pelas forças atéias da China, como ele as chama, e com isto a violência desaparecerá também de nosso tumultuado continente?

Leo Gilson Ribeiro — escritor

mo trato. um país em putrefação. a terra é sagrada. manto de sangue. ras-



o brasil apodrece

arrecedor o dado de que, de 1964 até hoje, japoneses em luta pela terra tenham sido os no Brasil. Isto sem mencionar aqueles foram — e não foram poucos — vítimas das doenças e da macabra degradação a situação conduz. Uma violência endêmica ao campo brasileiro, um manto de sangue rios. Não se inculpe por isso o caráter dos em a providência divina, mas a perversidade do capitalismo dependente e deformado, so monstrengo que se assemelha a um colosso a espremer e mutilar mais e mais a novo no Brasil. A patologia é grave: 1% rietários rurais detêm mais da metade das sultam dessa exacerbação milhões de deser- to, ao lutarem pela terra — afinal, legítimo enfrentam a soberba e a ferocidade do abelecido. Sempre se disse que, das classes es brasileiras, as oligarquias agrárias — seculadas ao latifúndio tradicional sejam as ziram, mais recentemente, a figura do bur- — eram mais truculentas. E são. A grande cidadina possui maior flexibilidade, sabe chibata e o afago, digamos, com melhor to e estratégico.

este, afinal, é o Brasil, um país em putre- vésperas do terceiro milênio. A violência somam-se outras que mais se aproximam m seu rasgo agônico. São os 20 milhões es abandonados (e agora sob a mira de extermínio, na periferia das grandes cida- 00 mil meninas prostitutas, os sem-teto, aprego, os analfabetos, os ignorantes, as sfixiadas, os índios em dizimação, os operá- jugo brutal da mais-valia, a multidão de dos" (assim chamados por estarem bem s níveis inferiores de pobreza). É o Brasil ido, incapaz de safar-se da estrutura econô- entradora, dependente, arcaica, que come- cendo uns poucos e termina por distribuir violência e degradação. Este Brasil cheira peito do seu presidente *soft* e de suas estre- pagandísticas, bem como do feitiço neoli- desgraçadamente, só nos anuncia uma per- a maior. Um dia a paciência dos de baixo á e as lavas da revolta certamente varrerão os nossos males.

lanfredini — jornalista



a violência da ideologia?

Nicolau, que sempre fez da indagação intelectual uma de suas razões de existir, propõe-nos — e a seus leitores — uma reflexão sobre o tema a **violência da ideologia**. Lançado assim no espaço, ele pode causar-nos uma sensação de perplexidade quanto aos propósitos da publicação, pois, se uma ideologia que se apóie em premissas cientificamente falsas e filosoficamente aberrantes da lógica, da ética e da moral como a nazi-fascista, por exemplo — se converte de modo inevitável numa **ideologia da violência**, outras há que, sendo socialmente palatáveis quando expostas ao mais amplo julgamento popular — como a democrática ou a socialista, por exemplo — podem também conduzir a resultados surpreendentemente condenáveis. Sob a égide de princípios e postulados tidos como alicerces básicos de comunidades livres, dignas e justas, ou motivadas pelas mais belas e transcendentes utopias, muitos abusos podem ser — e a todo instante são — cometidos contra indivíduos e povos.

Dito isso, parece-nos necessário acrescentar que toda e qualquer ideologia (excluídas, obviamente, as que representam decadência e retrocesso social do ser humano), pode implicar violência quando se louve em imposições de qualquer natureza, ou se aplique a estruturas sociais essencialmente rígidas.

Como afirma Gérard Mairet, num dos capítulos da obra *Histoire des Ideologies* (Hachette, Paris, 1978), da qual é co-editor e co-autor, "... estamos ainda em pleno século XIX, pois, apesar dos eventos (históricos, políticos e econômicos), limitamo-nos a manifestar uma **ideologia da dominação** (que supomos) característica do século XX, segundo a qual, *fora do Estado, não pode haver democracia*" (o grifo é nosso). E diz mais: "A Revolução Francesa colocou o povo na linha de frente da História; o liberalismo o encerrou no âmago do Estado democrático. Uma constatação importante a ser feita à luz do século XX é a de que a democracia socialista não fez mais do que usar a receita liberal, temperando-a com um molho mais forte".

Está claro que não temos, aqui e agora, espaço ou condição para expandirmos conjecturas sobre tão apaixonante e oportuno debate. O limite de 20 linhas permite-nos, apenas, responder à indagação de Nicolau com outra indagação: a **violência da ideologia**, a que se refere, não emanará da **violência inerente ao conceito de Estado**? Ou, em outras palavras, não estará a humanidade sendo pouco a pouco conduzida para um futuro em que, como sonhavam os anarquistas e o próprio Marx previa, o conceito de Estado terá de ser abolido para que ela se realize na plenitude de seus direitos e de seu potencial de felicidade?

Énio Silveira — editor



marca da vergonha.

A foto dos nambiquaras, nus e esqueléticos, sendo embarcados em helicópteros, foi a imagem de uma vergonhosa e aviltante violência aos povos indígenas, na década de 70. Mas os nambiquaras foram apenas um símbolo, um exemplo, não uma exceção.

Cada década, talvez cada ano desses quinhentos de contato com os índios da América pode ter seu símbolo de violência, sua marca de vergonha — representados por uma foto, uma lembrança, uma lei ou uma história — porque a relação entre os que chegaram à América a partir de 1500 e os que já estavam aqui foi marcada e fundamentada no que se chamou de integração, e que significou a imposição, aos índios, de uma única língua, religião e cultura.

Mudaram os tempos, mudaram as leis e mudou a forma desse relacionamento, mas seu conteúdo se manteve. El Rei dizia que os índios deveriam viver sob o império de suas "doces, justas e humanas leis", achando, talvez até sinceramente, que com isto estivesse protegendo-os da barbárie. O Estatuto do Índio, de 1973, diz a mesma coisa com outras palavras, apenas dissimulando a arrogância em sutileza: "Esta lei tem o propósito de integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional". Quer dizer, procura fazer com que os índios possam deixar de ser índios para viverem, quiçá felizes, na sociedade nacional.

A violência existe — autorizada, declarada — na idéia de que a relação de dois povos tem a finalidade de transformar um em outro; de fazer com que um deles deixe de existir, para ser o outro. Fato que, escondido sob a falácia de integração, deixa transparecer a rude face da submissão, da conquista.

Como resposta a essa "integração harmônica" ou "conquista plácida" — como se fossem compatíveis os dois termos —, os próprios índios lançaram o lema "posso ser o que você é, sem deixar de ser o que sou". Mesmo assim a consciência do Estado brasileiro deu continuidade à violência integracionista. Depois dos nambiquaras, foi a vez dos uru-eu-wau-wau, dos waimiri-atroari, e antes deles, dos xetás, pataxós, avás e muitos outros, até o pesadelo — recheado de cinematográficos efeitos especiais — do povo ianomâmi.

Ficou tão claro que a ideologia da integração era o fundamento da sistemática e permanente violência, que a Constituição de 1988 extirpou esta idéia e passou a afirmar que o Estado brasileiro reconhece os índios como eles são, com seus costumes, tradições, crenças, línguas e territórios. A lástima é que o governo brasileiro ainda não tenha tido tempo de ler a Constituição e que por isto esteja tendo dificuldades de pô-la em prática, para desespero do povo ianomâmi — o mais afetado neste momento — e de todos os povos indígenas do Brasil.

Com o avanço da Constituição, o sistema jurídico-brasileiro já dá exemplo de que é possível reconhecer os direitos dos povos, faltando apenas que o governo federal entenda e pratique o respeito a esses direitos.

Carlos Marés — advogado

tence ao corpo mas ao animal. violências microfísicas. além do bem e do

DOSSIÊ: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ABREU, Caio Fernando. *A noite do primeiro ácido*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

ANTÔNIO, João. V (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91. *Tempos Sombrios*.

ALICE, Mauro. *A besta e o arco-íris*. VI (n° 46): 20, nov., dez. 92.

Deus.

AMÂNCIO, Moacir. *Apocalipse em tom menor*. VI (n° 50): 28, set., out. 93.

O grotesco.

AUGUSTO, Sérgio. *Bossa nova, sorvete, pôr-do-sol*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

——, *O anjo que filma*. V (n° 40): 22, 23, ago., set. 91.
Estação dos Anjos.

BACK, Sylvio. *O Beijo no cinema*. VII (n° 52): 12, mar., abr.
94.

O Beijo.

BERNARDINI, Aurora. *A magia do ventre*. VI (n° 47): 13, mar.,
abr. 93.

Mulheres da vida.

BRITTO, Jonard Muniz. *Sol de Nicolaus e oiticicas*. VI (n°43):
18, maio, jun. 92.

O pós-tudo.

BRÜGGEMANN, Fábio. *A Traição poética*. VI (n° 49): 8, jul.,
ago. 93.

Traição.

BODNAR, Jane Sprenger. *Estar grávida*. VI (n° 51): 24 nov.,
dez. 93.

A graça.

BUENO, Wilson. *Cabelos 1971*. VI (n° 44): 22, jul., ago. 92.

Os anos loucos lembram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas demolições das décadas de 60/70.

CAMPOS, Augusto. *Poesia Concreta*. VI (n° 43): 19, maio, jun. 92.

CAMPOS, Moreira, *Tórridos, trópicos*. VI (n° 45): 28, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

CAMPOS, Suênio. *Viva a Bahia - iá-ia*. VI (n° 45): 28, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

CASTRO, Marize. *Província da província*. VI (n° 45): 28, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

CESAROTTO, Oscar. *Vacas e rosas não falam*. VII (n° 54): 25, jul., ago. 94

A raiz da palavra.

———, *Gozo deslavado*. VI (n° 50): 26, set., out. 93.

O Grotesco.

CHACAL, A treva de fera. VI (n° 42): 21, mar., abr. 92.

Paraísos Artificiais.

COELHO, Marcelo. *Monstruosidade e graça*. VI (n° 50): 28, set., out. 93.

O Grotesco.

COSTA, Jurandir Freire. *Braçagens e personagens*. VII (n° 54): 25, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

CHNAIDERMAN, Miriam. *A educação pela música*. VII (n° 54): 25, jul., ago. 94

A raiz da palavra.

D'ALMEIDA. João Ferreira. *Gênesis*. VI (n° 46): 21, nov., dez. 92.

Deus.

D'AVILA, Santa Tereza. *Mi amado para mí*. VI (n° 46): 22, nov., dez. 92.

Deus.

DEGELMANN, Cecília . *Blábláblá*. VI (n° 47): 13, mar., abr. 93.

Mulheres da vida.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Só depois de mortos*. VIII (n° 55):
25, set., out. 94.

Infância

DOTTI, René Ariel. *Botões, estrelas, domingos*. VIII (n° 55):
26, set., out. 94.

Infância.

EISENMAN, Peter. *O potencial do grotesco*. VI (n° 50): 27,
set., out. 93.

O grotesco.

FERREIRA, Pires Jerusa Pires. *A plebéia de Atenas*. VI (n° 49):
8, jul., ago. 93.

Traição.

FORTUNA, Felipe. *Alegria contra a morte*. VIII (n° 55): 24,
set., out. 94.

Infância.

FREIRE, Roberto. *Tesão e inteligência*. V (n° 37): 25, fev.,
mar. 91

Nova/Velha utopia.

GAIO, Dulce Mara. *Acróstico*. VII (n° 54): 26, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

GAUDI, Antônio. *O caso da casa milá*. VI (n° 42): 21, mar., abr. 92.

Paraísos Artificiais.

GENET, Jean. *O Belo e o putrefato*. V (n° 39): 20, jun., jul. 91

Tempos sombrios.

GOMES, Duílio. *Belo Horizonte pós-moderna*. VI (n° 45): 27, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

HOEPFNER, Elizabeth Beeck. *Lágrimas na roupa*. VI (n° 47): 12, mar., abr. 93.

Mulheres da vida.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Verbete*. VI (n° 49): 9, jul., ago. 93.

Traição.

IRUSTA, Norberto. *Status do Silêncio*. VII (n° 54): 26, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

———, *Perfídia Feminina*. VI (n° 49): 9, jul., ago. 93.

Traição.

JAGUARIBE, Hélio. *A utopia exeqüível*. V (n° 37): 25, fev., mar. 91.

Velha/Nova utopia.

JÚNIOR, Norval Baitello. *O hipersímbolo*. VI (n° 46): 20, nov., dez. 92.

Deus.

JOSEF, Bella. *Pós-tudo infante*. VI (n° 43): 19, maio, jun. 92.

Discussão sobre o enigma contido na partícula "Pós".

KARAM, Manoel Carlos. VIII (n° 55): 24, set., out. 94.

Infância.

KATZ, Chaim. *Dupla raiz da palavra*. VII (n° 54): 25, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

KATZ, Helena. *Grutas, Grotas*. VI (n° 50): 28, set., out. 93.

O grotesco.

KLEY, Carmem. *Limonada na Garrafinha*. VIII (n° 55): 25, set., out.94.

Infância.

KNOLL, Ludwig e Gerhard Jaeckel - *Lábios sobre a pele*. VII (n° 52): 12, mar., abr. 94.

O Beijo.

KONDERA, Jandyra. *Artes e ofícios do paraíso*. VI (n°42): 20, mar., abr. 92.

Paraísos Artificiais.

KUBRUSLY, Maurício. *Zerando a contagem*. VIII (n° 55): 26, set., out. 94.

Infância.

LACAN, Jacques. *Entre as andorinhas*. VII (n° 54): 25, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

LAUTRÈAMONT, *Volúpia de Suíno*. VI (n° 42): 20, mar., abr. 92.

Paraísos Artificiais.

LEITE, Hélio. *Em Busca da Graça perdida*. VI (n° 51): 26, nov., dez. 93.

Graça.

LEME, Guilherme. *O anjo que se encena*. V (n° 40): 22, 23, ago., set. 91.

Estação dos anjos.

LEMINSKI, Estrela. *A infância nunca acaba*. VIII (n° 55): 26, set., out. 94.

Infância.

MANFREDINI, Luiz. *O futuro é socialista*. V (n° 37): 24, 25, fev., mar. 91.

Nova/Velha utopia.

———, *O Brasil apodrece*. V (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91.

Tempos Sombrios.

MANOEL, Marise. *No fio das facas*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

MARTIM, Wilson. *Aranhas, Morcegos, Sapos*. VI (n° 50): 26, set., out. 93.

O Grotesco.

MARÉS, Carlos, *Marca da vergonha*. V (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91.

Tempos sombrios.

MASCARENHAS, Eduardo. *Deus pintado ao vivo*. VI (n° 46): 22, nov., dez. 92.

Deus.

MAZZA, Luis Geraldo. *O refazer da utopia*. V (n° 37): 24, 25, fev., mar. 91

Nova/Velha utopia.

MENEZES, Philadelpho. *Carnaval do Mundo*. VI (n° 50): set., out. 93.

O grotesco.

MINERS, Lúcia. *Colar feito de antigamente* VIII (n° 55): 24, set., out. 94.

Infância.

MIRANDA, Luli. *Um divertimento insípido*. VII (n° 52): 12, mar., abr. 94.

O Beijo.

MUSILLI, Célia. *A cabeça do feto*. VI (n° 50): 27, set., out. 93.

O Grotesco.

NETO, Torquato. *Uma granada de lágrimas*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

NEUZA. *Um beijo de longe*. VI (n° 47): 12, mar., abr. 93.

Mulheres da vida.

NIN, Anäis. *Mulheres que traem*. VI (n° 47): 13, mar., abr. 93.

Mulheres da vida.

OLIVEIRA, Socorro de. *Chuvas do caju na terra do sol*. VI (n° 45): 26, set., out. 92.

OITICA, Hélio. *Subterrânia*. VI (n° 44): 22, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

PEDROSO, Néri. *Elegância do provisório*. VI (n° 51): 25, nov., dez. 93.

A graça.

PINHEIRO, Amálio. *Educação engraçada*. VI (n° 51): 26, nov., dez. 93.

A graça.

PINTO, Sérgio Casares. *Cara graça feminina*. VI (n° 51): 24, nov., dez. 93.

A graça.

POLI, Gilda. *Heroínas do cotidiano*. VI (n° 47): 12, mar., abr. 93.

Mulheres da vida.

PRADO, Roberto. *Paraíso é pra quem sabe*. VI (n° 42): 21, mar., abr. 92.

Paraísos Artificiais.

PRATA, Mário. *A máquina de beijar*. VII (n° 52): 12, mar., abr. 94.

O Beijo.

PROCOPIAK, Nilza. *O anjo que se pinta*. V (n° 40): 23, ago., set. 91.

Estação dos anjos.

PUPPI, Ubaldo. *Fim das utopias*. V (n° 37): 24, 25, fev., mar. 91.

Nova/Velha utopia.

RAMOS, Nuno. *Um porco Vivo*. VI (n° 50): 27, set., out. 93.

O Grotesco.

RESENDE, Otto Lara. *O anjo que se ri*. V (n° 40): 23, ago., set. 91.

Estação dos anjos.

REY, Marcos. *O lado cômico*. VI (n° 51): 24, nov., dez. 93.

A graça.

RIBEIRO, Leo Gilson. *A guerra dos mundos*. V (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91.

Tempos sombrios.

RILKE, Ranier Maria. *O anjo que se celebra*. V (n° 40): 22, 23, ago., set. 91.

Estação dos Anjos.

ROLLENBERG, Marcello. *Capitus da escrita*. VI (n° 49): 9, jul., ago. 93.

Traição.

ROSA, Luiz Pinguelli. *A física e a pós-modernidade*. VI (n° 43): 18, maio, jun. 92.

O pós-tudo (discussão sobre o enigma contido na partícula "pós").

RUIZ, Alice. *Graça, qual é a sua?* VI (n° 51): 26, nov., dez. 93.

A graça.

SALOMÃO, Waly. *Dunas da Gal*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

SCHIAVON, João Perci. *Uma crônica de si*. VII (n° 54): 26, jul., ago. 94.

A raiz da palavra.

———, *Anotação de Viagem*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

SCHIMIDT, Ivan. *A luta continua*. V (n° 37): 24, 25, fev., mar. 91.

Nova/Velha utopia.

SILVEIRA, Ênio. *A violência da ideologia*. V (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91.

Tempos sombrios.

SNEGE, Jamil. *Meus Caninos, teus músculos*. VII (n° 52): 12, mar., abr. 94.

O Beijo.

SOLDA. *A chave dos chavões da cruelrytiba*. VI (n° 45): 26, set., out. 92.

O Brasil fora do eixo Brasil.

SSÓ, Ernani. *Ping-pong com Deus*. VI (n° 46): 20, nov., dez. 92.

Deus.

TAVARES, Braulio. *Os enormes espaços vazios*. VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Os anos loucos rememoram como foi estar vivo, entre beijos e porradas, nas "demolições" das décadas de 60/70.

——, *O anjo que se futureja*. I (n° 40): 22, ago., set. 91.

Estação dos anjos.

TEIXEIRA, Nunes. *Canção engraçadinha*. VI (n° 51) 24 nov., dez. 93.

A graça.

TELLES, Lygia Fagundes. *Sal na Vida*. VI (n° 51): 24, nov., dez. 93.

A graça.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Magias de Goiás*. VI (n° 45): 27, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

TINHORÃO, José Ramos. *O Novo exige o novo*. VI (n° 43): 18, maio, jun. 92.

O pós-tudo (discussão sobre o enigma contido na partícula "pós").

TREVISAN, Armindo. *Frio e Cristal*. VI (n° 45): 27, set., out. 92.

Brasil fora do eixo Brasil.

VARGAS, Suzana. *De graça*. VI (51) 25 nov., dez. 93.

A graça

VENTURELLI, Paulo. *Chiclete compartilhado*. VII (nº 52): 12, mar., abr. 94.

O Beijo.

VIALICH, Márcia. *Reino dos Céus*. VIII (nº 55): 25, set., out.94.

Infância.

DOSSIÊ: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU VI (nº 37): 24, 25, fev., mar. 91.

Articulistat:

Ubaldo Puppi - filósofo. *Fim das utopias*.

Analisa o desmoronamento do chamado socialismo real.

Ivan Schmidt - jornalista. *A luta continua*.

Faz um estudo sobre Jean-Paul Sartre.

Tido por alguns intelectuais brasileiros como um autor superado, que certo dia considerou o marxismo a filosofia insuperável do século presente.

Luiz Manfredini - jornalista. *O futuro é socialista*.

Não professa qualquer espécie de utopia política (no sentido estrito da origem grega da palavra).

Luiz Geraldo Mazza - jornalista. *O refazer da utopia*.

Analisa questões relativas à morte de Deus e Marx.

Roberto Freire - deputado federal pelo PCB (PE). *Tesão e inteligência*.

Analisa a sua utopia que não se abala com a crise de chamado socialismo real.

Hélio Jaguaribe - cientista político: *A utopia exequível*.

Análise das utopias desde as clássicas até às experiências do século XX.

NICOLAU VI (n° 39): 20, 21, jun., jul. 91.

Articulistat:

Tema: Tempos sombrios.

Jean Genet - escritor: *O Belo e o putrefato*.

Descreve o bacilo da tuberculose, causando uma doença que leva à tristeza e ao desgosto.

João Antônio - escritor: *O real e o burlesco*.

"A pior forma de violência, no Brasil, tem sido a miséria".

Leo Gilson Ribeiro - escritor: *A guerra dos mundos*.

Faz um comentário sobre as múltiplas formas que a violência vem assumindo, de forma crescente, no mundo atual.

Luiz Manfredini - jornalista: *O Brasil apodrece*.

Faz uma estatística, de 1964 até hoje, de camponeses assassinados no Brasil em luta pela posse da terra.

Ênio Silveira - editor: *A violência da ideologia*.

Reflexão sobre o tema a "violência da ideologia".

Carlos Marés - advogado: *Marca da vergonha*.

Relata o fato a partir de uma foto dos nambiquaras nus e esqueléticos, sendo embarcados em helicópteros, na década de 70.

NICOLAU VI (n° 40): 22, 23, ago., set. 91.

Tema: *Estação dos Anjos*.

Ranier Maria Rilke - poeta (trad. Gehrad Hopner): *O anjo que se celebra.*

Celebrações a um anjo.

Braulio Tavares - escritor. *O anjo que se futureja.*

"O anjo dos tempos futuros poderá ser o Alienígena".

Sérgio Augusto - crítico de cinema. *O anjo que se filma.*

Analisa a presença dos anjos em filmes.

Guilherme Leme - ator: *O anjo que se encena.*

Analisa a presença dos anjos no teatro.

Otto Lara Resende - escritor: *O anjo que se ri.*

Relembra os anjos de sua infância.

Nilza Procopiak - crítica de arte: *O anjo que pinta.*

Analisa a presença dos anjos nas artes plásticas.

NICOLAU VI (nº 42): 21, mar., abr. 92.

Tema: *Paraísos Artificiais.*

Articulistas:

Lautréamont, *Volúpia de Suíno*, visionário. (trad. Pedro Tamen).

Relata um sonho que teve quando tinha entrado num corpo de um suíno.

Guto Lacaz, artista plástico, *Lupa, raio e água fresca.*

Através de um poema relata seu sonho, num salão com máquinas, sofá e água fresca, sem paredes.

Jandyra Kondera, psicanalista.

Segundo os depoimentos não há humano que não deseje criar seu paraíso particular, mas, como todo paraíso, tem o seu preço.

Chacal, poeta - *A treva da fera*.

Texto escrito em primeira pessoa, cujo narrador-personagem, atormentado pelas mais terríveis premonições, tem como interlocutor Theo, seu amigo urso.

Roberto Prado, escritor, *Paraíso é pra quem sabe*.

Faz um relato do paraíso sob a ótica do avô que, um dia, os chamará, para, muito compenetrado, distraidamente, ensinar.

Antônio Gaudi, arquiteto: *O caso da casa Milá*. (Tradução Kann Hoepfner).

Descreve a casa Milá, o haxixe, seu paraíso artificial, as flores do seu mais secreto mal.

NICOLAU VI (nº 43): 18, maio, jun. 92.

Tema: *O pós-tudo*.

(Seis pensadores discutem o enigma contido na partícula "pós").

Pensadores:

José Ramos Tinhorão, crítico musical: *O novo exige o novo.*

Para o crítico musical falar em pós alguma coisa neste país rebaixado no Quarto Mundo, consideradas as condições de vida e de salário das maiorias, é colocar o carro diante dos bois.

Jomard Muniz de Britto, escritor: *Sol de Nicolaus e Oiticicas.*

Para o escritor resta-nos toda uma cultura subterrânea, pelo sol dos Oiticicas, a ser desvelada pelos Nicolaus da vida e do Bordel Brasilírico Bordel - antropologia ficcional de nós mesmos.

Ubaldo Puppi, filósofo: *Depois de tudo, nada.*

Rastrea a cultura do homem desde Aristóteles até os tempos atuais.

Luiz Pinguelli Rosa, físico nuclear: *A física e a pós-modernidade.*

Faz uma associação do campo da física atual ao que se costuma chamar pós-moderno.

Bella Josef, ensaísta: *Pós-tudo infante*.

Acredita que o pós-tudo, aberto, plural, eclético traga reconhecimento das várias formas de alternidade e a renúncia a todo desejo de supremacia.

Augusto de Campos, poeta, apresenta um poema concreto definindo o pós-tudo.

NICOLAU VI (n° 44): 23, jul., ago. 92.

Tema: *Os anos loucos*.

Wilson Bueno, escritor: *Cabelos 1971*.

Através de um texto estranho, tece um panorama dos anos 70, um tempo nebuloso que abalou a estabilidade meteorológica da história do Brasil e da sua cultura.

Hélio Oiticica, Artista plástico: *Subterrânia*.

Faz um texto rompendo o compromisso com a realidade, partindo para ser marginal, diluidor, anticultural, pós-moderno.

Perci Schiavon, psicólogo: *Anotação de viagem* (sem data).

Define o termo contracultura que indica uma oposição, uma aversão ou uma guerra ao que se chama cultura.

Sérgio Augusto, crítico de cinema: *Bossa nova, sorvete, pôr-do-sol*.

Agradece ter 18 anos e morar no Rio quando a década de sessenta começou, e ter acompanhado de perto a Bossa Nova e outros acontecimentos ocorridos nesta época.

Waly Salomão, compositor: *Dunas da Gal*. Tece sua opinião sobre os anos setenta sem fazer uma adesão à ideologia hippie e afirma que o poeta deve estar sempre envolvido pelos anos loucos, viver na loucura, isto é, acabar de uma vez por toda a história que elide sujeito e objeto.

Braulio Tavares, músico: *Os enormes espaços vazios*.

Opina que os chamados: *anos loucos* foram, na verdade, a época em que o Brasil desendoideceu.

Caio Fernando Abreu, escritor: *A noite do primeiro ácido*.
Relata parte de sua vida no Rio e quando tomou seu primeiro ácido (drogas).

Marise Manoel, lingüista: *No fio das facas*.

Relata parte de sua vida em Curitiba na década de 70.

Torquato Neto, visionário: *Uma granada de lágrimas*.

Comenta, entre outras coisas, como as pessoas gostam de chorar, nas mais variadas situações.

NICOLAU, VI (n° 45): 26, set., out., 92.

Tema: *Brasil fora do eixo Brasil.*

Solda, cartunista - PR, *A chave dos chavões da cruelrytiba.*

Discorre sobre o tema *Autofagia*, sendo que o soldado autófago põe as cartas na mesa, a casa em ordem e preenche uma lacuna, procurando chifres em cabeça de cavalo quando deveria reencontrar o seu futebol sem tecer comentários ou considerações e trazer à tona o tiro de misericórdia.

Socorro de Oliveira, relações públicas - PB. *Chuvas do caju na terra do sol.*

Descreve Paraíba, *a terra do sol*, evidenciando o ponto mais oriental das Américas, a Ponta do Seixas, no litoral paraibano.

Duílio Gomes, escritor - MG: *Belo Horizonte pós-moderna.*

Traça um perfil da Belo Horizonte, cultural e política dos anos 20 aos 70, nascida *Curral del Rey*, que sempre foi o ferredouro político-existencial literário do país.

Armindo Trevisan, poeta - RS: *Frio e Cristal*, Comenta sobre Porto Alegre, suas manhãs frias e incita o leitor a visitá-la para fruir o frio e o cristal.

Gilberto Mendonça Teles, crítico literário - Go: *Magias de Goiás*.

Comenta o fato de Goiás ser sempre visto como nome e região de lugar longínquo e talvez por isso, paradisíaco, quase utópico, um não lugar (isto é, um não-Rio), cheio de aventuras e riquezas.

Suênio Campos, universitário - BA, *Viver a Bahia - iá - iá*.

Mostra que a Bahia não tem só Caetano, vatapá, caruru e reggae, folclore sincrético.

Marize Castro, poeta - RN, *Província da província*.

Traça um perfil do Rio Grande do Norte, onde o sol brilha, porém quase nada germina nas suas areias quentes.

Moreira Campos, escritor - CE, *Tórridos trópicos*.

Descreve Fortaleza, banhada sempre pelo sol e pelos verdes mares bravios, refrigerada pelo doce oscilar dos coqueiros nas praias.

NICOLAU VI (nº 46): 20, nov., dez. 92.

Tema: *Deus*.

Mauro Alice, cineasta: *A besta e o arco-íris*.

Fala sobre Deus, onipresente, no seu corpo estranho.

Ernani Ssó, humorista: *Ping-pong com Deus*.

Faz um suposto diálogo com Deus, através de um texto bem humorístico.

Norval Baitello Júnior, Semioticista: *O hipersímbolo*.

Desfaz o conceito de que a vida humana foi considerada a prova mais cabal da existência de Deus, afirmando ao contrário que a figura de Deus é a prova mais irrefutável da existência do homem.

Deus - através de Moisés: *Gênesis*, trecho da Bíblia traduzida para o português pelo padre João Ferreira D'almeida (1956).

Santa Tereza D'Ávila, mística: *Mi amad para mí*, Poema.

Jamil Snege, poeta: *Do pentelho ao santo padre*.

Tece o conceito de que, se Deus é uma realidade simultânea e coextensiva à totalidade do universo, o não-ser Deus é uma impossibilidade absoluta da matéria.

Eduardo Mascarenhas, psicanalista: *Deus pintado ao vivo*.
Afirma que Deus está aberto à livre interpretação de seus misteriosos desígnios. Cada um possui a idéia de Deus que merece.

NICOLAU VI (nº 47): 13, mar., abr. 93.

Tema: *Mulheres da vida*.

Elizabeth Becek Hoepfner, dona de casa: *Lágrima na roupa*.
Relato de uma dona de casa que viu seus filhos crescerem e acabou ficando sozinha, circunscrita ao seu destino.

Gilda Poli, professora: *Heroína do cotidiano*.
Faz uns depoimentos em relação ao fato de ser mulher da vida, sofridas mulheres, a romper barreiras e preconceitos.

Neuza, prostituta: *Um beijo de longe*.
Faz um depoimento sobre a sua vida como prostituta.

Aurora Bernardini, tradutora: *A magia do ventre*.

Com base no livro *Personas sexuais* de Camille Paglia e na crônica de Arnaldo Jabor, *Mulher brasileira quer ser mais sexy* (Folha de S. Paulo, 24/2/93, p.4-8) faz uma avaliação da problemática social envolvendo a mulher.

Anãis Nin, escritora (Tradução de Rosane Pinho): *Mulheres que atraem*.

A escritora, juntamente com mais dois escritores Henry Miller e o fictício Gonçalo, durante a 2ª. Guerra Mundial se refugiam em Greenwich Village, Nova York. Sem ter como se manter na América, o trio começa a escrever cartas eróticas, para satisfazer as vontades de um velho rico, em troca de dinheiro.

Rosane Pinho traduz um fragmento de uma dessas cartas.

Cecília Degelmann, estudante: *Blablabá*.

Representando uma porção de jovens, traça um perfil de sua vida de estudante, onde afirma entre, outras coisas, que estudar é prazeroso desde que se estude com vontade.

NICOLAU VI (nº 49): 9, jul., ago. 93.

Tema: *Traição*.

Jerusa Pires Ferreira, semioticista: *A plebéia de Atenas*.

Passa o perfil de Eudóxia de Bizâncio, plebéia de Atenas, feita imperatriz, filha do sofista Leôncio, viveu de 401 a 460.

Fábio Brüggemann, editor: *A traição poética*.

Define a palavra traição que quer dizer entregar, e que certamente incorporou-se ao idioma com uma carga semântica um tanto negativa.

Marcello Rollemberg, jornalista: *Capitus da escrita*.

Analisa as traições das traduções feitas por determinados escritores, pois um mau tradutor destrói um livro, embora exista o contraponto, onde um bom tradutor pode operar, por vezes, um pequeno milagre e tornar palatável um livro insosso.

Aurélio Buarque de Holanda, dicionarista: *Verbetes*.

Através de um verbete do dicionário define o termo *traição*.

Norberto Irusta, psicanalista: *Perfídia feminista*.

Questiona a definição da palavra *traição*, na versão de Enrique Santos Discépolo, um gênio do tango, na versão teórica de Freud e na do poeta Oscar Wilde.

NICOLAU VI (nº 50): 28, set., out. 93.

Tema: *O Grotesco.*

Oscar Cesarotto, psicanalista: *Gozo deslavado.*

Afirma entre outras coisas que: "no escárnio ou no desprezo o sujeito pode até se divertir, tripudiando seu próximo, mas um sorriso amarelo, de vez em quando, como uma sombra de censura alude à angústia, por ora apaziguada, porém latente, em vias de se perpetuar."

Wilson Martins, crítico literário: *Aranhas, morcegos, sapos.*

Cita exemplos do conceito de grotesco, como o Barroco, um estilo literário que veio das artes plásticas, ambos confluindo, ao longo dos tempos na metamorfose estética do rococó, o *Satiricon* de Rabelais, as quermesses medievais e holandesas e assim por diante.

Célia Murilli, jornalista: *A cabeça do feto.*

Cita exemplos de situações grotescas como, *Grotesco é ver na TV o pai que incendiou a filha...* e outros casos do gênero.

Nuno Ramos, artista plástico: *Um porco vivo.*

Cita conceitos sobre o grotesco como por exemplo, "O Grotesco é este corpo sem janela, um porco vivo ou um deus morto."

Peter Eisenman, arquiteto: *O potencial do grotesco*.

Afirma entre outras coisas que, "há duas condições de catacrese e atopia no seio da arquitetura: o arabesco e o grotesco".

Helena Katz, crítica de dança: *Grutas, Grotas*.

Afirma, entre outras coisas que "no corpo que dança, o que se busca são os grotescos escondidos nos subterrâneos".

Marcelo Coelho, escritor: *Monstruosidade e graça*.

Busca a essência do grotesco nas "drag queens", travestis caricatos cuja capacidade de iludir o público é contestada por elas mesmas.

Philadelpho Menezes, semiótico: *Carnaval do mundo*.

Lê o grotesco, através da etimologia, no Renascimento, na literatura com Victor Hugo, no Prefácio de Cronwell, em Bakhtin, em Ortega J. Gasset, afirmando, no final, que talvez nossa época seja do re-grotesco.

Moacir Amâncio, poeta, *Apocalipse em tom menor*.

Afirma que o grotesco é a casa do Brasil, que vive um dramalhão, ao som do lixo musical sertanejo.

NICOLAU VII (n° 51): 25, nov., dez. 93.

Tema: *A Graça*.

Marcos Rey, escritor: *O lado cômico*.

Entre outros conceitos afirma que "hoje em dia a graça mais desejada não é propriamente a que faz rir ou a que atribui encanto a qualquer coisa".

Sérgio Casares Pinto, psicanalista: *Cara graça feminina*.

Faz um texto surrealista sobre a graça feminina.

Jane Sprenger Bodnar, bruxa de anis: *Estar grávida*.

Descreve a gravidez, estado que se manifesta em mistério e simplicidade.

Lygia Fagundes Telles, escritora: *Sol da vida*.

Refere-se à graça como beleza clássica representada pelas três mulheres simbolizando o ideal da perfeição.

Néri Pedroso, jornalista: *Elegância do provisório*.

Fala sobre o declínio e o descrédito de algumas qualidades humanas, a graça e a elegância, por exemplo.

Suzana Vargas, editora: *De graça*.

Embarca numa viagem pelas coisas mínimas da casa e (...) dorme dentro da graça ao conhecer o sentido do dia através da noite. De graça.

Nereu Teixeira, jornalista: *Canção engraçadinha*.

O jornalista fala do tema proposto através de um poema.

Amálio Pinheiro, semioticista: *Educação engraçada*.

Dentre outros conceitos, afirma que só há comunicação dialógica e diferencial se nela está contido algum elemento de choque pelo riso, de consciência binária em fricção, de morte.

Alice Ruiz, poeta: *Graça, qual é a sua?*

Apresenta o tema através de um poema.

Hélio Leites, saltimbanco: *Em busca da Graça perdida*.

Encontra a origem da graça entre alguns historiadores portugueses, espanhóis, chineses, e escritores como Henry Chantelier, um francês do século XVI, Cortázar, Borges, entre outros.

NICOLAU VII (nº 52): 12, mar., abr. 94.

Tema: *O Beijo.*

Luli Miranda, indigenista: *Um divertimento insípido.*

Relata através do livro do antropólogo Bronislaw Malinowski, *A vida sexual dos Selvagens*, diversos modos de relacionamento sexual e, através do etnólogo Miguel Chase, Sardi, comenta práticas pré-nupciais semelhantes. Relata, através de antropólogos, etnógrafos, diversos modos de relacionamento sexual, incluindo o beijo.

Sylvio Back, cineasta: *O beijo no cinema.*

Relata o beijo no cinema como um beijo de verdade, incondicionalmente erótico, simbolicamente imortal, ontologicamente infinito.

Mário Prata, dramaturgo: *A máquina de beijar.*

Informa sobre a máquina de beijar que existe há muitos anos, fabricada principalmente para os tímidos, retraídos e solitários.

Paulo Venturelli, professor: *Chiclete compartilhado.*

Avalia o beijo, um acontecimento exibicionista, tendo muito de autofelação narcísica levada ao extremo, entre outros aspectos.

Jamil Snege, poeta: *Meus caninos, teus músculos.*

Afirma o beijo como um antigesto que se afirma pela negatividade.

Ludwig Knoll e Gerhard Jaeckel, dicionaristas: *Lábios sobre a pele.*

Definem o beijo como a pressão escurecida pelos lábios sobre a pele particularmente sobre os lábios dum parceiro entre outros procedimentos.

NICOLAU VII (nº 54): 25, jul., ago. 94.

Tema: *A raiz da palavra.*

Jurandir Freire Costa: *Braçagens e pernagens.*

Define a palavra através da gênese da linguagem, esta como um conjunto de habilidades desenvolvidas pelos organismos humanos na relação com o ambiente.

Chaim Katz: *Dupla raiz da palavra.*

Coloca diferentemente duas raízes da palavra, a primeira quando se fizer intensa num sujeito e ele remetê-la para

fora, recolhendo-a novamente, e a segunda, criando outros objetos, fazendo-os afirmativos na sua diferença.

Jacques Lacan (Tradução de Oscar Cesarotto): *Entre as andorinhas*.

Considera, entre outros fatos, que é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas, primeiramente confundidas no hic et nunc do todo em devir, dando seu ser concreto à sua essência e seu lugar em toda parte ao que é de sempre.

Mirian Chnaidermam: *A educação pela música*.

Traz o conceito, entre outros de que "a palavra é morte do que lhe dá origens, inventada para impor a estabilidade e impessoalidade".

Oscar Cesarotto: *Vacas e rosas não falam*.

Apresenta o conceito através de um texto lúdico, citando vários trocadilhos e ditados populares como, por exemplo, "sendo o silêncio de ouro, a palavra é prata pura".

Norberto Irusta: *Status do silêncio*.

Faz um percurso no campo da literatura encontrando a palavra como fundadora, retomando idéias de poetas como Silvio Rodriguez e outros escritores.

Dulce Mara Gaio: *Acróstico*.

Faz um acróstico com o tema proposto: *A raiz da palavra*.

João Perci Schiavon: *Uma ciência de si*.

Afirma que "como um velho marujo, o personagem psicanalítico se orienta pelas palavras-guia, estelares, constelações que são como substância derradeira de uma língua maneira, diversa e eficaz, real, universalmente matéria fina de toda a certeza, mesmo se soterrada, inconsciente."

NICOLAU VII (n° 55): 25, set., out. 94.

Tema: *Infância*.

Felipe Fortuna, poeta: *Alegria contra a morte*.

Afirma, entre outros fatos, "que a infância é o lugar dos primeiros vícios, ou melhor, dos vícios permanentes e dos defeitos."

Lúcia Miners, escritora: *Colar feito de antigamente*.

Define o tema através de um texto poético.

Manoel Carlos Karan, romancista: *Anotações sobre a infância*.

Define o tema da infância através de um texto lúdico, usando expressões como: "A gente nunca lembra do primeiro sutiã, a gente não esquece é do primeiro par de peitos."

Márcia Vialich, designer: *Reino dos céus*.

Afirma, entre outros fatos, "que juízos, avaliações e percepções variam de acordo com este ou aquele sistema cultural, mas originalmente, alegria e sinceridade são facilmente encontradas numa criança (...)".

Carmem Kley, jornalista: *Limonada na garrafinha*.

Rememora situações da infância, como o cheiro do próprio corpo, do talco disfarçando, o odor do xixi, e o azedo regurgitado.

Ricardo Guilherme Dicke, escritor: *Só depois dos mortos*.

Afirma, entre outros fatos, que "Só depois de mortos volta-se a ser criança, mas dizem que isto não existe."

René Ariel Dotti, jurista: *Balões, estrelas, domingos*.

Rememora o lugar de seu nascimento, das manhãs ensolaradas em Curitiba, do calor gostoso das noites de fogueira e outros acontecimentos.

Maurício Kubrusly, repórter: *Zerando a contagem*.

Afirma, entre outros fatos, que "sala de parto não fica só no hospital. A maternidade de idéias gerou um mundo novo e admirável."

Estrela Leminski, teenager, 13: *A infância nunca acaba.*

Faz depoimentos sobre sua vida de criança.

DOSSIÊ: Quadro geral da seção

Dossiê pode ser uma coleção de documentos relativos a um processo, a um indivíduo ou a qualquer assunto, e é, neste último sentido que *Nicolau*, nesta seção fixa, se propôs a reunir vários pronunciamentos de poetas, escritores, psicanalistas, artistas plásticos, entre outros, sobre temas previamente escolhidos como *Paraísos artificiais*, *o pós-tudo*, *Os anos loucos*, *Brasil*, *Deus*, *mulheres*, *traição*, *o grotesco*, *a graça*, *o beijo*, *a palavra e infância*. Os paraísos, que tanto podem ser a morada dos bem-aventurados depois da morte, como um lugar particularmente encantador e aprazível ou mesmo um lugar muito propício para determinada atividade. Segundo a visão dos articulistas, existindo ou não, o paraíso tem seu preço. E é justamente por não existir, por ser paraíso perdido desde sempre, teima-se em construir um.

Outro assunto preocupante para os articulistas do *Nicolau* foi o que se pode chamar de "os anos loucos", ou mesmo "Negros Verdes anos 70", expressão cunhada por Heloísa Buarque de Holanda, para mostrar que, de fato, a década de 70, começa no Brasil a 13 de dezembro de 1968, quando foi editado o ato institucional número cinco, anunciador de um tempo nebuloso, com fortes ventos que abalavam a estabilidade meteorológica da história do Brasil e de sua cultura. Para se pronunciar sobre

este tema, entre outros escritores, foram convidados Wally Salomão,³⁹⁰ poeta, e Torquato Neto,³⁹¹ poeta e letrista, ambos porta-vozes de uma literatura marginal desta época que, numa produção coletiva, chamada *Navilouca*, reuniram textos de diversos poetas, além de contribuições de músicos, cineastas e artistas plásticos como Hélio Oiticica³⁹² com seu *Parangolês*, recriando as manifestações *pop* e *op*, criadas nos Estados Unidos, valorizando criticamente através do Tropicalismo o nosso primitivo.

No tema "Brasil fora do eixo Brasil",³⁹³ os estados e cidades, como Paraíba, "a terra do sol", com suas praias encantadoras, Minas Gerais, o estado essencialmente cultural, Porto Alegre, com suas manhãs de frio e cristal, Goiás, vista sempre como longínqua, a Bahia, mostrando todos os seus valores desde a comida, folclore até Caetano Veloso, Rio Grande do Norte, com suas praias de areias quentes e ainda Fortaleza, sempre banhada pelo sol, foram valorizadas com o objetivo de mostrar ao leitor do *Nicolau* toda riqueza cultural do Brasil.

Através de sete vozes entre cineastas, humoristas, religiosos e até o próprio Moisés através do Gênesis, tentaram a possível viagem de desvendar, em poucas linhas, a severa presença ou ausência desse arquétipo, ou seja "Deus"; o

³⁹⁰ *Nicolau*, nº 44, p. 23

³⁹¹ *Nicolau*, nº 44, p. 23

³⁹² *Nicolau*, nº 44, p. 22

³⁹³ *Nicolau*, nº 45, p. 28

psicanalista Eduardo Mascarenhas,³⁹⁴ reitera que cada qual concebe Deus de acordo com a sua sensibilidade, pois cada um possui a idéia de Deus que merece...

No mês de março, quando se comemora no dia 8, o dia internacional da mulher, *Nicolau* dedicou um exemplar em sua homenagem, reunindo textos de professoras, donas de casa, escritoras, estudantes, com depoimentos sobre suas condições de serem mulheres numa sociedade extremamente machista.³⁹⁵

No *dossiê* sobre *traição*, além de relacionar este fato de um modo geral às mulheres, como fez o psicanalista Norberto Irusta,³⁹⁶ um outro aspecto foi estudado no que diz respeito à *traição poética*, lembrando as palavras de Fernando Pessoa, poeta português, que afirma ser o poeta um grande fingidor, "pois finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente", e também mencionando as *traições* cometidas nas traduções, pois um mau tradutor pode destruir um bom livro ou operar milagres e tornar palatável um livro insosso.

O conceito de *grotesco*,³⁹⁷ outro tema explorado por *Nicolau* nesta seção, foi definido como contraponto ou pano de fundo do sublime, relacionando este aspecto à literatura, à vida cotidiana, à arquitetura, política brasileira, lembrando

³⁹⁴ *Nicolau*, nº 46, p. 22

³⁹⁵ *Nicolau*, nº 47, p. 13

³⁹⁶ *Nicolau*, nº 54, p. 26

³⁹⁷ *Nicolau*, nº 50, p. 28

que os brasileiros deveriam exportar drama político, pois são produtores de nível mundial.

Em relação à *Graça*,³⁹⁸ o tema foi definido por poetas, psicanalistas, escritores, teatrólogos e jornalistas.

A sexologia esteve presente nesta seção explorando conceitos e opiniões sobre o *Beijo*, incondicionalmente erótico. Mário Prata,³⁹⁹ chama a atenção do leitor, noticiando sobre uma máquina de beijar, que existe há anos, deixando desta forma os tímidos, retraídos e solitários mais esperançosos.

Num processo de metalinguagem, *Nicolau* procurou interpretar e explicar a linguagem no Dossiê sobre a "raiz da palavra"⁴⁰⁰. Desta forma, oito psicanalistas pensam origens, máscaras e funduras sobre a palavra, a maior característica humana.

Finalmente, a *Infância*⁴⁰¹ é lembrada por repórteres, juristas, poetas, romancistas e, encerrando a seção com o texto de Estrela Leminski, filha do grande escritor e poeta Paulo Leminski.

³⁹⁸ *Nicolau*, nº 51, p. 25

³⁹⁹ *Nicolau*, nº 52, p. 12

⁴⁰⁰ *Nicolau*, nº 54, p. 25

⁴⁰¹ *Nicolau*, nº 54, p. 24-26

CAPÍTULO XVI

CIRCUITO

*Ordenar bibliotecas es ejercer,
de um modo silencioso y
modesto, el arte de la crítica.*

(Jorge Luiz Borges - Nicolau, n°
49, p. 28)

C I R C U I T O

contribuição cultural e religiosa do
s judeus foi o eterno Livro dos Livros
— de expressão nacional e uni-

: seu estabelecimento como Estado.
Israel foi o escudo que acolheu os
gentes antecedentes sociais: judeus,
nos, cristãos, religiosos e laicos.
te, a sua população é em torno de
lões de habitantes, população essa
os quatro cantos do mundo, rica pelas
: perspectivas trazidas de sua proce-

rusalém, a capital eterna. Tel Aviv
aiores de Israel — dão a esse país
sociedade urbana, sendo habitadas
total. O aumento populacional em
a absorção de milhares de judeus
ítica e dos "falashas", judeus negros.
Etiópia, implicou na construção de
de novas moradias nas atuais cidades.
em Israel é obrigatória dos 5 aos 16
; 18 anos. Mais de 90% das crianças
tam jardins de infância. Israel possui
ociadas a sete academias regionais,
ção de professores e quatro institui-
rite.

atérias-primas básicas fez com que
senvolvimento na mão-de-obra alta-
je de repercussão reconhecida inter-
sional, pelos Estados Unidos e Mer-
u. Saúde e educação são premissas
o governo democrático-parlamentar
a criar alternativas de aprimoramen-

reconiza SHALOM — PAZ —, fun-
ivo central do pensamento judaico.

nasceu no kibutz Degania Aiel, em Tibé-
isa

BERLIM

Três anos atrás, na noite entre 9 e 10 de novem-
bro de 1989, abriu-se o Muro de Berlim. No
dia 3 de outubro de 1990, uma grande multidão
festejou, no Portão de Brandemburgo, o resta-
belecimento da unidade da Alemanha.

Hoje, na Alemanha, sobretudo na parte
oriental, está ocorrendo uma profunda mudan-
ça. Ela atinge, em primeiro lugar, a economia,
que deve realizar, o mais rápido possível, a
transição da economia dirigida socialista para
a economia de mercado, a qual precisa garantir
sua sobrevivência na competição com os de-
mais países ocidentais. As mudanças econô-
micas têm o respaldo de um enorme programa
de ajuda do governo, através do qual mais
de DM 100 bilhões (cerca de Cr\$ 550 trilhões)
por ano fluem para os novos estados. A Treu-
handanstalt (agência para a privatização de
empresas estatais) de Berlim foi encarregada
de privatizar, em grande escala, as empresas

estatais alemãs orientais. Ainda há um longo caminho a
percorrer e consideráveis sacrifícios financeiros serão ne-
cessários.

Muito importante e, sem dúvida, muito mais difícil
é a "unificação interna", a eliminação do "muro nas cabe-
ças" dos alemães nos dois lados do país. A vida em sistemas
ideologicamente opostos por um período mais longo do
que uma geração levou às diferenças na visão das coisas,
o que, juntamente com as discrepâncias econômicas, pro-
duziu tensões e conflitos entre alemães orientais e alemães
ocidentais. A insegurança das pessoas na Alemanha é, cer-
tamente, uma das causas principais dos excessos criminosos
contra estrangeiros e memórias judaicas. Os responsáveis
estão decididos a punir os criminosos com os meios que
o Estado de Direito oferece e pôr termo a atos desse tipo.

A Alemanha também está pronta para prestar sua
contribuição à preservação da paz e à eliminação da miséria
no mundo. A Alemanha não deseja negligenciar seu enga-
jamento em prol de seus amigos no mundo, não obstante
as imensas tarefas decorrentes da construção da unidade
da Alemanha e da unidade européia. O relacionamento
com o Brasil é um exemplo disso. Desde a unificação alemã,
essas relações, tradicionalmente muito boas, continuam
sendo ampliadas e aprofundadas.

HELMUT KOHL, 55, nasceu em Frankfurt/Alemanha. Chanceler
da Alemanha unificada. Este texto foi especialmente escrito para
Nicolau.

Tradução de Wolfgang Ehr

TURQUIA

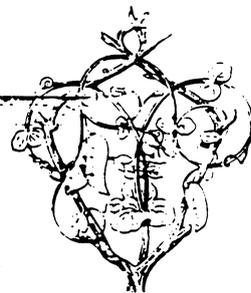
O Estado Otomano foi fundado em 1299 e
permaneceu na história por cerca de 600 anos.
Logo após a desintegração do Império Otoma-
no, a Turquia moderna foi estabelecida por
Atatürk, "o pai dos turcos". Todos os anos,
na data de 10 de novembro, celebra-se no país
o aniversário de sua morte.

A Turquia passa, então, por uma transfor-
mação sem precedentes. Atatürk introduz
grandes reformas para ocidentalizar a nação,
transformando profundamente a sociedade
turca, secularizando o Estado, adotando o alfa-
beto latino em substituição ao árabe, moderni-
zando o sistema legal, concedendo direito de
voto às mulheres e implementando mudanças
na indústria, agricultura e economia.

Essas mudanças proporcionaram a oci-
dentalização da Turquia que, posteriormente,
tornou-se membro da OTAN, do Conselho da
Europa, além de conseguir parceria econômica
com o Mercado Comum Europeu.

Pode-se dizer que a Turquia de hoje serve
de ponte entre a Ásia e a Europa. Com uma população
de 60 milhões de habitantes, desde o início dos anos 80,
o país tem promovido sensíveis melhoras no campo econô-
mico através da liberação da economia e de aumento signifi-
cativo de suas exportações e importações. Recentemente
estabelecido, o Conselho de Cooperação Econômica do
Mar Negro, uma idéia do atual presidente, Turgut Ozal,
irá fomentar a cooperação econômica entre a Turquia e
os países do Mar Negro. Além disso, há pouco tempo,
a Turquia sediou o Encontro de Cúpula de Ancara, reu-
nindo cinco repúblicas turcas emergentes da ex-União So-
viética. Isso dará, com certeza, novo impulso e nova dimen-
são ao poder econômico do país.

TAHSIN TARLAN, 52, nasceu em Istambul/Turquia. Gradou-se
em ciências políticas na cidade de Ancara. É o atual embaixador
da Turquia no Brasil.



lan

CIRCUITO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ALEBIC, Anita. - *Croácia*. VI (n° 45): 9, set., out. 92.

"Sobre a democracia os cavalos de madeira escrevem cartazes."

ALVAREZ, Alonso. *São Paulo*. VI (n° 49): 28, jul., ago. 93.

"Ordenar bibliotecas es ejercer, de un modo silencioso y modesto, el arte de la crítica". (Jorge Luiz Borges.)

ANTÔNIO, João. *Rio de Janeiro*. VII (n° 52): 29, mar., abr. 94.

Noite de extermínio nos degraus da Candelária.

BRAVO, Luis. *Uruguai*. VI (n° 43): 10, maio, jun. 92.

Circuito.

CASTRO, Marize. *Rio Grande do Norte*. VII (n° 52): 29, mar., abr. 94.

"Natal, hoje não é um quadro na parede", mas dói.

FERRI, Gio. *Itália*. VI (n° 44): 25, jul., ago. 92.

Poetas Italianos.

FOSTER, David. *Estados Unidos*. VI (n° 44): 2, 5, jul., ago. 92.

Cultura social dos Estados Unidos.

GIRALDO, Elkin - *Colômbia*. VI (n° 45): 9, set., out. 92.

Na Colômbia, não se faz teatro por heroísmo ou por vocação de mártir, mas por esta estranha convicção na loucura.

KOHL, Helmut. *Alemanha*. VI (n° 46): 10, nov., dez. 92.

"Três anos atrás, na noite entre 9 e 10 de nov. 89, abriu-se o Muro de Berlim."

KUMPINSKI, Aliza. *Israel*. VI (n° 46): 10, nov., dez. 92.

População: cinco milhões de habitantes.

LÜDTKE, Sérgio. *Rio Grande do Sul*. VI (n° 49): 28, jul., ago. 93.

Produção Cultural Gaúcha.

MARCOS, Juan Manuel. *Paraguai*. VI (n° 43): 10, maio, jun. 92.

Circuito.

NUNES, Sebastião. *Minas Gerais*. VI (n° 49): 28, jul., ago. 93.

"Depois de vinte anos perambulando entre Belo Horizonte, Rio e São Paulo, cheguei à conclusão de que Minas continua não existindo."

PARARRAIOS, Ary. *Distrito Federal*. VII (n° 52): 29, mar., abr. 94.

Sair à rua em Brasília já começa a se parecer com a aventura de se morar no Rio, modelo de nosso futuro.

PÉREZ, Esther. *Cuba*. VI (n° 44): 25, jul., ago. 92.

"Cuba é, certamente, um lugar estranho."

REDONDO, Víctor. *Argentina*. VI (n° 43): 10, maio, jun. 92.

Circuito.

TARLAN, Tahsin. *Turquia*. VI (n° 46): 10, nov., dez. 92.

O estado otomano foi fundado em 1299 e permaneceu na história por cerca de 600 anos.

ULACIA, Manuel. *México*. VI (n° 45): 9, set., out. 92.

O México exercerá um papel importante na construção do continente, por ser uma das pontes entre o norte e o sul.

CIRCUITO: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n° 43): 10, maio, jun. 87.

Paraguai

Juan Manuel Marcos, doutor em Filosofia pela *Universidade de Madri/Espanha*, autor de *El invierno de Gunter*, entre outros. Expõe a situação de muitos talentos literários no Paraguai, que necessitam de estímulos, assim como um contexto editorial e crítico mais alentador e aponta José Martí como um dos paradigmas de poetas comprometidos politicamente em favor de uma sociedade mais humana, tanto em sua obra como em sua conduta como cidadão.

Argentina

Victor Redondo, poeta e editor, autor de *Mercado de Ópera*, entre outros, fez uma análise da poesia escrita na Argentina, partindo do ano de 1976, ano do golpe que instaurou uma ditadura militar, revelando o desaparecimento de mais de 100 poetas, até 1981/83, quando os poetas começaram a se organizar, realizando vários circuitos de leitura e alcançando um nível altíssimo em relação à diversidade e riqueza de suas obras poéticas.

Uruguai

Luis Bravo, poeta, crítico e professor de Literatura, autor de *Lhuvia* e *Gabardina a la Sombra del Laúd*. Relata, entre outros, um fato paradoxal: a revista *En Maldoror*, revista uruguaia de vanguarda, que registra dezenas de poetas publicando simultaneamente (80 nomes merecem atenção entre os nascidos entre a década de 20 e final de 60) e, no entanto, suas obras não alcançam nenhum lugar de destaque, a não ser nas vitrines das livrarias.

NICOLAU VI (n° 44): 25, jul., ago. 92.

Cuba

Esther Pérez, licenciada em Letras e vice-presidente da *Casa de las Américas* e chefe de redação da revista homônima.

Relata a situação de vida do povo cubano que aposta em coisas tão supostamente superadas como a imaginação, suas crenças e eles mesmos. (tradução: Vladimir da Cunha Campos)

EUA

David Foster, professor regente de espanhol da *Arizona State University*, autor de *A Geração Argentina de 1980: Ideologia e Textos Culturais*, entre outros. A partir de uma reportagem realizada por um jornalista de Nova York

chamada *Los Angeles, Capital do Terceiro Mundo*, o articulista tece um panorama desta cidade, que tem sido centro nervoso para os novos dirigentes financeiros de primeira linha do país.

Itália

Gio Ferri, poeta, editor, nome de ponta na moderna poesia européia.

Faz uma análise da poesia italiana, onde a criatividade se revela eclética em parte neobarroca e em parte parassurrealista. Aponta nomes como Andrea Zanzotto, Edoardo Sanguineti, Mario Luzi, Gilberto Fenzi, Giuliano Gramigna, representantes da presença jovem e livre da sujeição aos mestres da 2^a metade do século.

NICOLAU VI (nº 45): 9, set., out. 92.

Colômbia

Elkin Giraldo, ator, dramaturgo, autor, entre outras, das peças para teatro: *Colômbia: Sedé Rumba, La Sonrisa de Luna*. Faz um perfil do teatro na Colômbia, apontando nomes como José Manuel Freydell, fundador do *Teatro La Ex-Fanfarria*, dramaturgo e poeta que foi assassinado em Medelin, Enrique Buenaventura, Santiago García e outros tantos atores que, a cada dia, brincam ante a morte.

(Tradução de Hélio Leites)

Croácia

Anita Alebic, poeta, autora, entre outros, dos livros *A... A...* e *O nó*. Através de um texto alegórico fala da democracia em seu país.

México

Manuel Ulacia, poeta e arquiteto, autor, entre outros, de *La Materia como Ofrenda*. Faz um perfil desta cidade, cenário de encontro entre culturas e civilizações.
(tradução de Fabrício Hulm)

NICOLAU VI (nº 46): 10, nov., dez. 92.

Alemanha

Helmut Kohl, chanceler da Alemanha unificada. O texto especialmente escrito para o *Nicolau* fala das mudanças após a queda do Muro de Berlim, ocorrida em 10 de novembro de 1989; da unificação interna, da eliminação do muro nas cabeças dos alemães nos dois lados do país e dos propósitos da Alemanha para prestar sua contribuição à preservação da paz e à eliminação da miséria no mundo.

Israel

Aliza Kumpinski, dona de casa, faz um relato da vida em Israel, sobre a escolarização, escassez de matéria-prima

que fez com que esta cidade baseasse seu desenvolvimento na mão-de-obra altamente qualificada e outros aspectos.

Turquia

Tahsin Tarlan, embaixador da Turquia no Brasil, faz um relato da história deste país desde a sua fundação até os dias atuais.

NICOLAU VI (nº 49): 28, jul., ago. 93.

São Paulo

Alonso Alvarez, livreiro, editor, escritor e artista gráfico. Faz um texto crítico sobre as livrarias de São Paulo e de um modo em geral, que apenas se preocupam em vender papel impresso e esquecem da literatura; acusa os livreiros ainda de não lerem os livros que vendem ou programam para editar, porque, se o fizessem, o mercado não estaria tão ruim, vivendo uma situação de mediocridade e de breu.

Rio Grande do Sul

Sérgio Lüdtke, jornalista e editor das Artes e Ofícios, de Porto Alegre, questiona a produção Cultural gaúcha que não se equívale à sua capacidade de consumo porque o estado não se permite a autocrítica e não se abastece dos poucos referenciais de que dispõe.

Minas Gerais

Sebastião Nunes, publicitário, autor de *Somos todos Assassinos*, entre outros; traça um perfil bem pessimista deste estado afirmando, entre outros aspectos, que *A Cinelândia*, bairro de São Paulo, tem mais cultura do que Minas inteira.

NICOLAU VII (nº 52): 29, mar., abr. 94.

Distrito Federal

Ary Pararrais, jornalista e palhaço de rua.

Traça um perfil de Brasília, mostrando não a bela capital dos cartões postais, mas da cidade onde pessoas vivem e trabalham, onde o apocalipse urbano já se encastelou.

Rio de Janeiro

João Antônio, escritor, autor de *Dedo-duro*, ganhador de vários prêmios literários, relata a noite de extermínio nos degraus da Candelária, quando policiais assassinaram menores de rua que moravam naquele local, entre outras histórias de massacre parecidas, ocorridas nos bairros pobres da cidade.

Rio Grande do Norte

Marize Castro, jornalista, autora de *Marrons Crepons Marfins e Rito*. Descreve a cidade de Natal, onde homens ociosos a governam, alertando que é preciso proteger e amar esta cidade banhada de mar, sombras e segredos, neste nordeste de luz, abismos e abrigos.

CIRCUITO: Quadro geral da seção

Conforme o título da seção sugere, *Nicolau* traçou um caminho, percorrendo vários países para atingir um lugar fixo, ou melhor, para atingir um objetivo comum que seria o de mostrar, numa visão panorâmica, características, costumes e projetos de vida de cada um desses países.

O itinerário começou com os países da América do Sul, como Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil, onde os articulistas, poetas, editores e professores tiveram a oportunidade de expor seus pontos de vista em relação à produção literária, suas livrarias, perfil urbanístico, violência, política e muitos outros enfoques. Dos países europeus, a Itália e a Alemanha foram solicitadas, esta última, através de seu representante, o chanceler Helmut Kohl,⁴⁰² que fez um texto especialmente para o *Nicolau*, expondo as mudanças ocorridas naquele país após a queda do Muro de Berlim. Dos EUA, David Foster,⁴⁰³ professor regente de espanhol da Arizona State University, tece um panorama de Los Angeles, considerado um centro nervoso para os novos dirigentes financeiros de primeira linha do país. Também os países asiáticos estiveram presentes nesta seção, como a Turquia e Israel, representados por embaixadores ao lado de donas de

⁴⁰² *Nicolau*, nº 46, p. 10

⁴⁰³ *Nicolau*, nº 45, p. 25

casa, como Aliza Kumpinski,⁴⁰⁴ que fizeram relatos da história de seus países.

A viagem se encerrou, no Brasil,⁴⁰⁵ com o Distrito Federal e os estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte. No exemplar seguinte, esta seção foi substituída.

⁴⁰⁴ Nicolau, nº 46, p.10

⁴⁰⁵ Nicolau, nº 52

CAPÍTULO XVII

TEXTO JORNALÍSTICO

*A criação publicitária exige
talento dos que dela
sobrevivem.*

(Ernanin Buchmann - *Nicolau*, n°
5 p. 20)

TELEJORNALISMO : uma fórmula?

CLÁUDIO BENETTA

Reportagem de televisão é 30% de fórmula e 10% de talento. Parece uma definição radical. E talvez seja, mas analise o que você vê no vídeo: o apresentador chama o assunto e em seguida entra a reportagem. O repórter, em *off*, introduz o assunto, ilustrado pelas imagens. Depois, entra o repórter no vídeo, dando um exemplo ou explicando algum ponto da notícia que não teria como ser mostrado nas imagens. A reportagem fecha com uma entrevista. Uma fórmula repetida em todas as emissoras, copiada do Padrão Globo.

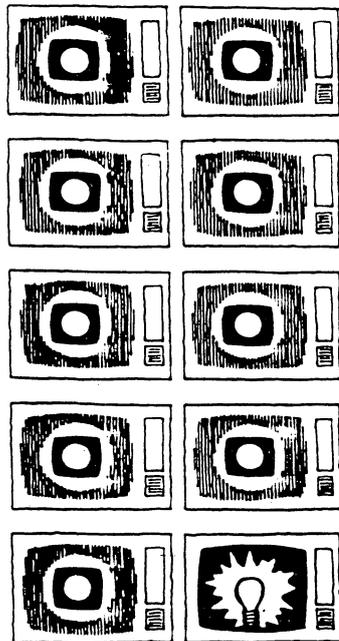
As emissoras de tevê de Curitiba, até há pouco tempo sem padrão algum de jornalismo, aderiram à fórmula de edição e reportagem. Onde entram os 10% de talento? Do repórter, no momento em que consegue sintetizar em pouco mais de um minuto um assunto que renderia até meia página de jornal; quando convence o telespectador, ao surgir no vídeo. E quando, em casa, encerrada a reportagem, o telespectador foi capaz de ter assimilado o assunto.

O talento na edição geralmente não extrapola o material bruto que recebe. Nem sempre o material tem qualidade para ir ao ar como veio, e é esta sensibilidade para perceber e extrair o melhor de uma fita bruta que diferencia o bom do mau editor de um jornal de televisão. É também saber usar os recursos que a televisão oferece: a arte (núme-

ros no vídeo, por exemplo), para salientar os citados em *off* pelo repórter; abre-áudios, que funcionariam como pausas na estrutura de uma reportagem para inserir um trecho de discurso, de uma peça teatral, etc. E ainda uma música, quando a reportagem "pede" um fundo sonoro, entre outros recursos que o editor "descobre" ou sente que podem valorizar a reportagem e a informação.

Mas é a "fórmula" da reportagem que precisa ser discutida, talvez ainda mais pelas emissoras que copiaram o Padrão Globo. Será esta fórmula a única linguagem possível numa reportagem de televisão? Em todos os canais ela se repete nos noticiários do dia e só há uma "desobediência" ao esquema em programas de jornalismo especiais, como o "Globo Repórter", ou de variedades, como o "Programa de Domingo" da Manchete. Afinal, com pequenas adaptações, este padrão já existe há mais de uma década. A televisão evoluiu, a linguagem do seu jornalismo continua a mesma. Só há poucos anos a tevê descobriu que sua linguagem não poderia ser a mesma do rádio. Agora, precisa descobrir que pode haver outros padrões técnicos que não o da Globo, por melhor que este seja.

Cláudio Benetta, jornalista da TV Paranaense Canal 12



JORNAL. TEXTO JORNALÍSTICO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ANTÔNIO, João. *Escapada. Considerações em torno à censura imposta a um jornal alternativo, Movimento, nos anos 1975-1981*. I (n° 6): 10-13, dez. 87.

BENETTA, Cláudio. *Telejornalismo: uma Fórmula?* I (n° 3): 13, set. 87.

Reportagem de televisão é 90% de fórmula e 10% de talento. (Reportagem ilustrada).

BUCHMANN, Ernani. *Deus e a criação publicitária*. I (n° 5): 20, nov. 87.

A criação publicitária exige talento dos que dela sobrevivem. O discreto charme dos publicitários brasileiros, esses típicos "criadores" do mundo moderno que transformam em objetos de desejo - às vezes com arte e engenho - qualquer produto, sujeito ou fato consumível, dissecados aqui pelo afiado olhar de um representante do primeiro time.

GOUVÊA, Victor. *Propaganda em Glóbulos*. I (n° 4): 8, out. 87.

Criatividade em agência de propaganda. "Trabalhar com criação é muito bom para quem vê de fora. Para quem está dentro é melhor ainda!!"

MOTTA, Paulo Roberto Ferreira. *Direito à Expressão em Jornal*.

I (n° 1): 24, jul. 87.

O texto aborda questões como: Quem pode escrever em Jornal? Os termos da lei são justos e corretos?

TEXTO JORNALÍSTICO: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (n.º 1): 24, jul. 87. *Direito à Expressão em Jornal.*

Paulo Roberto Ferreira Motta.

Análise de questões em relação a quem pode escrever em jornal, defesa do diploma de jornalista com a alegação de que outras profissões assim o exigem, entre outros tópicos.

NICOLAU I (n.º 3): 13, set. 87. *Telejornalismo: Uma fórmula?*

Cláudio Benetta.

Análise e sugestões de padrões técnicos para a nova linguagem da televisão.

NICOLAU I (n.º 4): 8, out. 87. *Propaganda em Glóbulos.*

Victor Gouvêa.

O publicitário londrinense propõe criatividade e planejamento em agência de propaganda.

NICOLAU I (n.º 4): 20, nov. 87. *Deus e a criação publicitária.*

Ernani Buchmann.

Traça um perfil dos profissionais ligados à criação publicitária, apontando escalões do primeiro time como Tião Maia e Olacyr de Moraes, entre outros.

NICOLAU I (n.º 6): 10-13, dez. 87. *Escapada. Considerações em torno à censura imposta a um jornal alternativo, "Movimento", nos 1975-1981.*

João Antônio.

Revisitação da ditadura nas redações dos tablóides alternativos da chamada *Abertura* como *Opinião*, *Movimento*, *Crítica*, entre outros.

TEXTOS JORNALÍSTICOS: Quadro geral da seção

Com esta seção, *Nicolau* se volta sobre si mesmo, analisando, através de seus articulistas, questões relacionadas ao conjunto das atividades que se referem à redação de um jornal ou outros órgãos de imprensa. Afinal, quem pode escrever em jornal? Pela lei que regulamenta a profissão de jornalista, somente aqueles que sejam formados num curso superior de Comunicação Social.

Analisando detidamente a questão, o jornalista Paulo Roberto Ferreira Motta, chega a conclusões diversas de um problema que, segundo ele "coloca em xeque uma das liberdades mais importantes do ser humano, a da expressão."⁴⁰⁶ J. Claudio Beneta⁴⁰⁷ analisa outro lado, considerando o aspecto criativo que requer 90% de fórmula e 10% de talento e mostra como a televisão evoluiu, enquanto a linguagem do jornalismo continuou a mesma. Ernani Buchmann reitera esta questão de criatividade,⁴⁰⁸ considerando o charme dos publicitários brasileiros; segundo ele, "esses típicos criadores do mundo moderno que transformam em objetos, às vezes com arte e engenho, produto, sujeito ou fato consumível."⁴⁰⁹ Finalmente,

⁴⁰⁶ *Nicolau*, nº 1, p. 24

⁴⁰⁷ *Nicolau*, nº 3, p. 13

⁴⁰⁸ *Nicolau*, nº 5, p. 20

⁴⁰⁹ *Nicolau*, nº 5, p. 20

João Antônio,⁴¹⁰ numa reportagem de 4 páginas, faz uma revisitação da ditadura nas redações, fazendo considerações em torno dos textos do jornal "Movimento", cortado pela censura em nome daqueles famosos valores cristãos e ocidentais que também presidiram às sessões de tortura, prestando, desta forma, mais um serviço à luta pela liberdade de imprensa no Brasil.

⁴¹⁰ Nicolau, nº 6, p. 10 a 13

CAPÍTULO XVIII

MÚSICA

*O homem é imperfeito a não ser
que ele experimente a música na
arte ou na natureza.*

(Walter Dahms - *Fontes da
música*, p. 3)

ORLANDO FRAGA com o violão do lado do dedo

Geraldo Leão



MÚSICO

Orlando Fraga nasceu em Curitiba em 1956. Com o professor Miguel Couto iniciou-se no violão, seguindo seus estudos com Jaime M. Zeamon, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde, em 1979, concluiu o Curso Fundamental. Em 1980 radicou-se em Montevideu (Uruguai), ingressando no Conservatório Universitário de Música. Em 1982 classificou-se em 2.º lugar no Curso das Juventudes Musicais Uruguayas, além de ganhar o 1.º lugar no Concurso do Centro Guitarrístico Uruguayo, o que lhe valeu uma série de recitais em Montevideu.

Além dessa formação, Orlando já esteve sob a orientação dos mais conceituados professores, entre eles Henrique Pinto (SP), Léo Soares (RJ), Alvaro Pierrri (Uruguai), Abel Carlevaro (Uruguai), Miguel Angel Girollet (Argentina), Graciela Pomponio (Argentina), Eduardo Fernández (Uruguai), Henrique Belloc (Argentina), H. J. Koellreuter (Alemanha) e Osvaldo Colarusso (Brasil).

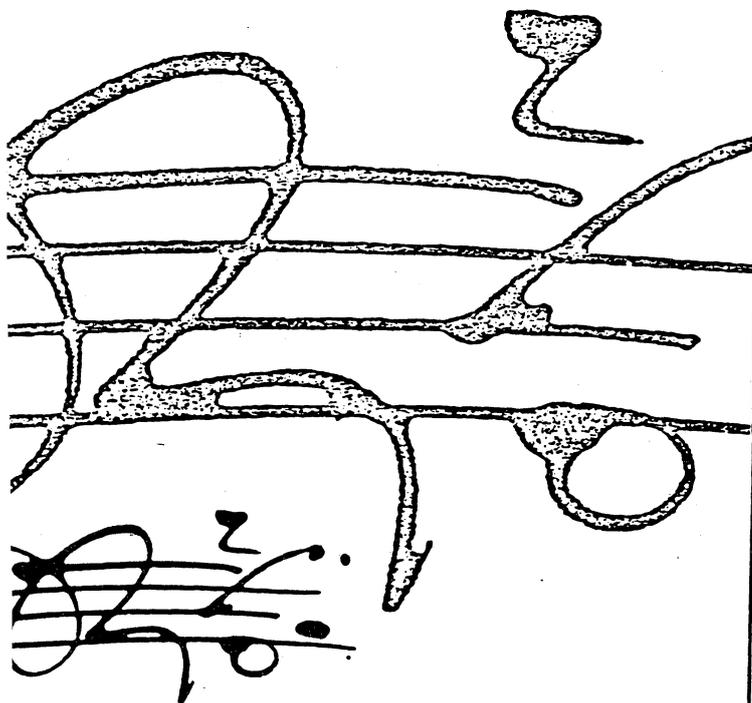
Voltando ao Brasil em 1982, assume a cadeira de violão do Curso Superior de Instrumento da EMBAP, onde divide sua atividade docente com recitais e coordenação de eventos. Realizou o 1.º Seminário Internacional de Violão de Curitiba, os já tradicionais Ciclos de Violão de Curitiba (que estão em sua 8.ª edição), o Festival de Música Contemporânea (com Chico Mello), o Seminário de Violão da EMPAR (3.ª edição) e o Festival de Violão (FCC).

Como professor participou de eventos como Projeto Paraná Canta, Projeto Música Erudita no Interior, Projeto Música nas Escolas, VII Festival de Música de Londrina (SEEC) e Oficina de Música de Curitiba (FCC).

Em 1987 amplia suas atividades, com a publicação de revisões e transcrições de partituras (Ilha Edições, de Curitiba).

MÚSICA

LADO A
FRANCIS POULENC:
Sarabande (1960) (2:58)
ABEL CARLEVARO:
Prelúdios americanos n.º 4 "Ronda" (2:07)
Ed.: Barry & Editorial
MARLOS NOBRE:
Momentos I (1974) (5:48)
Ed.: Max Eschig
LEO BROUWER:
Elogio de la danza (1969) (5:40)
Lento — Obstinato
Ed.: Schott-Mainz
LADO B
ALMEIDA PRADO:
Livro para seis cordas (1974) (8:42)
Discurso
Meditação
Memória
Ed.: Max Eschig
CHICO MELLO:
Do lado do dedo (1986) (10:33)
Produção-executiva: Skylab
Gravação e mixagem: Leozi Zilli
Capa: Geraldo Leão
Gravado em fevereiro de 1987 nos estúdios SKYLAB - Laboratório de Som e Imagem.



que já foi considerado coisa por suas enormes dificuldades (causadas inclusive pelo peso, acaba tornando difícil também dedica a ele. O repertório de outros instrumentos ou de obras de compositores como o dominam as características do violão.

violão, na área dita "erudita", contemporâneo é pedir pra escuta ou compõe música con-

te a atuação desse curitibano para ensinar e divulgar me vem com essa de gravar a contemporânea do Paraná latino-americanos (minto, ando o francês, só dá brasi-

ns este som impressionante o Chico Mello (compositor Berlim) tirou de um violão viola caipira, escola de samicos, e é "só" um violão...

cura explorar de forma inusitada todos os recursos técnicos do instrumento. Aqui a participação do intérprete é de suma relevância, pois é ele quem vai regular o tempo e a dimensão de cada módulo.

A obra inicia com um acorde com harmônicos, que se repete, efeito inspirado na viola caipira. Percussões atrás e acima do braço, na ponte e sobre as cordas, completam o 1.º módulo. A percussão nas cordas segue num movimento obstinado, quando surgem os ligados de mão direita. A afinação em quartos de tom propicia sutis modulações na altura dos sons. A partir daí temos um crescendo contínuo que culmina num longo arpejo nos graves, cujas acentuações nos revelam os ritmos brasileiros embutidos. E nesta altura que a intervenção nas cordas de uma caneta dividirá o braço em duas regiões distintas e peculiares. Um glissando descendente realizado com a caneta marca o final desse módulo. Chegamos então ao "mais lento", onde um pizzicato alla Bartok em fortíssimo dá início a um improviso de aproximadamente 30 segundos. Uma pequena transição nos levará rapidamente ao final, onde um arpejo da mão direita e ligados na mão esquerda, ainda com a caneta dividindo o braço do violão, nos revelam um efeito novo e surpreendente.

O Chico fez essa música pro Orlando e o dito gravou um disco que acaba sendo o acontecimento mais importante da música "informada" do Paraná, que normalmente só usa a informação para repetir, pela bilionésima vez, acordes de Beethoven, que deve se acordar no túmulo com a mesmice, ele que quando era vivo vivia compondo coisa nova pra não ficar sempre tocando na mesma tecla.

" é irmã de "Debaixo do violão. Em maio de 1986, teve sua primeira edição no Violão de Curitiba, 1.º ano. É extremamente sofisticada, pro-

MÚSICA: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

ASSUNÇÃO, Ademir. *Duelo de titãs no país dos banguelas*. II (n° 18): 10, 11, dez. 88.

Entrevista com o grupo Titãs.

ASSUMPÇÃO, Itamar. I (n° 12): 10, jun. 88.

Luiz Tatit, expõe sua trajetória de músico, suas composições com seu novo LP, contendo os novos gestos do artista.

FRAGA, Orlando. I (n° 7): 20, 21, jan. 88.

Geraldo Leão traça o repertório, atuação desse músico curitibano que, além de tocar violão, na área dita "erudita", escolhe um repertório contemporâneo e grava seu primeiro disco somente com autores latino-americanos.

LEÃO, Geraldo.; Orlando Fraga. *Com o violão do lado do dedo*. I (n° 7): 20, 21, jan. 88.

Sua linguagem, extremamente sofisticada, procura explorar de forma inusitada todos os recursos técnicos do instrumento. A matéria mostra na página ao lado, a letra da música na versão português/inglês.

LEITE, Zeca Corrêa. *Um festival em tom maior*. II (n° 14): 24, ago. 88.

Violas, cellos, assobios, cravos, violinos. Londrina faz festival da musa-música, das flautas pânicas às doces harmônicas transversais.

MPB. I (n° 10): 10, 11, abr. 88.

Aramis Millarch revive os anos de ouro da música popular brasileira, nos anos 20 e 40, através de discos e pesquisadores.

MILLARCH, Aramis. *MPB*. I (n° 10): 10, 11, abr. 88.

Livros, discos, pesquisas: a paixão de quem ama a MPB.

MOSSURUNGA, Bento. IV (n° 35): 27, out., nov. 90.

Padre José Penalva, rememora o músico paranaense, compositor de *Guairacá, Capricho, Sonho, Fantasia, Ondas do Iapó, Devaneio, Minueto n° 1*, e fundador da Orquestra Sinfônica do Paraná.

PENALVA, José. *Bento Mossurunga*. IV (n° 35): 27, out., nov. 90.

Bento Mossurunga, com uma ternura infinda, fundou a Orquestra Sinfônica Federal do Paraná.

TATIT, Luiz . *Itamar Assumpção e o rock de breque*. I (n° 12):
10, jun. 88.

A assumpção da música de Itamar aos céus e abóbadas palatinas é irreversível. Ele é um dos mais preciosos e sensíveis compositores brasileiros contemporâneos.

TITÃS. II (n° 18): 10, 11, dez. 88.

Através de uma co-produção da Warner Bross e dos Estúdios Nicolau Corporation, Ademir Assumpção dirige uma entrevista com o grupo de rock "Titãs", com ausência de Arnaldo Antunes, Sérgio Britto e Toni Belloto.

UM FESTIVAL EM TOM MAIOR. II (n° 14): 24, ago. 88.

Zéca Corrêa Leite relata um festival de música em Londrina, já em sua 8ª edição, em 4 de julho de 1988, no teatro Zaqueu de Melo, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura e da Universidade Estadual de Londrina e Prefeitura Municipal.

MÚSICA: ÍNDICE DE ASSUNTOS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU I (nº 7): 20, 21, jan. 88. *Com o violão do lado do dedo*

Geraldo Leão.

Musicista: Orlando Fraga, músico, artista curitibano, formado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná em 1979, participou de inúmeros cursos ligados ao ramo, tendo sido orientado por professores conceituados como Henrique Pinto (SP), Léo Soares (RJ) e outros.

Nesta reportagem, Geraldo Leão traça seu perfil biográfico, bem como sua brilhante atuação gravando um disco que acabou sendo o acontecimento mais importante da música informal do Paraná.

NICOLAU I (nº 10): 10, 11, abr. 88. *MPB*

Aramis Millarch.

Livros, discos, pesquisas: a paixão de quem ama a MPB.

Revisão dos anos de ouro da música popular brasileira (MPB), nos anos 20 e 40 quando ainda inexistia o elepê e as frágeis bolachas de 78 rpm, através de livros, discos e pesquisadores como Leon Barg, um pernambucano que se curitibanizou há anos, apaixonado pela MPB e possuidor de um grande acervo do cancionero brasileiro.

NICOLAU I (n° 12): 10, jun. 88. *Itamar Assumpção e o rock de breque.*

Luiz Tatit.

Musicista: Itamar Assumpção, compositor brasileiro contemporâneo. Nesta reportagem, Luiz Tatit, professor de Lingüística da USP, expõe sua trajetória de músico "que veio vindo com seus toques sutis, soltando sons, silêncios, ruídos, desafinando com o rigor de quem conhece a fundo o difícil em seu ofício".

NICOLAU II (n° 14): 24, ago. 88. *Um festival em tom maior.*

Zeca Corrêa Leite.

Violas, cellos, assobios, cravos, violinos. Londrina faz festival da musa-música, das flautas pânicas às doces harmônicas transversais.

A reportagem relata o festival de música em Londrina, em 4 de julho de 1988, no Teatro Zaqueu de Melo, com a participação de nomes importantes como Olga Prager Coelho, criadora de *Bachianas n° 5* para e violão, composta por Villa Lobos, 500 alunos de todo o país (e países vizinhos), 45 professores, vindos do exterior especialmente para o evento que foi promovido pela Secretaria de Estado de Cultura, da Universidade Estadual de Londrina e Prefeitura Municipal.

NICOLAU II (n° 18): 10, 11, dez. 88. *Duelo de titãs no país dos bangueiros.*

Ademir Assunção.

Entrevista com o grupo Titãs.

NICOLAU IV (n° 35): 27, out., nov. 90. *Bento Mossurunga.*

José Penalva.

Bento Mossurunga, músico e compositor nascido em Castro, em 1859, aprendeu música com o professor Adolfo Corradi, fundador da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Paraná, autor de *Guairacá*, *Devaneio* e o *Hino do Paraná*.

Pe. José Penalva traça um perfil de sua biografia, e de sua profissão como músico e compositor.

MÚSICA: Quadro geral da seção

A música, linguagem universal, também teve seu espaço nas páginas do *Nicolau*, embora de uma forma muito restrita, com apenas seis matérias. É certo que os homens precisam, com instrumentos e vozes, desencadear vibrações que correspondam às suas vibrações internas. Segundo Walter Dahms,⁴¹¹ o homem é imperfeito, a não ser que ele experimente a música na Arte ou na Natureza. Sendo a música o meio primário de expressão, ela é o passo inicial na experiência e na história do homem. Desta forma, cabe ao artista levar luz às profundezas do coração humano. Esta foi a tarefa, por exemplo, do Festival de Música em Londrina,⁴¹² ocorrido em 4 de julho de 1988, no Teatro Zaqueu de Melo, trazendo nomes importantes, vindos especialmente do exterior. Também o Paraná apresentou nas páginas do *Nicolau*, seus artistas preferidos como Bento Mossurunga,⁴¹³ responsável pelo seu hino, Geraldo Leão,⁴¹⁴ mostrando sua brilhante atuação na música informal nacional. Ainda neste espaço foram apresentadas pesquisas sobre a MPB,⁴¹⁵ paixão de muitos brasileiros, entrevistas de seus ídolos como o grupo Titãs e estudos de músicos importantes como Itamar Assumpção, compositor brasileiro contemporâneo.

⁴¹¹ **Fontes da Música**, p. 3

⁴¹² **Nicolau**, nº 14, p. 24

⁴¹³ **Nicolau**, nº 20, p. 21

⁴¹⁴ **Nicolau**, nº 35, p. 27

⁴¹⁵ **Nicolau**, nº 10, p. 10

CAPÍTULO XIX

REVELAÇÕES

*... as palavras são ilusões das
quais esqueceram o que são.*

(Marcos Henrique Guimarães -
Nicolau, nº 49, p. 12, 13)

Revelações

estética da simplicidade

dos escritores do Paraná, REVELAÇÕES faz outra expedição e, entre os originais chegados à redação, descobre o texto de Carlos Dala Stella. Nascido na cidade de Curitiba/PR, em seu tempo jogava bola, matando passarinhos e ajudando a trabalhar na horta da nona. Depois a escola, as redações, a literatura, e sua primeira lembrança literária, aos cinco ou seis anos, a biblioteca do colégio, admirou Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, poetas que hoje mal consegue ler. Ainda na adolescência um professor Mário Quintana, vida e obra, segundo passo poesia do cotidiano. Leu muito e, naturalmente, apreciou João Cabral. A faculdade de Letras o fez ler Grande Sertão: Condições, entre outros. Aos poucos foi descobrindo na raiz da de suas maternas-primas. Agrada-lhe muito a forma como sa, e de certa maneira a inglesa, e sensível àquela raiz, a, com "palavras carbunculo" e "carinhos diamante", que r e compreender subjetivamente o mundo.



Carlos Dala Stella

NO REINO ESCURO DAS RAÍZES

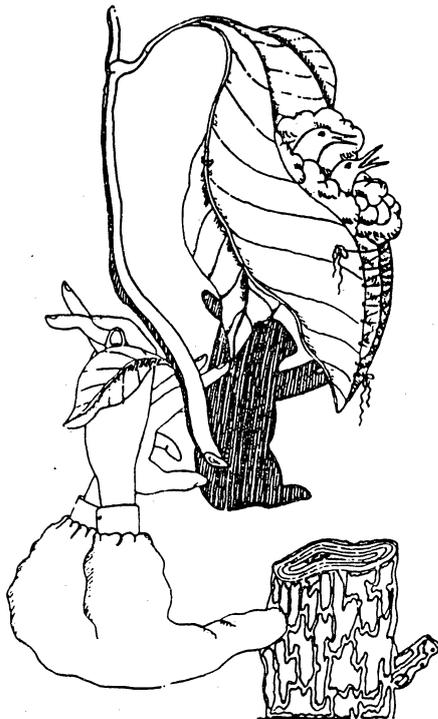
Alas eu sou
um tal dos passarinhos
Paulo Mendes Campos

na manhã
é mesmo de amanhecer
lade vegetal
árvores
arvores

o florescer
mente retorcidos
bras chinesas
perador-pintor Hui-Tsung

no silêncio
lade de existência
pombas
o de rodas
livais montanhosos

o
fluxo desse silêncio
a morte



não há como não encontrar o que busco
não há como esquecê-lo
não há perigo de morrer antes da hora
não há antes da hora

o que busco é continuar
seguir em frente qualquer que seja a direção
pelo menos por enquanto viver

levo comigo minhas mãos e meu silêncio
com elas posso tocar o mundo
e sentir felicidade
meu silêncio está cheio de ovos

o
sentado sobre meu poema
penso na figura do pensador
de Auguste Rodin
penso nos velhos sábios chineses
empinando papagaio
e me pergunto se é pra dentro ou pra fora
a intimidade

o
poucas vezes mudei de endereço
nunca consegui me mudar direito
uma parte de mim sempre acaba ficando
sentada na antiga casa
olhando em volta

medo que algo essencial se perca

n.

i

c.

um agrado em teu corpo
 do mundo que afetivamente expresso
 o que veio vindo do submundo do cerne
 a flor da pele
 o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

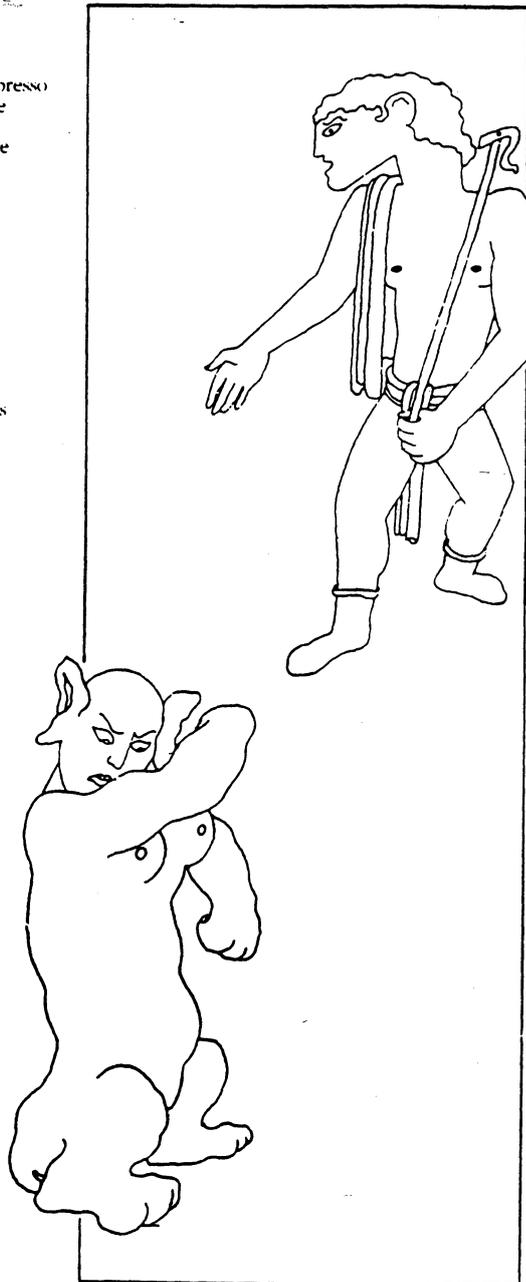
o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não

o que me consente — mudo e agreste
 do físico de ser
 o metafísico de não



por que falar de Kioto
 se o que tenho ao alcance das mãos
 é esta cidade fria
 que soterrou todos os seus rios?
 por que evocar o Templo Dourado
 se estou sozinho a essa hora da noite?
 melhor contentar-me com esta casa
 com a madeira de suas paredes
 e deixar partir meu eu
 com as gaivotas enquanto durmo
 de volta ao mar

antes que o inverno chegue
 a grama estará boa
 para pés e olhos

mas por enquanto é preciso regar
 diariamente as mudas do jardim

a menos que à noite chova

meu pai me passou o gosto pelas estrelas
 o olhar para a imensidão
 sobre o telhado da casa que ele mesmo construiu

como era pequeno o mundo debaixo do céu

sentado nos degraus da área
 ele dividia seu olhar comigo
 como quem parte uma melancia
 e distribui as fatias

o silêncio
 nesse início de inverno
 lembra a metafísica dos brinquedos
 infantis

o silêncio e seus risos
 espalhados pelo chão da casa
 alheio aos guizos e gongos
 da paixão

sob os olhos do meu
 a criança faz seu pequeno silêncio
 infantil

1. Os originais (cinco cópias) devem ser enviados em nome do Conselho Editorial do jornal *Nícelas*.

2. O candidato não pode ter nada publicado em livro.

3. Serão aceitos poesia, conto e fragmentos de romance.

4. O autor deve ser nascido ou residente no Paraná.

5. Os originais devem ter, no máximo, cinco laudas.

6. Junto aos originais, inclua telefone para contato.

7. Os textos não aprovados não serão devolvidos.

8. No caso de nenhum texto atingir a qualidade pretendida, o Conselho Editorial se reserva o direito de nada aprovar.

Envie para Rua Ébano Pereira, nº 240
 Curitiba — Paraná — CEP 80410
 Tel. (041) 225-7117 — Ramal 52

REVELAÇÕES: ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

Textos inéditos, unanimemente escolhidos para estrear a página dupla de *Revelações* que pretende resgatar o melhor da produção literária dos novíssimos escritores paranaenses.

BARCELLOS, Liane. *O sopro do caracol*. VI (n° 42): 24, 25, mar., abr. 92.

BODNAR, Jane Sprenger. *O aprendiz do jardim de povos*. V (38): 12, 13, abr., maio 91.

CORONA, Ricardo. *Raspão d'estrelas*. VI (n° 45): 24, 25, set., out. 92.

DEBÉRTOLIS, Karen. *Caleidoscópio*. VII (n° 54): 14, 15, jul., ago. 94.

DINIZ, Hélio *Os filhos do acaso*. VI (n° 47): 14, 15, mar., abr. 93.

GOMES, Renato Bittencourt. *Camédias: pra ser mais moderno*. VI (n° 43): 14, 15, maio, jun. 92.

GUIMARÃES, Marcos Henrique. *Pétalas bruma*. VI (n° 49): 12, 13, jul., ago. 93.

KUBOTA, Marília. *A paixão segundo Marília Kubota; Lúcia; Gabi; Estela; A criatura; Um jardim impensável*. V (n° 39): 12, 13, jun., jul. 91.

RESENDE, Rollo de. *A Sublime Deriva*. V (n° 41): 22, 23, out., nov. 91.

STELLA, Carlos Dala. *No reino escuro das raízes*. V (n° 40): 20, 21, ago., set. 91.

REVELAÇÕES: ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO

NICOLAU V (nº 38): 12, 13, abr., maio 91. *O aprendiz do jardim de povos.*

Jane Sprenger Bodnar.

Apresentou 18 poemas: *Nuclear, Manteiga em muro de Berlim, Anunciação, Lunar, Dia de polir a prataria, Coreografia, Geografia, Seiva, Fotograma, Percurso da imperícia em dia de praia, Alto-relevo, Possíveis Ciganos pelo idioma, Migração da brisa para o jardim de povos, Aprendiz, Caixinha de música, Acalanto e Casa.*

Poesia de boa feitura, poemas, na maior parte curtos, alguns, apenas flashes verbais, incorporando tanto os recursos da poesia "marginal" dos anos 70, quanto das vanguardas dos anos 60. Apresentando fragmentações, trocadilhos, epigramas, os poemas flagram mini-estados interiores, *migração da brisa para o jardim dos povos*, movimento que se pode chamar de "psicanalíticos".

NICOLAU V (nº 39): 12, 13, jun., jul. 91. *A paixão segundo Marília Kubota, Lúcia, Gabi, Estela, A criatura, Um jardim impensável.*

Marília Kubota.

Apresentou 3 contos, impregnados daquilo que Silvano Santiago define como "Anarquia Formal", que consiste na maleabilidade da forma, sem qualquer pontuação dos textos, se amoldando às situações dramáticas dos enredos, apresentando, textos criativos, que revelam uma dicção em busca de um caminho pessoal.

NICOLAU V (nº 40): 20, 21, ago., set. 91. *No reino escuro das raízes.*

Carlos Dala Stella.

Poeta intimista, buscou "na raiz calada da luz" uma de suas matérias primas.

NICOLAU V (nº 41): 22, 23, out., nov. 91. *A Sublime deriva.*

Rollo de Resende.

Participou das oficinas da poesia *Baú de Signos*, autor do livro-objeto, *Homeopoética*, em co-autoria com Jane Sprenger Bodmar e Fernando Zanella. Apresentou, com Jane Sprenger Bodmar, poemas curtos, em outros enfileira frases justapostas entre as quais o leitor, para compreender o texto, pode inserir articulações.

NICOLAU VI (nº 42): 24, 25, mar., abr. 92. *O sopro do caracol.*

Liane Barcellos.

Apresentou os poemas: *A passagem das Sílfides, Poente com realejo, Naufrágio, Observatório, A taverna da vertigem e o viajante, Aquário com letras gregas e desenhos de peixe, Dança com pés descalços, Tela fauvista com violinos em revoada, Escudo em ouro com cenas de batalha.* Poesia imagista, o autor dá preferência à imagem sobre a mensagem, ao plástico sobre o discursivo. Através da "Fanopéia" (da teoria imagista de Ezra Pound) faz uma correlação entre uma emoção particular e um conjunto de objetos, uma situação, uma cadeia de eventos.

NICOLAU VI (nº 43): 14, 15, maio, jun. 92. *Camédias: pra ser mais moderno.*

Renato Bittencourt Gomes.

Medieval II, (Meandra, Cazuza) - epígrafe -

Nicolau apresentou o ensaio de Renato Bittencourt Gomes, feito durante o curso de Ciências Sociais, que inicia com uma canção: *Medieval II* de Meandra e Cazuza, tratando de família e modernidade urbanas. O tema: "Camadas médias urbanas, família, modernidade" é abordado neste ensaio com base nos textos de Tânia Salem. Ilustra o cosmopolitismo das camadas médias no poema de Ferreira Gullar: *Bicho Urbano*. Com tal procedimento permeia seu ensaio com a ficção, descobrindo que a matéria Antropologia faz fronteira com a Literatura.

NICOLAU VI (n° 45): 24, 25, set., out. 92. *Raspão d'estrelas*.

Ricardo Corona.

Poema: *Esses*.

Poesia concisa, mostrou influências de Cummings, Arnaldo Antunes e Bob Brown, entre outros. Como Arnaldo Antunes, revelou um estilo pessoal de expressão, assentado sobretudo na forma especial de experimentalismo. Interessaram ao autor os recursos visuais nos poemas curtos, pausas, deslocamentos, plasticidade, sonoridade (aliteração) em cada sílaba.

NICOLAU VI (n° 47): 14, 15, mar., abr. 93. *Os filhos do acaso*.

Hélio Diniz.

Fragmento do romance inédito *Os filhos do acaso*.

Como Jorge Amado e Guimarães Rosa, o escritor realista ofereceu uma visão crítica das relações sociais na captação direta dos fatos, no plano da narração documental.

NICOLAU VI (n° 49): 12, 13, jul., ago. 93. *Pétalas bruma*.

Marcos Henrique Guimarães.

Poemas: *Sombras de Flores*, *Traição*, *Bar Tupi*.

Estimulado por Nietzsche, "...as palavras são ilusões das quais esqueceram o que são". Poeta beat do subúrbio, foi no hospício que conseguiu escrever seus melhores poemas.

NICOLAU VII (n° 54): 14, 15, jul., ago. 94. *Caleidoscópio*.

Karen Debértolis.

Incorporou as vanguardas européias como: Surrealismo, Dadaísmo, Futurismo, e processos antropofágicos. Sofreu influências de Borges, Clarice Lispector, Haroldo e Augusto de Campos, Leminski. Prosa poética nos melhores moldes de Clarice Lispector.

REVELAÇÕES: Quadro geral da seção

Esta seção que se intitulou *Revelações* pretendeu resgatar o melhor da produção literária dos novíssimos escritores paranaenses. Nesta incursão, revelou textos raros de romances, poemas, contos, minicontos, ensaios, textos inéditos que eram enviados ao Conselho Editorial do *Jornal Nicolau* obedecendo às regras do jogo, tais como, um máximo de cinco laudas e o autor deveria ser nascido ou residente no Paraná.

O propósito de mostrar a fina artesanaria de talentos não se prolongou para além de dez exemplares, revelando, assim, a escassez de qualidade nas produções, embora centenas de originais chegassem até a coordenação do concurso.

Com tal procedimento, *Nicolau* permitiu a comunicação de experiências novas, pois todo bom poeta, seja ele ou não um grande poeta, sempre tem algo a dar, além do simples prazer de fazer poesia. Segundo T. S. Elliot, "um povo não pode parar de escrever poesia, precisa continuar produzindo grandes autores e especialmente grandes poetas, caso contrário a língua acabará se deteriorando, a cultura acabará deteriorando, sendo talvez absorvida por outra mais forte"⁴¹⁶.

⁴¹⁶ ELLIOT, T.S. *A essência da poesia*, p. 31

Os poetas Jane Sprenger Bodnar,⁴¹⁷ Marília Kubota,⁴¹⁸ Carlos Dala Stella,⁴¹⁹ Ricardo Corona,⁴²⁰ Marcos Henrique Guimarães,⁴²¹ Liane Barcellos,⁴²² pautaram seu ofício pelo rigor e pela busca de novos significados, num momento em que se faz necessário uma ressemantização da poesia, um recarregamento do sentido, uma redescoberta do dizer, pois, diante de um mundo em acelerada transformação e às portas do novo milênio, há necessidade de adequar-se às expectativas da era cibernética. Desta forma, essas manifestações artísticas contemporâneas procuraram o caminho da ruptura, redimensionando a linguagem.

⁴¹⁷ Nicolau, nº 38, p. 12

⁴¹⁸ Nicolau, nº 39, p. 12

⁴¹⁹ Nicolau, nº 40, p. 20

⁴²⁰ Nicolau, nº 45, p. 24

⁴²¹ Nicolau, nº 49, p.12

⁴²² Nicolau, nº 42, p. 24

CAPÍTULO XX

REVELAÇÕES DO PRÓXIMO MILÊNIO

Os dias de hoje exigem que qualquer informação visual seja "sintética" e velozmente resolvida em termos gráficos, não importando a historicidade de sua origem.

(Hermínio Bello de Carvalho - Nicolau, n° 54, p. 12, 13)



Cinema

Sylvio Back

o século XXI já nos bolina os sentidos. Mas, na contra-

s do centenário de nascimento do cinema, a chamada "culculo" — coirmã "analísada" do pesadelo e do sonho — faz mais a transfiguração tecnológica do olho.

agora a imaterialidade do que captamos e arquivamos mos — tal qual fotografamas incendiados ou achados — lembranças que vão-e-vêm, depois não voltam mais). za alguém pensou em holografia. Ou no atual cacoeete *tips* e filmes do gênero — o *mix* tridimensional de trucagens próprias do cinema, da televisão, compu- ca, cenografia, etc. conhecido pelo neologismo de inglês, *blend* — amalgamar num todo harmonioso). ias, se imbricam nos fins óticos, além da fundação que os matriza. A holografia se impôs antes como "olhar das artes plásticas e da poesia visual do que m "neocinema" a sepultar o existente: o *blendo* se com o seu potencial holístico — para o futuro, tanto nr-se logo pela repetição, tanto pode fixar-se como e de "imagem replicante" (parece humano, mas não is um "cinema além do cinema" (...)).

lo cinema, e não é de hoje, é quase uma segunda ele. Quase um personagem. Morte como arte, morte stria, morte como lazer. E ideologia (a que vingou, quase um anátema do que intrínseca a ele).

do radicalismo que presidiu o movimento de maio-68, o cinema chegou a ser proclamada a partir até do ver filmes: "É preciso acabar com a cinefilia" (G. *La Mort du Cinéma*). Vinte anos depois, a ideologia a, o cinema — então indiscriminadamente acoidado s", "arma do capitalismo" (sic) — recidivo.

tra a sobrevivência do cinema deve-se à sua própria :spectáculo de massas e ao onírico que seus fotografamas 1 através das consciências. Uma ciranda de vida-e- da hora posta em xeque: no princípio subestimado o filmado; depois ele mesmo, reverberando (e degluco, a ópera, o balé, o *vaudeville* e o rádio e, nesta :safiado e logo eleito o específico imagético da tele-

cos atentaram no espectro inaugural do cinema é :divel carga de poesia. Lá escondidinha nas engrenara e da lente (a ilusão); lá faiscando do olho armado (a linguagem); lá imiscuida nos grânulos da luz recor- gencia); lá implodindo os neurônios e o *id* do espec- :ção).

esia o "inconsciente coletivo" que animou (literal- ; irmãos Louis e Auguste Lumière a rebelar-se contra que, ao ver a traquitana — o protocinema — funcio- enciou: "Le cinéma est une invention sans avenir". énio começará, pela segunda vez, doravante já como a liturgia, filmado. E a quem caberá homenagear lia do ano 2000 (e quem terá flagrado o "inflagrável" neiras vinte e quatro horas do ano 1900)?

os milhares de videastas que hoje aidetizam a imagem que refazem o périplo mítico do cinema —, então io do velho Lumière já não terá sido apenas uma

uma invenção sem futuro. Ainda que se consagre odeno" ou sintonizado com uma suposta moderni- é por isso mesmo.

ia do cinema é a sua vocação memorial. O cinema

é uma rasteira espacial no tempo. Há nele esse fio invisível, essa tensão a fundir o que se vê com o que não se vê, do conhecido com o intuído — uma vivência poética do olho vertida para uma totalidade a 24 quadros por segundo. Portanto, uma estética incorruptível.

É verdade, tanto quanto o *stress corrosion* da fita de vídeo, os filmes coloridos estão esmaecendo: será por isso que testemu- nhamos o retorno do cinema em preto-e-branco? Ou será nostal- gia atávica do parto (diz-se que quase sempre sonhamos em P/B)?

O século XXI assistirá (caso os próximos anos não antecipem o veredicto) à obsolescência do vídeo como um possível e incen- sado *Ersatz* do cinema, uma espécie de "8ª Arte" (...), que o substituiria no panteão do audiovisual.

A sobrevida do cinema reside exatamente em sua permanente auto-recapitulação, na simbiose mágica da ciência com o mito, da moral com o *divertissement*, da virtualidade com o indizível. O cinema se recapitula nos roteiros, nas enquadrações, nos for- matos, nos esgares dramáticos, na recorrência mecânica e eletrô- nica a si mesmo — como se releitura em movimento de uma pintura rupestre fora.

Ensaiaidas desde a pré-história, as sombras chinesas simboliz- avam a visibilidade pmeva dos nossos temores e ardores de transcendência. O *movies* dos ancestrais já era pura prestidi- gitação.

Da lupa ao caleidoscópio, dos ícones às iluminuras, dos *portraits* aos afrescos e murais, dos vitrais aos santos ocos e barrocos, das lunetas à lanterna mágica, do confessionário ao buraco da fechadura (...) — o cinema se anunciava, se prenunciava.

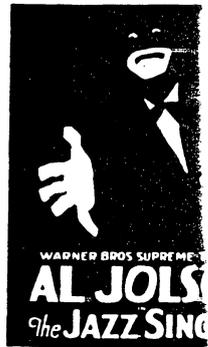
Daí ter nascido "clássico" (como o teatro): filmes coloridos à mão e filmes cantantes: filmes épicos e filmes minimalistas: filmes "naturais" e filmes lunáticos: filmes castos e filmes catástrofes: filmes-prosa e filmes-poema. O que mudou, se tudo (ou nada) mudou? O cinema vem se refilmado num autêntico moto-con- tinuo. E isso vai até quando? — é a pergunta que angustia esta década e angustiará o século a porvir.

Satélites, laser, multimídia — a tela de alta definição planetária. O real sofre a satanização do fictício; o caos assalta a percepção; o simulacro inocula a criação. Todos ficamos à mercê de um feroz derrame de imagens, cujo poder é antes censório do que lúdico.

A baixa amperagem do transe audiovisual circulante transfor- mou o mero olhar e a sua decodificação imaginária num voo anódino, apesar da bazófia técnica que o informa (e deforma). E dela é cada vez menor a possibilidade de safar-se.

Quem sabe ao cinema do amanhã não esteja reservado esse repto, que é o de reverter a falácia e a desordem orgânica que hoje lhe corrompem a poesia?

Tornar indissociáveis o ato de fruir e a arte de inventar imagens. Um cinema, enfim, que nem saia da nossa cabeça e nem por isso deixe de mediatizar a humanidade e seus saltos tecnológicos. Só então teríamos o cinema dos novos tempos: o filme da mente. E o filme da mente não mente.



SYLVIO BACK, 54, nascido em Blumenau/SC, é cineasta e poeta. Autor de 31 filmes, dentre eles os longas-metragens *Maior, Aleluia, Gretchen e Rádio Auriverde*. Tem publico livros (roteiros, contos, ensaios e coletâneas de poesia), e podem ser citados *O Caderno Erótico de Sylvio Back e de Luz*.

PROPOSIÇÕES PARA O PRÓXIMO MILÊNIO: ÍNDICE ALFABÉTICO DE COLABORADORES

BACK, Sylvio. *Cinema para o próximo milênio*. VI (n° 43): 11, maio, jun. 92.

A três anos do centenário do nascimento do cinema, a chamada "arte do século" - coirmã "analisada" do pesadelo e do sonho - é cada vez mais a transfiguração tecnológica do olho.

CARVALHO, Hermínio Bello de. *MPB (para o próximo milênio)*. VII (n° 54): 12, 13, jul., ago. 94.

Os dias de hoje exigem que qualquer informação visual seja "sintética" e velozmente resolvida em termos gráficos, não importando a historicidade de sua origem.

CRENI, Gisela. *Editoração para o próximo milênio*. VI (n° 49): 10, jul., ago. 93.

Morte do editor à antiga.

KATZ, Helena. *Dança para o próximo milênio*. VI (n° 45): 14, 15, set., out. 92.

"A história da dança tem sido trabalhada como a região dos fatos acontecidos, disponíveis para os mais variados entendimentos."

KEHL, Maria Rita. *Psicanálise para o próximo milênio*. VI (n° 48): 24, 25, maio, jun. 93.

LACAZ, Guto. *Artes plásticas para o próximo milênio*. VI (n° 47): 11, mar., abr. 93.

MACHADO, Arlindo. *Jornalismo impresso. (para o próximo milênio)*. VII (n° 52): 14,15, mar, abr. 94.

"Com a vertiginosa expansão da indústria da mídia, o jornal e a revista semanal de informações serão espécimes em extinção ou conseguirão eles manter a hegemonia sobre o tráfego de informação qualificada num futuro próximo?"

MAGALDI, Sábato. *Teatro para o próximo milênio*. VI (n° 44): 08, 09, jul., ago. 92.

"Os espetáculos representam um enriquecimento interior extraordinário, que terá paralelo em outras artes, mas não encontra emoção estética e vital idêntica."

MOISÉS, Leyla Perrone. *Crítica literária (para o próximo milênio)*. VI (n° 50): 10, 11, set., out. 93.

Exemplos de estilos críticos.

NEJAR, Carlos. *A Palavra, para o próximo milênio*. VI (n° 46):
14, 15, nov., dez. 92.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Humor. (para o próximo milênio)*.
VIII (n° 55): 12, 13, set., out. 94.
(Texto e cartuns).

PROPOSIÇÕES PARA O PRÓXIMO MILÊNIO:**ÍNDICE DE MATÉRIAS SEGUNDO A ORDEM DE PUBLICAÇÃO.**

NICOLAU IV (n° 43): 11, maio, jun., 92. *Cinema para o próximo milênio.*

Sylvio Back.

O texto revela preocupações em relação ao século XXI, principalmente em relação ao cinema, desafiado pela televisão, ameaçado de morte, proclamada em maio de 68 e afirma que o cinema é uma estética incorruptível.

Para o cineasta, a sobre-vida do cinema reside em sua permanente auto-recapitulação e vai continuar se reafirmando num autêntico moto contínuo, embora esta situação cause angústia nesta década e no século a porvir.

NICOLAU IV (n° 44): 8, 9, jul., ago. 92. *Teatro para o próximo milênio.*

Sábato Magaldi.

O texto aponta possibilidades de futuro para o teatro, ligado a preocupações de natureza estética e econômica, alegando que o Estado precisa assumir sua inteira responsabilidade, evitando os mecanismos burocratizantes e não interferindo na liberdade de expressão.

NICOLAU IV (n° 45): 14, 15, set., out. 92. *Dança para o próximo milênio.*

Helena Katz.

O texto propõe novos paradigmas para o entendimento do corpo que dança e decorre da ordem nascida da desordem. Este paradigma será o passaporte para se falar de dança no próximo milênio onde aquela se casa com a ciência.

NICOLAU IV (n° 46): 14, 15, nov., dez. 92. *A palavra para o próximo milênio.*

Carlos Nejar.

O texto tece inúmeros pensamentos com base em citações de escritores famosos, sobre a palavra, e encerra afirmando que "Não somos nós que levamos as palavras, mas elas que nos levam."

NICOLAU IV (n° 47): 11, mar., abr. 93. *Artes plásticas para o próximo milênio.*

Guto Lacaz.

NICOLAU IV (n° 48): 24, 25, maio, jun. 93. *Psicanálise para o próximo milênio.*

Maria Rita Kehl.

A psicóloga aponta desafios para a psicanálise nos próximos anos: provar-se científica (desafio que vem tentando enfrentar desde sua criação), ou declarar-se de uma vez como prática não científica. Pensa que o futuro da psicanálise esteja em desistir definitivamente de se provar *científica* e se declare aquilo que é um pensamento articulado, coerente e refinado sobre o homem moderno, baseado numa ética muito cara à modernidade, a ética do sujeito social e da predominância da razão sobre as pulsões.

NICOLAU VI (n° 49): 10, jul., ago. 93. *Editoração para o próximo milênio.*

Giseli Creni. O texto traz considerações sobre o futuro do livro, tendo como base a revolução tecnológica imposta pelo terceiro milênio. Quando surgiram as inovações técnicas do início do século XIX, como a rotativa e a máquina de composição linotipo, previu-se mais uma vez a extinção do livro. A televisão e o cinema eram considerados ameaças à existência do mesmo. No entanto, o livro tal como o conhecemos hoje ocupará durante milhares de anos um lugar sólido em nosso universo.

NICOLAU VI (n° 50): 10, 11, set., out. 93. *Crítica literária para o próximo milênio.*

Leyla Perrone Moisés.

A autora fornece alguns exemplos de estilos críticos como a narratologia, estudos dos "Incipit" romanescos, crítica psicanalítica lacaniana, crítica genética (Estudo dos manuscritos), crítica pós-moderna, crítica feminista.

NICOLAU VII (n° 52): 14, 15, mar., abr. 94. *Jornalismo impresso para o próximo milênio.*

Arlindo Machado.

O texto aborda questões em relação à vertiginosa expansão da indústria da mídia, colocando o jornal e a revista semanal de informações como espécimes em extinção ou a possibilidade de manter a hegemonia sobre o tráfego de informação qualificada num futuro próximo.

NICOLAU VIII (n° 54): 12, 13, jul., ago. 94. *MPB para o próximo milênio.*

Hermínio Bello de Carvalho.

Considerado pela revista *Playboy*, como a maior personalidade da MPB, Hermínio Bello de Carvalho faz uma narrativa futurista com elementos que lembram a própria ficção científica "No terceiro milênio qualquer informação será sintética e velozmente resolvida em termos gráficos, assim como a música que será assintática

sem arabescos harmônicos, desregionalizada, desfibrada de palavras, antijobiniana, enfim.”

NICOLAU VIII (nº 55): 12, 13, set., out. 94. *Humor para o próximo milênio.*

Luis Fernando Veríssimo.

Para o humorista, o futuro será incerto, pois o humor será feito por computadores ao alcance de qualquer brasileiro, uma vez que ele tem o real no bolso.

PROPOSIÇÕES PARA O PRÓXIMO MILÊNIO: Quadro geral da seção

Esta seção foi introduzida nos exemplares de número 43 até o 55 e teve como objetivo colher sugestões e propostas, como o próprio título, para solucionar algumas questões relacionadas ao próximo século que se anuncia. Desta forma foram solicitados textos abrangendo várias áreas como cinema, música, teatro, dança, artes plásticas, psicanálise, editoração, crítica literária, jornalismo impresso, humor e a própria palavra. Muito se imagina como seria o mundo do século XXI; sempre a passagem de um século trouxe e traz inquietações de toda ordem, como as descobertas científicas e a conquista do espaço abrindo possibilidades para contatos com extraterrenos, o apocalipse e outras coisas desse gênero. Por outro lado, o Marketing também pinta o século XXI como o templo da ficção científica, das guerras intergalácticas, da automação total do ser humano. Nesse sentido, os articulistas desta seção profetizaram algumas situações, propondo novos paradigmas para a dança,⁴²³ por exemplo, que deverá ter respaldo científico, ao contrário da psicanálise que deverá deixar definitivamente de ser científica. A grande ameaça para alguns setores como o livro, o teatro, o cinema será a televisão, sintonizada com a modernidade.

⁴²³ Nicolau, nº 45, p. 14

Em relação aos articulistas, nomes consagrados como Luis Fernando Veríssimo,⁴²⁴ escritor e cartunista, Hermínio Bello de Carvalho,⁴²⁵ considerado a maior personalidade da música popular brasileira, entre outros expoentes nas mais diversas áreas, foram solicitados para se pronunciarem.

⁴²⁴ Nicolau, nº 54, p. 12

⁴²⁵ Nicolau, nº 55, p. 12